



Universidade Estadual de Campinas

Futebol de cinco: um esporte possível para cegos

Daniela Eiko Itani

Faculdade de Educação Física

Janeiro/2005.



Universidade Estadual de Campinas

Futebol de cinco: um esporte possível para cegos

*Trabalho de Monografia, sob a orientação do
Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, como
Exigência parcial para o término do
Curso de Educação Física na Modalidade
Bacharel em Treinamento em Esporte.*

Faculdade de Educação Física

Janeiro/2005.

Termo de Aprovação

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida (orientador)

Docente – Departamento do Estudo de Atividade Física Adaptada (DEAFA)

Diretor Associado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Prof. Dr. Edison Duarte

Docente – Departamento do Estudo de Atividade Física Adaptada (DEAFA)

Chefe do Departamento do Estudo de Atividade Física Adaptada

Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo

Docente – Departamento do Estudo de Atividade Física Adaptada (DEAFA)

Campinas, ____ de _____ de 2005.

Agradecimentos

Durante a construção deste trabalho, muitas pessoas importantes passaram e colaboraram em todo o processo. Principalmente três grandes famílias. A primeira é a família de sangue, sempre presente, apoiando as decisões mais difíceis. Obrigada a todos, em especial a minha mãe, pessoa batalhadora e “mestra” nos assuntos diários, sempre com uma mensagem repleta de paz em momentos conturbados.

A segunda é o GEAMA (Grupo de Estudo em Atividade Motora Adaptada), um grupo de estudo que de tanta intimidade podemos afirmar que já se tornou uma grande família. Dificilmente as pessoas se desvinculam. Passa ano, vem ano e esta sempre cresce cada dia mais. Obrigada a todos os amigos, colegas e principalmente aos professores do GEAMA, sempre dispostos a nos ensinar para nos tornarmos bons profissionais, e também nos transmite ensinamentos para a vida. Vocês são pessoas mais que especial, são da “máfia”!!!

Obrigada em especial ao “Tio Passarinho”, Prof. Gavião, que além de orientar este belo trabalho acadêmico, me orienta, emprestando as suas asas, para a vida também. Aos professores Edison, Paulinho e Zé Luis que sempre estão dispostos a ajudar, vocês são d+!!!!

Agradeço, também, imensamente a terceira família, a família ABDC, que sem a qual, este trabalho não seria o mesmo! Obrigada de coração pela abertura e confiança que vocês depositaram para pesquisar, analisar e escrever sobre uma ‘parte’ de vocês. Obrigada em especial a David, Jonas, Van e Jac... Valeu pela força pessoal!

Não poderia deixar de agradecer o Prof. Kleber, pela disponibilidade em ajudar-me, liberando a minha participação em uma das semanas de treinamento da seleção de futebol de cinco. Ao João Batista em me receber na ANDEF e ao Mário Sérgio, Pádua, Roderley e Luizinho, os responsáveis pela seleção brasileira de futebol de cinco, por não se incomodarem com a minha presença no meio da equipe masculina de futebol. Também, pela ajuda e paciência durante o período de coleta de dados em uma das poucas semanas de treinamento.

À vocês, atletas de futebol, apaixonados pelo que fazem, agradeço pelo tempo disponibilizado para esta pesquisa e pelas informações cedidas. Serei eternamente grata a vocês: Anderson, Miza, Andreoni, Nilson, João e aos demais atletas que compõem a seleção brasileira campeã Paraolímpica e pessoas vitoriosas na vida!

Agradeço a “galera da informática” que estão sempre dispostos a resolver e ajudar nas mais variadas situações de ‘perigo’ com o computador! “Brigadão” Ricardo, Filipe, Fátima e aos demais que deixei de citar. Valeu pessoal, se não fossem vocês, o que seria de mim!!!!

Finalizo, agradecendo todas as pessoas com as quais convivi durante todos esses anos, pessoas que passaram pela minha vida e com certeza me ensinou algo, seja para a vida profissional ou para a vida pessoal. Obrigada a galera da II, a amada turma 99D/N, ao casarão e a todas as pessoas que não citei, mas que com certeza são especiais, sejam da faculdade, ou de qualquer outro local. Obrigada!!!!

Todos vocês são pessoas importantes para mim!!!!Valeu!!!

Resumo

O presente trabalho aborda a prática do futebol pelas pessoas deficientes visuais, focando as pessoas cegas (categoria B1), contextualizando seu processo histórico e o seu desenvolvimento no Brasil. Utilizando-se da pesquisa analítica e descritiva, com a realização da revisão bibliográfica, da análise documental e pesquisa histórica, além da entrevista. Usufruímos todas as referências bibliográficas existentes na biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF-UNICAMP), relacionadas ao tema da pesquisa e os documentos da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC). O gosto pelo futebol, o envolvimento nos projetos de extensão na FEF-UNICAMP, voltados a essa população, somadas as participações nos eventos organizados pela (ABDC), e a carência de trabalhos científicos referentes às pessoas cegas e deficientes visuais que praticam o futebol no Brasil instigou-nos a busca de respostas para essa temática – o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil. Discutimos no trabalho os 20 anos da ABDC, esta configurando um quadro positivo no processo histórico do futebol de cinco. Obtivemos resultados crescentes no âmbito nacional, com o aumento de entidades filiadas, e internacionais, com as conquistas inéditas no mundo nesta modalidade esportiva. O futebol é uma das práticas esportivas para cegos, que mais cresce no país, devido à identidade da população cega com a modalidade e todo o trabalho de divulgação e incentivo da ABDC.

Palavras-chaves: futebol; futebol de cinco; cegos; deficientes visuais; esporte adaptado;

Abstract

The present work approaches the practical one of the soccer for the visual deficient people, the focus is blind people (B1 category), its historical context process and its development in Brazil. Using itself of the analytical and descriptive research, with the accomplishment of the bibliographical revision, of the documentary analysis and historical research, beyond the interview. We usufruct all the existing bibliographical references in the library of the College of Physical Education of the State University of Campinas (FEF-UNICAMP), related to the subject of the research and documents of the Brazilian Association of Sports for Blind (ABDC). The taste for the soccer, the involvement in the projects of extension in the FEF-UNICAMP, directed to this population, added the participation in the events organized for ABDC, and the lack of referring scientific works to the blind people that practice the soccer in Brazil instigated us it search of answers for the this thematic - development of the soccer for blind people in Brazil. We argue in the work the 20 years of the ABDC, this configuring a positive picture in the historical process of the five soccer. We got increasing results in the national scope, with the increase of entities felids, and international, with the unknown conquests in the world in this sportive modality. The soccer is one of the practical sportive for blind people, who more grow in the country, due to identity of the blind population with the modality and all the work of spreading and incentive of the ABDC.

Word-keys: soccer; five soccer; blind people; deficient appearances; adapted sport;

Índice

Termo de aprovação	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Índice.....	VII
Lista figuras.....	VIII
Lista tabelas.....	VIII
Lista siglas Internacionais.....	IX
Lista siglas Nacionais.....	IX
Lista Entidades filiadas a ABDC.....	IX
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Texto e contexto do futebol para cegos.....	4
Capítulo 2 – Futebol de cinco, como se joga?.....	14
Capítulo 3 – Brasil...Uma história...Uma potência.....	29
Capítulo 4 – As perspectivas.....	49
Considerações finais.....	53
Bibliografia.....	55
Anexo I (carta de aceite CEP/FCM).....	58
Anexo II (Termo de Consentimento).....	60
Anexo III (Entrevistas).....	61

Figuras

- 1- Banda lateral
- 2- Área do goleiro (visão lateral)
- 3- Área do goleiro (visão frontal)
- 4- A quadra
- 5- A bola
- 6- A bola
- 7- Bandagem
- 8- Disputa de bola
- 9- Disputa de bola
- 10- Disputa de bola
- 11- Goleiro
- 12- Goleiro
- 13- Chamador
- 14- Chamador

Tabelas

- 1- Ordem cronológica dos campeonatos brasileiros
- 2- Entidades participantes dos campeonatos brasileiros

Siglas Internacionais

FIFA – Federação Internacional de Futebol Associado.

FIFUSA – Federação Internacional de Futebol de Salão.

IBSA – Federação Internacional de Esportes para Cegos.

IPC – Comitê Paraolímpico Internacional.

ONCE – Organização Nacional de Cegos da Espanha.

FEDC – Federação Espanhola de Desportos para Cegos

Siglas Nacionais

ABDC – Associação Brasileira de Desporto para Cegos.

ACM – Associação Crista de Moços.

ANDE – Associação Nacional de Desporto para Deficientes.

ANDEF – Associação Niteroiense de Deficientes Físicos.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol.

CBFS – Confederação Brasileira de Futebol de Salão.

CND – Conselho Nacional de Desporto.

Entidades Filiadas a ABDC

1. AACADV/SC – Associação Atlética Catarinense de Deficientes Visuais
2. AADV/PR – Associação Atlética de Deficientes Visuais
3. ABC/BA – Associação Bahiana de Cegos
4. ABDV/DF – Associação Brasiliense de Deficientes Visuais

5. ACEP/PI – Associação dos Cegos do Piauí
6. ACERGS/RS – Associação de Cegos do Rio Grande do Sul
7. ACEVALI/SC – Associação de cegos do Vale do Itajaí
8. ACIC/SC – Associação Catarinense para Integração do Cego
9. ADEVEGO/GO - Associação dos Deficientes Visuais do Estado de Goiás
10. ADEVIBEL/MG – Associação dos Deficientes Visuais de Belo Horizonte
11. ADEVICA/RS - Associação dos Deficientes Visuais de Canoas
12. ADEVICAMP/SP - Associação dos Deficientes Visuais de Campinas
13. ADEVIFRAN/SP - Associação dos Deficientes Visuais de Franca
14. ADEVIG/SP - Associação dos Deficientes Visuais de Guarulhos
15. ADEVIMAR/PR - Associação dos Deficientes Visuais de Maringá
16. ADEVIPAR/PR - Associação dos Deficientes Visuais do Estado do Paraná
17. ADEVIRN/RN - Associação dos Deficientes Visuais do Rio Grande do Norte
18. ADEVISUL/SC - Associação dos Deficientes Visuais do Sul
19. ADEVITRIM/MG - Associação dos Deficientes Visuais do Triângulo Mineiro
20. ADVAM/AM - Associação dos Deficientes Visuais do Amazonas
21. ADVC/RJ - Associação dos Deficientes Visuais de Campos
22. ADVIMS/MS - Associação dos Deficientes Visuais de Mato Grosso do Sul
23. AJIDEVI/SC – Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais
24. AMAC/RJ – Associação Macaense de Apoio aos Cegos
25. AMC/MT – Associação Mato-grossense dos Cegos
26. APACE/PB – Associação Paraibana de Cegos
27. APADEVI/PB – Associação Paraibana de Deficientes Visuais
28. APDV/PA – Associação Paranaense de Deficientes Visuais
29. CADEVI/SP – Centro de Apoio ao Deficiente Visual
30. CCLBC/SP – Centro Cultural Louis Braille Campinas
31. CDVERJ/RJ – Clube do Deficiente Visual do Estado do Rio de Janeiro
32. CEDEMAC/MA – Centro Desportivo Maranhense de Cegos
33. CEDVIMS/MS – Centro Esportivo de Deficientes Visuais do Mato Grosso do Sul
34. CEIBC/RJ – Caixa Escolar do Instituto Benjamin Constant

35. CESEC/SP – Centro de Emancipação Social e Esportiva de Cegos
36. CETEFE/DF – Associação de Centro de Treinamento de Educação Física Especial
37. GREDES/PB – Ginásio Reabilitação de Educação e Desporto de Cegos
38. IBC/RJ – Instituto Benjamin Constant
39. Inst. Nordeste/PB – Instituto Educacional de Cegos do Nordeste
40. ISMAC/MS – Instituto Sul Mato-grossense para Cegos – Florivaldo Vargas
41. LDVAC/AC – Lar dos Deficientes Visuais do Acre
42. ORNAPROC/MG – Organização Nacional Promotora dos Cegos
43. S.J. Operário/RJ – Grêmio Esportivo São José Operário
44. SCLB/RS – Sociedade Louis Braile
45. SELB/ES – Sociedade Louis Braile
46. UNICEP/ES – União dos Cegos Dom Pedro II

Atualmente a ABDC possui no seu cadastro mais de 70 entidades, porém colocamos na lista acima somente as 46 instituições que participaram do campeonato brasileiro de futebol para cegos até o presente momento. Dentre essas 46 entidades 14 (em vermelho) não existem mais no atual registro da ABDC, algumas delas, inclusive, foram extintas, outras não estão filiadas atualmente.

Introdução

É com muito prazer que iremos descrever neste trabalho a prática do futebol. Prática por pessoas especiais, pessoas estas que tem nos demonstrado que sonhar é possível, e que sonhos podem se tornar real, mais cedo do que o esperado.

Tema este que nos instigou devido o nosso envolvimento nos projetos de extensão de atendimento a essas pessoas, o contato próximo com a ABDC, participando ativamente em alguns eventos de futebol de cinco, e a carência de referencias sobre o processo histórico do futebol para cegos no Brasil.

Por esses motivos, citados acima, que pesquisamos, analisamos e discutimos sobre a pessoa deficiente visual e a prática do futebol. De acordo com Almeida (2002), o termo pessoas com deficiências visuais, engloba as pessoas com cegueira e as pessoas com baixa visão (visão subnormal). Portanto, nosso estudo restringe-se as pessoas com cegueira total.

Qualquer modalidade esportiva para pessoas deficientes, quando estas irão competir, há necessidade da classificação médica e/ou funcional dos jogadores para não haver desvantagens discrepantes entre os atletas e/ou as equipes. No caso das modalidades esportivas para deficientes visuais a classificação é oftalmológica e se agrupa da seguinte maneira de acordo com a IBSA (apud Almeida, 2002):

- B1 – não possui nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos e/ou incapacidade de reconhecer objetos e contornos a qualquer distância e direção quando há percepção luminosa.
- B2 - Habilidade de reconhecer objetos ou contornos a uma acuidade visual¹ de 2/60 metros e/ou uma limitação do campo visual² de até 5°.
- B3 – Acuidade visual entre 2/60metros até 6/60metros de visão e/ou campo visual entre 5° e 20°.

A modalidade futebol para deficientes visuais, é composta somente por duas categorias, a categoria B1 (cegos) e a categoria B2/B3 (baixa visão).

¹Acuidade visual, de acordo com Rocha (1987), é a capacidade discriminatória e de identificação que possuímos em cada olho, considerando a identificação à distância.

² Campo visual é a visão periférica da retina com exceção da região da mácula, ou seja, quando queremos visualizar algo, nós centramos a visão no alvo, em outras palavras, é a angulação possível de ser vista. (Rocha, 1987)

Nosso objetivo foi estudar, compreender e relatar à prática do futebol por essas pessoas cegas que visam a competição, discorrendo sobre o órgão responsável pelo desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil, descrevendo o processo histórico e organizacional dos campeonatos no território nacional até os dias de hoje e relatando, brevemente, as conquistas da seleção brasileira de futebol para cegos.

Para a concretização desta arte, recorreremos a diversos métodos de pesquisa, na tentativa de resolver algumas dificuldades encontradas no caminhar do percurso. Este trabalho é do tipo de pesquisa analítica e descritiva sobre o processo histórico da modalidade esportiva, o futebol para cegos no Brasil. Entendemos por pesquisa descritiva o método que organiza os acontecimentos, eventos e tendências de uma maneira coesa. E analítica, o estudo e avaliações aprofundadas sobre as informações disponíveis para explicar alguns momentos (THOMAS e NELSON, 2002).

Tomamos como base os métodos de pesquisa apresentada por Thomas e Nelson (2002), utilizamos a revisão bibliográfica, estruturando esta pesquisa de acordo com Lakatos e Marconi (1991), acerca do tema definido para este trabalho, usufruímos livros, dissertações, teses e artigos da biblioteca da Faculdade de Educação Física e do sistema UNIBIBLI da UNICAMP; e a análise documental e a pesquisa histórica – estudos facilitados pela ABDC, ao liberar os seus arquivos para a concretização deste trabalho. A utilização destes métodos foi para compreender e relatar o desenvolvimento da modalidade esportiva, o futebol para cegos no Brasil e suas terminologias, realizando uma das etapas da pesquisa - analítica.

Para compor esta pesquisa na sua íntegra, tivemos uma etapa descritiva. Somamos no trabalho as informações adquiridas através das entrevistas (roteiro em anexo) realizadas com pessoas que estão direta ou indiretamente relacionadas com a prática do futebol para deficientes visuais no Brasil. As entrevistas foram do tipo temática referente à participação dos entrevistados e seu envolvimento com o futebol. Empregamos o método biográfico, de acordo com Alberti (1990), no qual os entrevistados discorreram sobre um período cronologicamente definido (sua participação com relação ao tema do estudo), a função desempenhada, o envolvimento e a experiência em acontecimentos específicos. Utilizamos um mini-gravador e fitas mini-K7 para arquivar as entrevistas e possibilitar maior fidedignidade das informações fornecidas pelos entrevistados. Posteriormente transcrevemos na íntegra todas as entrevistas, analisamos e selecionamos as informações de relevância para o nosso trabalho.

Entrevistamos 9 pessoas sendo: 02 ex-atletas/dirigentes, 01 técnico e 06 atletas. As entrevistas na sua maioria foram realizadas no período de 30 de julho a 01 de agosto de 2004, em Niterói/RJ, durante uma das semanas de treinamento da seleção brasileira de futebol de cinco para os Jogos Paraolímpicos de Atenas/2004, realizada na Grécia em setembro de 2004. Optamos pelos integrantes da seleção devido à facilidade de contactar atletas de diferentes localidades do Brasil e com tempo de participação no futebol variado. De encontrar, também, os dirigentes nacionais, como técnicos nacionais e coordenadores da modalidade.

Dentre os 9 entrevistados, somente um deles não foi possível neste mesmo local. Tivemos que marcar o dia e a hora para encontrarmos, e foi realizada na cidade de São Paulo em um dos dias do campeonato regional sudeste de 2004.

Ocorreu um problema durante a fase de transcrição das entrevistas. A entrevista com o sujeito E8 esta incompleta devido à perda de uma das fitas mini-k7. Mas, procuramos aproveitar ao máximo as informações fornecidas pelo entrevistado, apesar de não possuímos todas as respostas. A parte existente foi de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Durante a redação tentamos ‘encaixar’ as informações encontradas nos diferentes métodos de pesquisa, para que pudéssemos vislumbrar com as informações oferecidas pelos livros, pelos entrevistados e as pelas descobertas ao mergulharmos nas antigas páginas dos arquivos da ABDC. Dessa maneira, tivemos condições de estruturar o contexto da criação do futebol para cegos no primeiro capítulo do trabalho.

No segundo capítulo, fomos em busca da compreensão do jogo. Fomos em busca das primeiras formas de jogo, para explicar os processo das adaptações das regras, tomando como base às regras oficiais atuais e os relatos de experiências vividas pelos entrevistados. Essas experiências, nos resultaram, também, na compreensão detalhada do desenvolvimento do futebol de cinco e seu processo histórico, desde a fundação da ABDC, fatos estes que apresentamos no terceiro capítulo.

No último capítulo, deixamos que os ‘sonhos’ dos entrevistados, fossem nossos também, pois acreditamos na sua realização, muito em breve. E para concluir o estudo, muitas expectativas e reflexões sobre todos esses processos históricos que o futebol para cegos tem vivido até os dias de hoje nas nossas considerações finais.

Texto e contexto do futebol para cegos

O futebol no Brasil é uma modalidade esportiva que muito se identifica com a população, é considerada hoje uma manifestação cultural brasileira. Apesar desta modalidade chegar ao Brasil como um esporte de elite no final do século XIX, após a década de 20 do século XX é inegável o seu desenvolvimento em todo o território nacional, atingindo direta ou indiretamente todo o povo brasileiro (DAÓLIO, 2003). Atualmente é um tema tão presente no nosso cotidiano, que podemos observar, a sua manifestação constante de diversas formas, seja através de diferentes maneiras de se jogar, ou devido à divulgação através da mídia ou da comercialização de produtos que estão vinculados com esta prática, ou mesmo, o gosto da população do Brasil de se praticar um esporte coletivo com bola.

Esta modalidade esportiva é hoje a paixão nacional, ou de acordo com Castellani Filho (1985) é “a alma nacional”, ou seja, devido às semelhanças exigidas no futebol com as características socioculturais da população nacional, este se tornou parte da nossa cultura (DAÓLIO, 2003). Este último autor, acredita que o desenvolvimento se deve, principalmente, a dois fatores: a existência de negros no Brasil e a facilidade da prática deste esporte em termos de regras, espaço e equipamentos.

Devido à falta de espaços para a construção de campos, principalmente nas áreas urbanas, o futebol passou a ser praticado em quadras. Esta última, cada vez mais presente, sejam elas públicas ou particulares, destinadas aos jogos de vôlei, ou de basquete, ou ainda do handebol. Esta possibilidade de praticar o futebol foi denominada, inicialmente, futebol de salão.

Esta modalidade vem ganhando adeptos, constantemente, devido à facilidade de encontrar quadras, a estimulação da prática nas escolas e a necessidade da presença de poucas pessoas para se praticar (MORATO, 2004).

Uma das versões, para o surgimento do Futebol de Salão, é de que a sua prática começou em meados de 1940, por jovens freqüentadores da ACM, em São Paulo (GARCIA e FAILLA, 1986).

Porém, há autores que atribuem a origem do futebol de salão á ACM de Monte Vidéu/Uruguai. Dizem que, o professor uruguaio Juan Carlos Ceriani criou as primeiras adaptações na década de 30 do século XX, mantendo-se a essência do jogo de futebol. Fundamentando-se, também, no basquete (tempo de jogo), no handebol (validação do gol) e no pólo aquático (ação do goleiro). Essas 'regras', vieram ao Brasil após um curso realizado na ACM de Monte Vidéu, ministrado por este professor, ainda na década de 30, no qual todas as ACM da América Latina participaram (FERREIRA, 1994; TORRES, 1997; SANTANA, 2004). Estes autores, na sua maioria, têm a certeza de que o Brasil foi o maior protagonista da divulgação desta nova modalidade e do aperfeiçoamento, unificação e desenvolvimento das suas regras. Porém, quanto a sua origem, ainda existem algumas discordâncias, como vimos acima.

Garcia e Failla (1986) e Santana (2004) afirmam que, no final da década de 30, houve a publicação das normas e regulamentações da prática de futebol de salão na revista de Educação Física, escrita por Roger Grain, editada no Rio de Janeiro.

De acordo com Garcia e Failla (1986) o número de jogadores foi se adequando com o passar do tempo até chegar no limite de dez pessoas em quadra, cinco para cada equipe. Essa modalidade ficou conhecida como "esporte da bola pesada" devido às adaptações da bola de jogo com o passar dos anos: diminuição do tamanho e aumento do peso para que a bola não saísse com facilidade da quadra.

Verificando o processo histórico do futebol de salão, de acordo com Garcia e Failla (1986), Ferreira (1994), Torres (1997), Santana (2004) e CBFS (2004), citamos abaixo alguns acontecimentos importantes para o desenvolvimento desta modalidade:

- Déc. 30: origem do futebol de salão.
- Déc. 40: uniformização das regras pela Comissão de Futebol da ACM de São Paulo.
- Déc. 50: surgimento das Federações Estaduais, sendo as pioneiras a do Rio de Janeiro e a de São Paulo; regulamentação e oficialização da prática de futebol de salão pela Confederação Brasileira de Desporto; primeiro Campeonato Brasileiro de seleções em São Paulo.
- Déc. 60: expansão do futebol de salão; primeiro Campeonato Sul Americano de futebol de salão.

- Déc. 70: fundação da FIFUSA no Rio de Janeiro e da CBFS com sede em Fortaleza/CE; FIFA começa a se interessar por esta modalidade.
- Déc. 80: internacionalização do futebol de salão; São organizados os primeiros Campeonatos Mundiais entre seleções e entre clubes através da FIFUSA; Autorização da FIFUSA para a prática do futebol de salão feminino.
- Déc. 90: a FIFA cria o *futsal* - junção do futebol de salão praticado no Brasil com o futebol de cinco, praticado na Espanha; a CBF se filia a FIFA na modalidade futsal; a FIFA organiza Campeonatos Mundiais de futsal. Vários países se filiaram a FIFA nesta nova modalidade.

De acordo com Santana (2004) a prática do futebol de salão se mantém com a existência da FIFUSA que ainda organiza competições de âmbito internacional. Porém, a partir da década de 90 iniciou-se, podemos dizer, devido às diferenças em suas regras, uma nova modalidade - o futsal. Muitas pessoas confundem essas duas manifestações, talvez pela ignorância do processo histórico, ou porque compreendem o termo FUTSAL como Garcia e Failla, que em 1986 (10 anos antes do surgimento oficial da modalidade futsal), utilizou esta terminologia em seu livro como sigla do FUTebol de SALão³.

O futebol de salão e o futsal brasileiro sempre tiveram destaque internacional, devido à supremacia técnica dos jogadores, consagrando-se campeões em diversos campeonatos mundiais.

O gosto pelo futebol é imenso, e atualmente o futsal, em específico, possui cada vez mais interessados, principalmente, por ser uma modalidade de fácil acesso e sua prática muito estimulada nas escolas formais. Essa possibilidade de praticar o futebol despertou até mesmo as pessoas deficientes visuais.

Segundo Camargo (1999) o futebol é um caso a parte no meio esportivo para pessoas cegas, pois estes alegam que pelo fato de serem ‘homens’ brasileiros, já nasceram sabendo “jogar bola”. Os deficientes visuais atribuem como habilidades inatas à possibilidade de realização das funções exigidas no futebol de salão.

Percebemos na fala dos entrevistados, citadas abaixo, que os deficientes visuais não se sentiram fora dessa manifestação da cultura esportiva:

³ A partir deste momento, compreenderemos o termo futebol de salão e futsal como sinônimos. Entendemos também que o futebol jogado pelas pessoas cegas tem suas regras baseadas nas da modalidade futsal dirigidas pela FIFA.

“(...) sempre gostei de futebol, sempre gostei de esporte, então eu lembro de, eu lembro de, de ... de futebol, de eu jogar futebol, de praticar esporte já desde criança, desde pequeno. (...) Então... Eu acredito assim, que o potencial nato do jogador brasileiro, isso é incontestável (...) quando eu perdi a visão é..., foi para mim bastante complicado porque o meu grande sonho era ser jogador de futebol, daqui a pouco eu me vi cego, falei: Meu Deus do Céu acabou, né?!? Então eu pensei que não fosse produzir, que não fosse possível mais nada! Meus pais se preocupavam com a educação, com trabalho, mas a minha... a minha... (interrompido pelos colegas). Então, a minha preocupação era única e exclusivamente com a questão se dava para jogar futebol, então quando cheguei no Instituto Padre Chico e vi que as... é..., o pessoal correndo, gritando, perguntei o que era aquilo, aí a Freira disse que: ah... é o pessoal jogando bola. Eu perguntei: Mas não é colégio de cegos? Ela falou: É! Eu: Ué, mas cego?!?!... Aí que eu fiquei sabendo que o cego jogava bola, isso em 1987, quando eu estava perdendo a visão ainda(...).” E2

“A cultura nacional, a cultura brasileira que é o que o futebol faz parte, também não excluiu a pessoas com deficiência visual. Então, na verdade, essa evolução se deu desde... começou... essa prática começou a partir da vontade da pessoa cega, que lá trás jogava futebol muitas vezes com lata. (...) Olha o meu primeiro contato com o esporte propriamente dito se deu desde pequeno. Mas não com pessoas deficientes visuais. Eu a partir dos meus 10, 11 anos, eu já gostava muito da pratica desportiva, então eu já estava atuando dessa maneira com pessoas com visão normal, aí de maneira lúdica. O contato com a participação esportiva com pessoa cegas se deu no início da década de 70. Em 71 quando eu passei, 71, 72 e 73, portanto três anos da minha vida escolar, interno no Instituto Padre Chico. Um instituto especializado em deficiência visual na cidade de São Paulo.” E7

“Na verdade, a minha modalidade, a modalidade que eu mais me identifiquei sempre foi o futebol B1. Então a gente jogava dentro do... começamos a jogar dentro da própria escola, dentro do próprio instituto.” E9

Na fala do entrevistado E2, verificamos a vontade de ter o reconhecimento como jogador de futebol e sua preocupação, da impossibilidade de realizar seu sonho ao perder a visão. Fato este, que reforça a influência do futebol em crianças brasileiras, seja ela deficiente ou não. No entanto, podemos afirmar que hoje ele é um atleta de futebol muito bem sucedido. A maioria dos entrevistados, afirmam que o futebol fez, de alguma forma, parte da sua vida.

Essa vontade de praticar e participar dessa manifestação da cultura esportiva fez com que os deficientes visuais se organizassem e buscassem uma forma efetiva de competições nacionais⁴, exclusivos para a modalidade. Sonho que se concretizou, somente, na década de 80. Após a criação de um órgão nacional⁵ que visa o desenvolvimento dos esportes para deficientes visuais.

⁴ Falaremos no capítulo 3 sobre a história do futebol para cegos no Brasil com maiores detalhes.

⁵ Falaremos mais sobre esse órgão no Capítulo 3.

Este órgão sistematizou e organizou as primeiras competições exclusivas de futebol para cegos no âmbito nacional.

No Brasil não temos estudos científicos que comprovem a data do início da prática desta modalidade por pessoas deficientes visuais. Porém, a indícios, como podemos observar nos relatos acima, que os entrevistados tiveram contato com o futebol ainda criança, a partir da inserção nas escolas especializadas no atendimento as crianças deficientes visuais.

De acordo com a FEDC (2004), o futebol começou a ser praticado em meados de 1920, na Espanha, durante os intervalos dos colégios e institutos especializados para atender pessoas com deficiências visuais. Modalidade esportiva que nasceu como um simples passatempo escolar, demonstrou ser atrativo para estas pessoas, e se tornou um fenômeno cultural de massa, compreendendo a cultura no sentido mais amplo da palavra.

A prática do futebol pela população deficiente visual do Brasil, tem seu início, aparentemente conforme os relatos dos entrevistados, nas escolas e institutos como na Espanha. Na sua grande maioria, eram estimuladas durante as aulas de educação física⁶, e jogado durante os intervalos dos institutos⁷ e das escolas.

Em alguns casos o início desta prática deu-se devido a convivência com crianças não deficientes de uma maneira mais lúdica, fora do ambiente formal. Esses indícios são reforçados ao observarmos as falas dos entrevistados abaixo:

“Eu nasci com glaucoma congênita, aí, eu perdi a vista esquerda com 5 anos. Entrei numa escolinha regular normal, aí o médico que fazia tratamento da minha, da minha glaucoma em Ribeirão Preto, falou que eu iria ficar cego mais ou menos aos 14 anos. E a glaucoma ela era gradativa e não tinha jeito, então ele me indicou para eu vir para São Paulo no Instituto Padre Chico. Aí eu vim com 6 anos, comecei a estudar no Padre Chico e, e estudava. Aprendi o Braille com um olho e estudava em tinta. Aí com 13 anos fiquei cego total e tive que fazer a readaptação de novo. E o esporte desde que eu entrei no colégio jogava. E quando fiquei cego, com 13 anos, eu continuei jogando, eu fiz judô, natação, atletismo...” E5

“Na verdade mesmo quando não conhecia o Benjamin Constant [Instituto que se localiza no Rio de Janeiro], eu sempre falo, eu tive uma infância normal. Então eu brincava lá com meus irmãos, botava um saco na bola e brincava lá. Brincava de qualquer coisa: pic, bola, coisas

⁶ Infelizmente não tivemos tempo hábil para entrar em contato com as escolas e institutos especializados para verificar se há registros da prática do futebol em diários de classe da disciplina de educação física.

⁷ De acordo com Conde (2001), o Instituto Benjamin Constant foi a primeira organização formal especializada no atendimento as pessoas com deficiência visual da América Latina, criado em 1854, na cidade do Rio de Janeiro, na época nomeada Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

de crianças mesmo. Daí já queria porque queria jogar futebol e outras coisas mais de ta ingressando no meio esportivo.” E6

“(...) até porque, a gente tem conhecimento que dentro das nossas instituições, dentro de nossos institutos, Instituto São Rafael/MG, Padre Chico/SP, Benjamim Constain/RJ, Santa Luzia/RS, Instituto de Cegos/PR a prática do futebol já se dava desde a década de 50 (...)” E7

“Na verdade o que a gente sabe, disso que a gente tem informação, era dos institutos que desenvolvia o desporto para cegos e o carro chefe sempre foi o futebol, por sermos inclusive o país do futebol, essa coisa toda (...)” E9

Foi a partir dessa vontade de ‘jogar bola’ e de ter o reconhecimento/oficialização desta prática, que as pessoas com deficiência visual se organizaram e fundaram a organização nacional – ABDC. Esta além de propiciar as competições de futebol, estimula também, a prática desta e de outras modalidades esportivas para deficientes visuais.

Temos no Brasil muitos adeptos da modalidade futebol, e atualmente, vários títulos de competições internacionais relevantes, tornando a nossa nação, uma potência mundial no futebol para cegos.

A criação da IBSA⁸ foi um dos principais acontecimentos no início da década de 80, para o desenvolvimento internacional dos esportes para cegos. Visto que, é o órgão máximo responsável pela estimulação das manifestações esportivas para deficientes visuais no mundo (CAMARGO,1999; ABDC, 2004; FEDC, 2004). A fundação da ABDC foi neste mesmo período.

Em 1986 foi disputado o primeiro campeonato espanhol de futebol para cegos em Madrid, possibilitando a oficialização e a regulamentação desta modalidade neste país (FEDC, 2004). Essa prática também já se oficializava, no Brasil, com o campeonato brasileiro que aconteceu nesta mesma data (ABDC, 2004). Ou seja, esses dois países estavam, concomitantemente, oficializando a prática do futebol para pessoas cegas baseando-se nas regras do futebol de salão convencional. No caso da Espanha, denominado futebol de cinco⁹.

Apesar do futebol para cegos ser oficializada somente na década de 80, podemos dizer que já havia organizações de eventos nas décadas anteriores, como podemos observar na descrição abaixo:

⁸ na época denominada International Blind Sport Association.

⁹ Nomenclatura esta que foi extinta após a internacionalização desta modalidade sob a responsabilidade da FIFA, alterando o nome para futsal.

“Sim, na verdade em 70 e em 71 não havia ainda uma regulamentação desta modalidade para deficientes visuais, então de maneira lúdica nos brincávamos de jogar futebol de salão. Já que se praticava nessa época, nesse colégio que eu citei [se refere ao Instituto Padre Chico], em pátio que havia uma cancha de futebol de salão. Uma cancha aberta que era o nosso pátio de brincadeira. Então nesse momento nós atuávamos nessa quadra de futebol de salão.” E7

De acordo com Araújo (2003), na década de 70, além dessas manifestações, acima citadas, houve a criação da ANDE, que tinha por objetivo o atendimento e estimulação das práticas esportivas para os deficientes em geral (todos os ‘tipos’ de deficiência)¹⁰. Tivemos também, relatos de iniciativa das APAEs, organizando competições que agregavam outras deficiências. Constatamos a participação de alguns dos entrevistados em eventos esportivos organizados nesse período, no qual a modalidade futebol estava inclusa:

“Existiu em 1978...78 ou 79, acho que 79. Um campeonato, uma olimpíadas que teve em todo Brasil de cegos, é... no qual o Padre Chico participou, eu não joguei, uma porque eu era muito pequeno e outra que eu era, que eu era... e 79 eu não entrei como jogador porque eu era guia de fila de desfile, de essas coisas todas. Aí em 1984, nós do Padre Chico, nós participamos de um campeonato paulista e fomos campeões pelo Padre Chico. E eu fui o artilheiro da competição.” E5

“(...) no final do ano de 1980, nós começamos a vislumbrar a possibilidade da realização de torneios, campeonatos entre deficientes visuais sem a participação das APAEs, por exemplo. Então nós, nesta ocasião, no final do ano de 80, depois desse contato com outras entidades (...) nós fizéssemos uma partida de futebol amistosa em Santa Catarina, em Florianópolis. Partida essa que se realizou em Lagoa Iate Clube, conhecida por LIC, lá em Florianópolis (...) Em 1981, em janeiro de 1981, nós fomos convidados pela ANDE (Associação Nacional de Desporto para Excepcionais) presidida, na época, pelo Sr. Aldo Micoles, fomos convidados para uma reunião em Curitiba que preparava os jogos nacionais da ANDE para o ano de 81. Também que seria realizada, também, em 81. (...) Depois disso em, após essa reunião, nós criamos, ou pelo menos, idealizamos os campeonatos, ou torneios Sul Brasileiro de futebol de salão para deficientes visuais. Que diga-se de passagem, foi realizado o primeiro dele em março de 1981, na cidade de Porto Alegre (...) eu comecei a participar desde 80, naquelas olimpíadas da APAEs. Em 81 nos torneios Sul Brasileiro, 2, 3, em 83, 84 e de lá pra cá eu vim participando de todos os campeonatos nacionais de futebol, futebol de salão (...) É, nós participávamos, como eu te disse, nessa ocasião, junto a ANDE. E que se tornou jogos nacionais para deficientes visuais, onde outras modalidades também participavam. O atletismo, a natação. Então, especificamente do futebol de salão, a primeira vez que se separou das demais modalidades foi em 86 na Copa Brasil(...).” E7

“(...) aí, tinha algumas competições intercolégiais e durante um período a ANDE, que é a Associação Nacional de Desporto de Deficiente, organizava basicamente competições para

¹⁰ Os eventos esportivos organizados pela ANDE englobava todos os deficientes.

todas as áreas de deficientes. Então lá cerca de 81, de 81 a 83, então a gente sabe superficialmente dessas competições.” E9

O primeiro evento de âmbito internacional com a participação de uma equipe brasileira foi em 1988, na comemoração dos 50 anos da ONCE, no qual houve apresentação de futebol para cegos. Isso significa que a organização espanhola existe desde 1938, e talvez a prática sistematizada do futebol de cinco pela população cega espanhola tenha se iniciado neste período. Abaixo, relatos da participação de alguns dos entrevistados neste evento internacional:

“A minha primeira participação na seleção brasileira foi em 1988, num campeonato que a ONCE, da Espanha, promoveu e nós fomos para lá” E3

“Bem, no que se refere à organização, eu posso te afirmar que nesse período nós já estávamos buscando a regulamentação do futsal, né, o futebol de salão no mundo. Nós tivemos em 1988 um convite da ONCE (Organização Nacional de Cegos da Espanha) para participação da nossa equipe no cinquentenário dessa ONCE. Então fomos a Espanha com uma equipe brasileira, uma equipe de uma seleção brasileira atuar nesse torneio como alguns outros países, além da Espanha também.” E7

Mas, somente em 1995, foi criado um subcomitê de futebol de salão da IBSA, regulamentando internacionalmente a modalidade, estendendo as regras por todos os países filiados a ela, para a promoção deste esporte (IBSA, 2004; FEDC, 2004).

Em 1997, houve a organização da primeira “Copa América”. Porém, mesmo antes dessa data, havia competições no âmbito internacional, principalmente entre os países da América Latina, como consta em algumas experiências pessoais, relatadas a seguir:

“Porque na época que eu comecei a praticar, eu lembro que em 1994, o Brasil organizou os jogos latino-americano e só haviam três equipes que jogavam o futebol na América do Sul, que eram Brasil, Argentina e Colômbia, e até veio a Espanha como convidado.” E2

“(…) fui para seleção brasileira, em 91, na Argentina.” E5

“Olha só, em 95 eu viajei para Argentina pro goalball, só que lá teve um torneio de futebol e eu fui convidado e eu participei lá.” E6

“A gente teve a oportunidade de mesmo em 95 de ta integrando a seleção brasileira que foi campeã Pan-Americana lá em Buenos Aires.” E9

Até o presente momento, 2004, tivemos quatro edições da Copa América, sendo realizadas, de dois em dois anos, de acordo com ABDC (2004), respectivamente em:

- **1997 I Copa América** - Realizada em Assunção/Paraguai.
- **1999 II Copa América** - Realizada em Buenos Aires/Argentina.
- **2001 III Copa América** - Realizada em Paulínia/Brasil.
- **2003 IV Copa América** - Realizada em Bogotá/Colômbia.

O aumento de países praticantes desta ‘nova modalidade’ para cegos foi notável a partir do momento em que a IBSA fundou o subcomitê de futebol. Isso possibilitou a universalização das regras, a divulgação e o desenvolvimento desta modalidade no mundo.

As adaptações das regras da modalidade acontecem sob responsabilidade da IBSA. São adaptações realizadas a partir das regras do futsal convencional¹¹ que é dirigida pela FIFA.

Podemos afirmar que o Brasil, desde a fundação da IBSA, teve destaque na modalidade futebol. Um fator primordial para se tornar a sede do primeiro Campeonato Mundial de Futsal da IBSA¹², para categoria B1, em 1998. Temos até o presente momento, três edições do mundial (ABDC, 2004):

- **1998 I Mundial de Futsal B1** - Realizado em Paulínia/Brasil
- **2000 II Mundial de Futsal B1** - Realizado em Jerez de La Frontera/Espanha
- **2002 III Mundial de Futsal B1** - Realizado no Rio de Janeiro/Brasil

É interessante notarmos que estes três eventos foram realizados somente em dois países: no Brasil e na Espanha. E ao estudarmos a evolução do futebol para cegos, podemos afirmar que, esses dois países tiveram um papel fundamental no desenvolvimento desta modalidade como um todo.

O crescente desenvolvimento do esporte em questão foi positivo ao longo do tempo, acarretando a sua inclusão nos Jogos Paraolímpicos de Atenas/2004. Inclusão esta que foi importantíssimo, visto que, as Paraolimpíadas é o ápice do desporto adaptado¹³.

O IPC, juntamente com a IBSA e a FIFA, reestruturaram as regras do futebol para cegos em 2004 para os Jogos de Atenas. Essa reestruturação trouxe consigo a alteração da nomenclatura desta modalidade, oficializando a partir desta data o nome de FUTEBOL DE CINCO (IPC, 2004, IBSA, 2004). Acreditamos que essa alteração da terminologia foi para

¹¹ Compreendemos por futsal convencional, o jogo de futebol realizado em quadras ou salões, com regras dirigidas pela FIFA. Ou poderíamos dizer, futebol de salão, considerando as mudanças na década de 90, tendo a FIFA como responsável pelo seu desenvolvimento.

¹² Nomenclatura dada para o evento: ‘Campeonato Mundial de Futsal B1 da IBSA’.

¹³ Desporto Adaptado, de acordo com Winnick (2004), são as experiências esportivas que são construídas para suprir as necessidades de um indivíduo ou de um grupo, ou modalidades que passam por modificações em suas regras visando a inclusão de deficiente na vida social ‘normal’.

diferenciar essa manifestação de futebol das demais, e também para retirar da palavra - cego e/ou deficiente visual - a presença de estigmas e/ou preconceitos ao cita-lo¹⁴.

É notável a evolução que o futebol para cegos (futebol de cinco) vêm sofrendo até o presente momento. Porém, para tal, foi necessário, muitas alterações em suas regras, possibilitando a sua realização e divulgação em todo o mundo.

“Na verdade eu acho que a maior conquista nossa foi conseguir fazer com que o futebol de salão para cegos se tornasse modalidade paraolímpica. Honestamente, é...teve um determinado período que eu imaginei, que eu não fosse... que não fosse possível eu pegar essa fase, é, do futebol paraolímpico. Imaginei que isso ia demorar um pouco, então acho que isso acabou valendo a pena.(...)” E2

“(...) a Paraolimpíadas é realmente o ápice da nossa montanha. (...)” E4

“Olha, eu creio que a entrada do futebol nos jogos Paraolímpicos é um marco, é algo novo pro mundo, o que significa na minha opinião o desenvolvimento. O primeiro passo para o desenvolvimento do desporto no mundo. (...) eu tenho certeza que vai ser um ponto de desenvolvimento muito grande para o desporto no mundo – a Paraolimpíadas. E dentro do Brasil, logicamente, porque todo atleta e toda a visão não é diferente. Ele busca chegar no ápice, e o ápice pra todo atleta, sem duvida, é os jogos paraolímpicos. O atleta deficiente visual, se para o atleta sem nenhuma deficiência os jogos olímpicos é a maior festa do desporto mundial, para as pessoas deficientes os jogos paraolímpicos não deixa de ser também essa maior festa do desporto mundial.” E7

Percebemos que os atletas sabem a importância para o desenvolvimento do futebol de cinco como modalidade oficial dos Jogos Paraolímpicos, como verificamos nos discursos acima dos entrevistados. Com certeza, a inclusão desta modalidade nas Paraolimpíadas é um marco de grande importância para o desenvolvimento do futebol de cinco no mundo.

Falaremos adiante, no capítulo seguinte, as alterações das regras do futsal convencional para a construção da “nova” modalidade esportiva- o futebol de cinco, para que esta se tornasse oficial no maior evento do desporto adaptado. Discutiremos as principais adaptações, relatando algumas características significativas no processo de evolução desta modalidade no Brasil.

¹⁴ Acreditamos nesta explicação devido a existência da modalidade futebol de sete, nas Paraolimpíadas, que é direcionada as pessoas com paralisia cerebral.

Futebol de cinco, como se joga?

No capítulo anterior pudemos conhecer um pouco da história do futebol praticado pelos deficientes visuais, e compreender um pouco as terminologias utilizadas para descrever esta manifestação, determinada a partir deste ano, 2004, como futebol de cinco.

A partir deste momento, viajaremos um pouco no tempo, para entender e conhecer a história das adaptações que foram necessárias para que a pessoa cega pudesse jogar futebol no maior evento do desporto adaptado, as Paraolimpíadas.

Freitas e Cidade (2000) dizem que nesta modalidade as regras são idênticas as da prática convencional. Elas não discriminam as categorias (B1 e B2/B3), simplesmente expõe a possibilidade dos deficientes visuais praticarem o futebol. Porém sabemos que são necessárias algumas adaptações para um cego total jogar futebol, visto a ausência da percepção visual. Portanto, existem mudanças significativas, para que estes possam jogar com integridade.

As regras do jogo foram adaptadas, levando em consideração as características das pessoas cegas, reestruturando de modo que estas tivessem condições de jogar sem depender de outras pessoas para avisar onde esta a bola. Hoje, os parâmetros para organizar as regras do futebol de cinco são as de futsal, dirigida pela FIFA, como vimos no capítulo anterior.

Resumimos essa ‘re’-organização das regras na fala do entrevistado E2, onde ele diz: “(...) *a vontade de jogar o futebol fez com que os jogadores, os praticantes da modalidade tivessem, desenvolvessem a criatividade de uma forma que se nós formos analisar friamente, até surpreende(...).*”

Segundo Costa e Takahashi (1983 apud ARAÚJO, 2003), no Brasil sempre houve iniciativas de popularização dos esportes com adaptações das atividades conforme as necessidades dos locais, mesmo antes de idealizar um projeto que estimulasse e possibilitasse as pessoas à realização de uma atividade física, como o projeto “Esporte para todos”, proposta na década de 70.

¹⁵ Texto escrito baseado nas regras oficiais do futebol de cinco.

De acordo com alguns entrevistados, no Brasil, os cegos praticavam inicialmente, o futebol de salão sem alterações em suas regras, como podemos observar nas seguintes falas:

“É...Olha o futebol é ele, ele sofreu uma transformação, nós tínhamos regras próprias no Brasil que assemelhava muito o futebol de salão para cegos ao futebol de salão convencional. É... as regras eram praticamente as mesmas, e coisa que hoje não ocorre (...) Aí houveram uma série de modificações, mas no início quando do início da minha pratica, é... na modalidade oficialmente, as regras eram extremamente similares ao futebol de salão convencional.” E2

“Bom...o contato com o futebol foi por volta de 1985, quando eu conheci um pessoal que jogava futebol.” E3

Conde (2001) faz algumas distinções da prática do futebol dos deficientes visuais, de maneira breve, inclusive, da divisão da categoria. Abaixo, a explanação do autor sobre o futebol para cegos:

“Os atletas de linha jogam de vendas e bandagens nos olhos, sendo o goleiro de visão normal. Existem pequenas adaptações nas regras do futsal, sendo que estas não descaracterizam o esporte. Ao longo das linhas laterais existem bandas laterais, de 1,50m de altura. Com isso, não há saída da bola pelas linhas laterais, tornando o jogo mais dinâmico. Os goleiros são atletas de visão normal. Eles atuam numa área restrita de 5x2m” (pg. 163).

Essas alterações que o autor (Conde) citou acima, são algumas mudanças ocorridas na regra do futsal para DVs¹⁶, em 1996, após criação do subcômite de futebol da IBSA, em 1995, assegurando a diminuição da frequência e da quantidade de atletas feridos durante uma partida, e a oficialização, desta forma, da unificação das regras.

Podemos observar abaixo comentários sobre o período:

“Pra mim o futebol em si era a mesma coisa, (...) as regras do futebol desde 1996 até agora, né, era praticamente as mesmas(...)” E4

“Na verdade, as modificações elas se deram principalmente pelas modificações das regras, até porque, até 199... Até inícios dos anos 90, 93, 94, nós não nos utilizávamos das bandas laterais.(...)” E7

Oliveira Filho (2003) descreve com mais detalhes algumas dessas alterações, como por exemplo, a quadra, o goleiro, a bola, e a necessidade de um processo pedagógico adequado para trabalhar a orientação espacial dos atletas.

Verificamos nas entrevistas alguns comentários referentes a essas mudanças:

¹⁶ A terminologia deficientes visuais será utilizada, a partir deste momento, como DVs.

- A quadra:

“Quando comecei não existia a banda ... lateral.(...)” E1

“É...houveram várias adaptações, como a banda lateral que impede a saída de bola(...)” E2

“Claro que com algumas adaptações, como é o caso da banda, como é o caso da área para o goleiro que é um pouco menor, então é basicamente é isso, o resto, é praticamente... não tem diferença, né.(...) Quando eu comecei ainda não tinha, jogava com as laterais, a bola saía se cobrava lateral normalmente, então na época não tinha banda, inclusive a área era um pouquinho maior, do goleiro, e a gente não podia fazer gol de dentro da área. Tinha esses detalhes ainda. (...)” E3

“(...) eu comecei em 1995 não tinha essa banda.(...)” E4

“Ah, eu observei que tem a banda, né.(...)” E5

“(...) e nem a banda. Realmente se você pegar alguma fita de um jogo que não tinha banda, era muito lateral. Bola saía pra lá, saía para cá... e hoje em dia não tem. O pessoal reclama muito que descaracterizou o futebol, mas na minha opinião, infelizmente tem que ser desse jeito, tem que ter a banda mesmo.” E6

“(...) Até inícios dos anos 90, 93, 94, nós não nos utilizávamos das bandas laterais. Banda que hoje existe para evitar a bola ir para lateral. Então era um jogo um pouco mais lento, já que você, para que ao dominar a bola dentro dessa quadra, você teria que dar os passos, principalmente, mais lento porque se não ficaria mais difícil ou era mais difícil de você dominar a bola antes que ela fosse para a lateral. Então, eu creio que esta evolução, esta mudança ela se deu principalmente através da mudança da regra. Do estabelecimento dessa bandas laterais, do estabelecimento da obrigatoriedade do aviso quando o defensor vai em direção a bola (...) Hoje qualquer bola que você jogue pros lados da quadra, ele não sai para lateral, então, hoje um passe já não tem aquela preocupação de fazer com que a bola chegue ao seu companheiro de maneira que ele possa receber. Você pode até mandar um passe mais forte que ela vai passar por ele, vai bater nessa banda lateral e ele terá condições de ainda ir atrás dela, receber ou alguma coisa assim(...)Por outro lado com a limitação da área de ação desse goleiro, também trás a ele um prejuízo. Na nossa época o goleiro de visão parcial ele podia agir, atuar em toda a área da quadra de futsal. Hoje não, os nossos goleiros têm uma área reduzida de dois metros para frente do gol e um metro para lado de cada poste. Então ele também tem essa visão, essa ação reduzida e dificultada. Mas eu creio que hoje nós podemos, temos mais, vamos dizer assim, mais agilidade até na reposição de bola, no passe desse goleiro, no lançamento desse goleiro. Então na verdade eu creio, assim, principalmente na segurança daqueles goleiros com deficiência visual parcial, eu creio que essa mudança veio a favorecer o desporto.(...)” E7

“É, a banda lateral é mais pra ter um limite dos meninos não saírem muito, porque nem todos eles tem a percepção do espaço da quadra.(...) vi que tinha um pouco, assim, de diferença pra mim que sou goleiro. E no futebol de salão você trabalha mais para defender a bola, e às vezes também para atacar, porque no futebol de salão convencional você pode sai

da área, essas coisas todas. No futebol de salão de cegos, nos temos o limite que é de 2m que é a área nossa, não podemos sair dela. E além de pegar a bola, nós servimos também mais como base de orientação pra a defesa.” E8

“A questão da banda, então, eu acho que é um esporte, uma modalidade bastante estruturada. É basicamente... era a questão da banda lateral, ta, que não existia, então se jogava com lateral.” E9

Portanto, como verificamos nas falas acima, duas alterações com relação à quadra, bastantes polêmicas: a presença da ‘banda lateral’ (esta pode ter entre 1m a 1,20m de altura e percorre toda a extensão da linha lateral, deve ficar sob esta linha); e a área do goleiro foi reduzida para 5x2 (tem a dimensão do comprimento do gol, que é de 3m, mais um metro para cada lado; Com dois metros de largura, tomando como base a linha de fundo, são dois metros a frente do gol). Nas figuras 1, 2 e 3 podemos visualizar essas alterações.

Vimos anteriormente, no início deste capítulo, a afirmação de Conde (2001) com relação a banda lateral, dizendo que esta possui 1,50m de altura, porém na regra oficial diz que a banda pode variar entre 1m a 1,20m de altura, como acabamos de verificar.

A dimensão da quadra (figura 4) é a mesma que a de futsal [Comprimento: 42 metros (máximo)-32 metros (mínimo) e Largura: 22 metros (máximos)-18 metros (mínimos)]. É necessário também que o local de jogo não seja fechada devido à acústica do jogo. Pode-se jogar em uma quadra ou em locais com grama natural ou sintética.



Figura 1: Banda Lateral



Figura 2: Área do goleiro (visão lateral)



Figura 3: Área do goleiro (visão frontal)



Figura 4: a quadra

- A bola:

“(...) É...a bola cada país cada cidade jogava com a sua bola.(...)” E1

“(...) No inicio o futebol começou a ser jogado com lata, então o cego percebeu que a lata ela tinha um som, e começou a chutar essa lata porque daí era possível localizar a lata e continuar jogando. Depois passou por processo da bola dentro da sacola, depois pelo processo da, da, da... do arame da tampinha amarrada numa bola de capotão, pra hoje chegar numa bola mais adequada, isso mostra que ha vontade, o amor pelo futebol fez com que a modalidade crescesse no país.” E2

“(...) Então...é, na realidade quando eu comecei, comecei jogando com “cansa” de areia, então a bola era uma bola normal de campo, com os guiso eram tampinhas de garrafa por fora, que eram um perigo, e as coisas foram evoluindo, daí logo comecei a jogar salão e as bolas boas já com guisos internos, e as coisas foram evoluindo. E3”

“Era desse mesmo jeito, só que é a menor e mais pesada, bem mais pesada. E hoje já ta um pouquinho mais evoluído. Você já tem bola hoje de microfibra, né. A tendência é que elas vão evoluindo com o passar do tempo. Só os guisos que ainda não se conseguiram um avanço muito grande, apesar de que elas tem bola bem barulhenta, mas de acordo com que você vai melhorando a qualidade dos materiais de revestimento da bola, o barulho parece que vai melhorando junto.(...) eu comecei a jogar futebol de cegos com garrafas, com pedrinhas

dentro, né. Jogava com garrafa, já joguei com lata, já jogamos com bola amarrada, bola dente de leite feita de, de, de tiras com guizo externos com tampinhas e arama. Depois nós passamos para uma bola de capotão, colada a um guizo externo, já com uma chapinha redonda de ferro e tipo um colarzinho de... uma argola de chaveiro, depois passamos pela bola com guizo interno, aquela menor e bem mais pesada. Depois passou-se para a bola um pouquinho maior, né, e mais leve. E agora essa que tá hoje, um pouquinho maior e um pouquinho mais leve.” E5

“(...)Ainda com discussões de qual seria a bola adequada. A bola, porque nas entidades nacionais a bola tinha diferenças, não que elas não fossem redondas, mas principalmente no que se referia o guizo, o produto que produz o som, né, tinham muita diferença. Nessa época, como tava te dizendo, nós jogávamos já em Curitiba com uma bola que tinha guizo interno, guizo este que foi trazido, foi mostrado a nós pela primeira vez em 1980. No final dessa competição, lá de Curitiba, das APAEs, bola que era produzida pelo professor João Ferreira, que era um professor de Recife, estado de Pernambuco. E lá no Rio Grande do Sul, por exemplo, ainda era uma bola que tinha um guizo por fora, guizo externo com tampinhas. Aqueles chocalhos, vamos dizer assim, que tinham umas tampinhas de garrafas que eram presas em uma argola, presa essa argola na bola.” E7

De acordo com os entrevistados, a bola passou por um processo de transformação/adaptação até chegar na bola utilizada hoje, com guizo interno (para emissão dos sinais sonoros que servem como base de orientação, localização da sua posição em quadra e em relação ao jogador.), e com as mesmas medidas (calibragem, peso e tamanho) da bola do futsal convencional.

Como observamos acima, os deficientes visuais, na ânsia de jogar futebol, buscavam objetos que fazia barulho ou adaptavam as bolas de diferentes formas (com saco envolto ou com guizo externo feitos de tampinhas, entre outras adaptações).

Hoje as bolas (figura 5 e 6) são produzidas pelos presidiários participantes do projeto “Pintando a Liberdade”, projeto este que tem o apoio do Governo Federal, em específico do Ministério do esporte, da IBSA e da ABDC.

Foram estas bolas produzidas no Brasil, utilizadas em Atenas, nos Jogos Paraolímpicos. Fato este que demonstra o desenvolvimento e o reconhecimento do nosso país no âmbito internacional. Podemos considerar esse fato uma grande vitória para o desporto adaptado nacional de uma forma em geral, pois estamos oferecendo materiais de qualidade para o mundo.



Figura 5: a bola



Figura 6: a bola

- Os jogadores:

“(...) começou o tampão oftalmológico, que foi um grande avanço também para o futebol de cegos(...)Que as pessoas que eram B2/B3 ou até meio videntes, elas jogavam no nosso meio e às vezes tomavam vantagens (...)” E5

“Não digo nem a obrigatoriedade da venda, eu digo a obrigatoriedade do tampão, porque sempre foi... o jogador sempre foi obrigado ta usando a venda só que algumas pessoas burlavam olhando por baixo. Alguns entravam como B2, dizendo que era B1. Então enxergavam aproximadamente até 10%, e isso fazia uma diferença muito grande pra ta desviando do zagueiro ou vendo pelo menos o vulto da bola e daí levava uma vantagem enorme. Hoje em dia com o tampão já não tem essa diferença.(...)” E6

“(...) Hoje, sabemos que todo defensor ou toda pessoa que vai em direção a bola ela tem que pronunciar monossílabo, o voy, eu, estoy, (grifo nosso) qualquer coisa assim que avise que ele está indo de encontro com a bola. Nessa época não existia isso, então, de uma certa forma era uma situação um pouco mais perigosa porque os choques aconteciam com mais facilidade. Mas também, obrigava a muitos jogadores serem mais rápidos no domínio, mas rápidos na percepção da aproximação dos adversários. Então eu creio que houve sim uma evolução técnica no que se refere ao dinamismo do jogo.(...) E7

“(...) eu penso que trouxe mais segurança da questão do “voy”, e a questão da regra eu acho que não prejudicou.” E9

O futebol de cinco é uma modalidade esportiva coletiva que é composta por dez jogadores em quadra, sendo cinco de cada equipe, como o futsal. Dentre os cinco jogadores em quadra, 4 deles jogam na linha (figura 4), ou seja, disputam a bola, e são todos cegos totais. Estes são obrigados a utilizarem a bandagem (tampão oftalmológico) nos olhos, e por cima, colocarem uma venda (figura 7).

Durante o jogo os atletas em quadra têm o dever de avisar quando estão disputando ou se estão se deslocando em direção a bola. São obrigados a expressarem palavras curtas, monossílabas como voy (origem espanhola), eu, ou alguma outra palavra, para não haver choques entre os jogadores em uma situação de disputa de bola (figura 8, 9 e 10).

Cada equipe possui até cinco jogadores reservas (contando com o goleiro reserva), estes podem entrar em qualquer momento do jogo contanto que avise a mesa de controle.



Figura 7: bandagem



Figura 8: disputa de bola



Figura 9: disputa de bola



Figura 10: disputa de bola

- O quinto jogador em quadra - o goleiro:

“(...)O goleiro, tinha muito problema, que o goleiro tinha que ser B2, então o teste era muito relativo, uns enxergavam mais que outros, então autorizando assim está cada vez melhor(...)” E1

“(...)O goleiro também, antigamente eram b1, depois b3 e agora é normal, pode ser federado. Então isso ajudou muito, ajuda muito em questões de... é segurança e orientação para defesa.(...)” E5

“Ah...sem dúvida, nos primeiros momentos do futsal os goleiros eram de visão parcial, com deficiência visual parcial, o que como eu disse chamávamos de B2/B3. Isso obviamente facilitava para os jogadores de linha porque muitas vezes até o goleiro, com a visão reduzida, acabavam não tendo a percepção principalmente dos chutes de longa distância. Muitas vezes o goleiro só percebia a bola quando estava se aproximando e aí não dava tempo para que ele pudesse agir nessa defesa. Ao mesmo tempo, também era um risco maior, porque a bola ao bater no rosto de um destes goleiros. Ele teria um risco maior até da perda da visão, já que ele não conseguia perceber com muita clareza, essa bola se aproximava e tínhamos esse problema. Hoje, com o acesso dos goleiros com de visão normal, o jogo ficou, vamos dizer assim, mais difícil para que você pudesse realizar gols.” E7

“É pra mim é um pouco diferente porque eu jogava futebol de salão convencional. E depois do convite do treinador Antonio de Pádua, comecei a treinar com os meninos e vi que tinha um pouco, assim, de diferença pra mim que sou goleiro. E no futebol de salão você trabalha mais para defender a bola, e as vezes também para atacar, porque no futebol de salão convencional você pode sair da área, essas coisas todas. No futebol de salão de cegos, nos

temos o limite que é de 2m que é a área nossa, não podemos sair dela. E além de pegar a bola, nós servimos também mais como base de orientação pra a defesa.” E8

“(...)O goleiro. O goleiro antes era atleta deficiente da categoria B2/B3 e hoje nós temos o goleiro vidente.(...) E9

Constamos, nos relatos acima, que inicialmente os próprios DVs atuavam como goleiro. Inclusive, alguns entrevistados chegaram a participar de jogos no qual uma pessoa cega total jogava no gol.

Nos primeiros campeonatos nacionais dirigidas pela ABDC, o goleiro era obrigatoriamente, um jogador com baixa visão. Em meados da década de 90, liberou-se a atuação de goleiros com visão normal, mas este não poderia ter vínculo com equipes de futsal convencional, ou seja, não poderia ser um atleta federado. Somente nestes últimos campeonatos, já nesta década (2000), que foi convencionado a ação dos goleiros federados.

Essa possibilidade, de inserção de atletas federados, é uma mudança recente de aproximadamente 2 anos. Antes desta data, os goleiros com visão normal não podiam integrar uma associação de futebol convencional (associado a FIFA). Caso tivessem vínculo, deveriam estar afastados, no mínimo 5 anos da federação da qual pertenciam.

No período, quando os goleiros eram jogadores com baixa visão, a área do goleiro era a mesma que a do futsal convencional, e estes atuavam da mesma maneira como o goleiro do jogo convencional. Porém, com a alteração da regra, hoje, os goleiros não podem sair da sua área, e tiveram seu espaço reduzido (5mx2m).



Figura 11: Goleiro



Figura 12: Goleiro

- Chamador – o guia:

“(...) uma pessoa orientando atrás do gol, enfim, uma área de 2 metros.(...)” E2

“(...) tem treinador para orientar no meio, tem chamador de gol.(...)” E4

“(...) o chamador que direciona melhor o gol e... chamador e a banda, né.(...)” E5

“(...) Teve mudanças...antigamente não tinha chamador (...) E o chamador auxilia bastante para o atacante estar acertando o gol.(...)” E6

“Olha, o chamador, eu particularmente creio que ele possa ajudar, mas muitas das vezes eles mais atrapalha do que ajuda. Principalmente quando ele não se limita a mostrar ou avisar aonde está o gol. Muitas das vezes esse chamador ele quer também ser um técnico, então ele tenta dizer para o atacante aonde ele deve chutar ou quando ele deve chutar ou se deslocar mais para a direita ou mais para a esquerda. Ele é um auxiliar, porém, eu acredito que ele poderia, a função desse chamador, poderia ser melhor trabalhada ainda.(...)” E7

O chamador como vimos nas explicações acima, é como se fosse um ‘auxiliar-técnico’¹⁷ que tem a função de orientar/guiar a sua equipe no momento do ataque. Ele se posiciona atrás do gol adversário (figura 13 e 14).

Para facilitar a compreensão da sua atuação podemos fazer uma divisão imaginária do espaço de jogo (quadra), em três regiões. Tomando como ponto de partida a área de defesa, o chamador tem a obrigação de orientar a sua equipe no último terço da quadra (no ataque). Sendo que, nos primeiros dois terços da quadra, a função de orientar a equipe em jogo é do goleiro (primeiro terço-defesa) e do técnico (meio da quadra). Este último se localiza na lateral da quadra após a banda lateral.

Existe essa divisão para que não haja muitas pessoas falando durante uma partida, pois os atletas em quadra necessitam de silêncio para localizar a bola, que emite sinal sonoro.



Figura 13: Chamador



Figura 14: chamador

¹⁷ Atualmente os chamadores são os auxiliares técnicos, devido a facilidade de se comunicar com os atletas e do conhecimento referente ao jogo.

Esses quatro itens (a quadra, a bola, os jogadores - incluso o goleiro e o chamador) foram as principais adaptações e alterações nas regras, no decorrer dos anos, para que se chegasse ao jogo de futebol de cinco, praticado atualmente.

Observamos alguns aspectos positivos e negativos nas alterações das regras, de acordo com os entrevistados. Uns acreditam que as mudanças nas regras foram fundamentais para o desenvolvimento do futebol para cegos no mundo. Crêem que, a presença das bandas laterais e a redução da área do goleiro dinamizaram o jogo, porque dificultou a saída de bola na lateral e possibilitou o retorno rápido da bola em jogo. O que era comum e constante quando não existia a banda lateral.

Outros acham que, com a banda lateral, os atletas deixaram de se preocupar com a qualidade do passe, pois na ausência desta o passe devia ser perfeito, ou seja, deveria passar o mais próximo do pé do companheiro de equipe para não perder a posse de bola. Impossibilitando a saída de bola nas laterais. Portanto, acreditam que houve uma redução na qualidade técnica dos atletas com essa alteração.

Com relação ao goleiro, eles acreditam que foi um ganho, pois este tem um limite de espaço e sua atuação restrita, diminuiu a frequência de acidentes com goleiros. O que era comum quando os goleiros eram deficientes visuais, devido a dificuldade de perceber a bola aproximando com velocidade.

Muitos, dos entrevistados, crêem que a presença do chamador é desnecessária, porque eles acreditam que podem e tem condições suficientes para se localizarem espacialmente na quadra. E alegam que um bom jogador não necessita de um guia para fazer gols.

Porém todos concordam quanto a importância da unificação das regras para que esta modalidade se tornasse oficial dos Jogos Paraolímpicos e para o desenvolvimento mundial, visto que cada país adotava regras e adaptações diferenciadas.

Abaixo, segue alguns pontos de vista dos entrevistados sobre as alterações das regras do futebol para cegos:

“E com relação a regra está possibilitando cada vez mais sai jogo mesmo.” E1

“Hoje com a unificação, com o processo de unificação das regras que se deu em por o Mundo para que o futebol se transformasse paraolímpico, que pudesse ser disputado em campeonatos mundiais, enfim...para que fosse homologado na federação internacional.(...) Mas eu particularmente entendo que a mudança das regras não foi positiva não foi positiva para quem tem o futebol com a característica mais técnica como é o caso do Brasil, é porque

na verdade favorece as pessoas que se utilizam das bandas laterais para poderem jogar, é acho que foi prejudicial, e na verdade entendo até que, que os outros países tiveram até muito interesse em mudar, até por conta do Brasil já ter o habito de jogar sem essa banda e aí com certeza a superioridade do Brasil seria até fragrante, até eu diria se dosse na regra antiga.(...) com as mudanças das regras acabou criando uma nova modalidade, né.(...) Agora...a evolução do futebol, é meio difícil de falar da evolução, porque não sei se evoluiu ou se regrediu com essa questão da mudança das regras, né!?. Eu acho que até valeu a pena ter mudado porque nós unificamos a regra, as regras em nível de Mundo. Mas, acho que tecnicamente o futebol acabou perdendo um pouco, porque... por exemplo, o Brasil, eu considero hoje que nós temos uma boa condição de toque de bola e não temos essa necessidade de usarmos a banda. Mas, por exemplo, você pode ver que outros países, que não tem essa mesma condição, chutam a bola na banda para voltar para o jogador. Então, tecnicamente, eu acho que houve assim, um preju...um pequeno...um peq..., um pequeno prejuízo que logicamente foi compensado com a inserção do futebol na paraolímpias e com a oficialização dele enquanto esporte oficial da IBSA.(...) E2

“No começo eu não concordava não, que eu achava que deveria ter a mesma forma, mas hoje em dia concordo sim, até porque dá uma maior dinâmica pro futebol, né! Mas velocidade e tal...” E3

“Então depois dessa banda eu achei que a qualidade caiu um pouco. Acho que pelos atletas fortes que nós temos, somos ... eu que já sou considerado franzino... nós franzinos temos desvantagem com relação aos atletas fortes nessa banda, porque ela favorece muitas pessoas que tem corpo e que jogam mais duro. Então quer dizer, a gente que é leve, leva tinta. Então eu achei que não, que nessa parte que caiu e tanta gente na quadra. Então por exemplo, tem treinador para orientar no meio, tem chamador de gol, e isso eu acho que foi uma regressão. Não acho que foi uma progressão, nesse caso, porque o cego não precisa...Ele se bem treinado, ele não precisa desse chamador de gol. Acho que ele tem noção suficiente para jogar sem guia.” E4

“Você tem que ter um preparo físico melhor do que a gente tinha antigamente, é... o chamador que direciona melhor o gol e... chamador e a banda, né. A banda eu achei um retrocesso do futebol de cegos.(...) Então isso ajudou muito, ajuda muito em questões de... é segurança e orientação para defesa.(...) Eu acho que você muda toda a estrutura, se você for avaliar o piso desta quadra e do piso da quadra do campo lá em baixo, você tem uma mudança muito grande. O tipo de dominar a bola, o de batida, o tipo de corrida, né. Você vê que eu estava com um tênis de futebol de salão lá em baixo, se você buscar muito seco, você corre o risco de uma lesão no tornozelo, joelho, porque ele prende bem o pé. O que não acontece em quadra.” E5

“E o chamador auxilia bastante para o atacante estar acertando o gol.” E6

“Mas também uma diminuição um pouco da preocupação dos jogadores em acertar um passe mais milimetricamente, acertar um passe mais correto, mais próximo de seu companheiro para que ele possa receber essa bola. Então, eu diria que nós tivemos também uma evolução física, uma evolução no preparo físico. Até porque com essa bola não saindo pela lateral, pelas laterais da quadra, ela torna o jogo muito mais dinâmico, muito mais

rápido e muito mais duradouro. Não o tempo, mas pelo menos a bola em jogo. Então a preparação física do atleta, o atleta se obriga a ter um preparo físico melhor se não ele não terá condições de acompanhar. Então eu creio que estar foram as evoluções ou pelo menos as diferenças básicas que a gente sente.(...) Ele teria um risco maior até da perda da visão, já que ele não conseguia perceber com muita clareza, essa bola se aproximava e tínhamos esse problema. Hoje, com o acesso dos goleiros com de visão normal, o jogo ficou, vamos dizer assim, mais difícil para que você pudesse realizar gols. Por outro lado com a limitação da área de ação desse goleiro, também trás a ele um prejuízo. Na nossa época o goleiro de visão parcial ele podia agir, atuar em toda a área da quadra de futsal. (...) Mas eu creio que hoje nós podemos, temos mais, vamos dizer assim, mais agilidade até na reposição de bola, no passe desse goleiro, no lançamento desse goleiro.(...)Eu sou favorável, por exemplo, de que tivéssemos um chamador eletrônico, um bipe, por exemplo, que pudesse de quando em vezes indicar onde está o gol. Um bipe que não fosse um bipe intermitente, lógico, mais que pudesse ser acionado pelo técnico a partir do banco de reserva de um controle remoto. Então, ele daria um toque, ele acionaria esse bipe, que quem sabe, por duas ou três vezes pudesse produzir um som. Então em dois ou três segundos ele comunicaria, avisaria aonde está o gol para o atacante. Nós, por exemplo, com essa... adotando essa medida, nós poderíamos fazer com que padronizassem a altura, o timbre, porque muitas das vezes o chamador, um fala mais alto, um se empolga mais, grita, atrapalha tanto o defensor quanto o atacante. E o se humano que está ali assistindo, está participando, se torna um torcedor. Então eu creio que quem sabe, se pudéssemos adotar esse chamador eletrônico, nós pudéssemos padronizar isso. Mas mesmo com essa função de auxiliar, de mostrar aonde está o gol, até mesmo nos anos, na metade dos anos 90, esse chamador nunca foi adotado. Ele foi adotado a partir da mudança das regras, essa é uma cultura que vêm precedente da Europa. A Espanha que usa, que se utiliza muito desse chamador. Aqui no Brasil nós não utilizávamos, e até no começo, posso lhe dizer que houve uma resistência muito grande dos jogadores brasileiros aceitar esse chamador. Até entendo que o jogador brasileiro não precisaria ser teleguiado.(...) Olha, eu acredito sim que teve aspectos positivos, mais ainda, acho que poderia evoluir um pouquinho mais com essa questão do chamador eletrônico. A banda lateral, eu acredito que mesmo diminuindo um pouco a qualidade técnica dos passes, alguma coisa assim, foi algo que tornou o futebol para cegos muito mais dinâmico, muito mais rápido, muito mais dentro de quadra. Tinha momento, quando não havia essa banda lateral, por exemplo, tinha momento com equipes um pouco menos qualificada que a bola ficava mais fora de quadra do que dentro da quadra. Então eu acredito que sim, essa modificações vieram melhorar o desporto, vieram desenvolver sim o desporto para cegos no futebol.” E7

“(...) independente de todos os aspectos do ponto de vista, da divergência, porque em âmbito internacional cada país desenvolvia o futebol de uma forma. Então para que esse esporte se tornasse paraolímpico houve a necessidade da unificação. Então, para isso obviamente cada um tem que ceder um pouco. Então, se nós ficássemos, nós o Brasil, praticando o esporte, a modalidade como nós o fazíamos, nós teríamos dificuldades, nós não estaríamos contribuindo pro processo, pro futebol ter se qualificado, dessa nossa modalidade, se qualificar para o programa paraolímpico.(...) Então eu diria que tenham sido as mudanças mais significativas e as mais polêmicas. E9

Acreditamos que foram alterações importantes e necessárias para manter a integridade física dos jogadores. Possivelmente, outras alterações podem vir a acontecer no decorrer dos anos, conforme a necessidade dos atletas, possibilitando cada vez mais autonomia em quadra, ou para melhorar a qualidade do jogo, na busca de materiais alternativos.

O jogo tem a mesma duração do futsal convencional, ou seja, a duração de uma partida é de 2 tempos de 25 minutos cada período com intervalo de 5 minutos entre os períodos. Cada técnico tem direito a um pedido de tempo morto em cada período do jogo. Vence a equipe que conseguir marcar mais gol, ou como se diz na regra, mais “tento”. Quando houver a necessidade da cobrança de lateral, pois a bola pode sair por cima da banda lateral, este deve ser cobrado com o pé, e não com as mãos como afirmou Oliveira Filho (2003).

Algumas outras alterações relevantes são referentes as: maneira do tiro livre (vale a partir do momento em que a bola se encontra em movimento após o primeiro toque), decisões de pênalti (hoje se definiu 03 cobranças para cada equipe) e cobranças de faltas e infrações (excesso de barulho – fala dos jogadores, técnicos ou chamador em quadra; a falta de aviso dos atletas no momento da disputa de bola; ausência dos tampões oftalmológicos, defesa ou saída de bola do goleiro fora da sua área, entre outras irregularidades).

O futebol para cegos, ou futebol de cinco, é uma modalidade recente, porém com muitas histórias e conquistas para serem relatadas. Verificamos nos trechos das entrevistas, descritas abaixo, que esta modalidade foi motivo para fundações de entidades e uma possibilidade de profissão.

“(...) o futebol vai demonstrando para as pessoas, que as pessoas podem conseguir coisas através do futebol, é não só em termos financeiros, mas pessoais né, até pelo desenvolvimento do corpo, que faz bem para o próprio dia-a-dia da pessoa e isso chama a atenção das pessoas, né(...)” E3

“Na verdade, eu comecei a participar do movimento inicialmente em escola, já que estudei no Instituto de Cegos Padre Chico, que é uma escola especializada que ta em São Paulo. E quando eu já estava para concluir o primeiro grau, a gente começou, a gente formou um grupo inicialmente pra jogar futebol e posteriormente se constituiu na entidade CESEC (...)” E9

Não resta dúvidas que todas essas mudanças fazem parte do processo de desenvolvimento, e é importante que sejam discutidas para melhor aproveitamento e direcionamento da modalidade.

No capítulo seguinte, contaremos a história desta modalidade após a fundação do órgão responsável pelo desenvolvimento dos esportes para cegos no Brasil.

Brasil... uma história... uma potência...

Estudamos no primeiro capítulo e constatamos que o futebol para cegos é uma modalidade esportiva relativamente nova. Podemos dizer que a sua origem oficial foi em 1986 com a realização dos campeonatos nacionais no Brasil e na Espanha. No capítulo anterior, descrevemos e compreendemos o jogo de futebol de cinco.

Neste momento, falaremos dos campeonatos oficiais, aqueles que foram organizados pela ABDC, no âmbito nacional. Descreveremos e discutiremos, somente, as “Copas Brasil” que aconteceram desde 1986 até a presente data.

Vimos, também no primeiro capítulo, que houve alguns indícios de campeonatos de futebol para cegos de âmbito nacional antes de 86, porém os eventos não eram exclusivos e pouco sistematizado.

Algumas pessoas tiveram muita importância para que esse sonho, essa idealização se tornasse realidade. Podemos afirmar que sem a união das pessoas deficientes visuais esse sonho não se idealizaria. A criação da ABDC foi um fator primordial para o crescimento da modalidade em questão.

Ocorreu a efetivação da entidade ABDC em uma assembléia durante a sessão do CND em 19 de janeiro de 1984. Sendo as entidades pioneiras: CEDEVERJ/RJ; S. J. Operário/RJ; ADEVIPAR/PR; UNICEP/ES; SELB/ES e ACIC/SC.

O primeiro presidente escolhido foi Aldo Micolis e o prof. Mário Sérgio Fontes, o vice-presidente. A primeira eleição para presidente, desde então, somente em 1988, foi quando Vital Severino Neto e Mário Sérgio foram eleitos.

César Antônio Gualberto foi eleito em 1991, mas em dezembro de 1992 renunciou o cargo. Em março de 1993 uma comissão provisória foi nomeada para gerenciar a ABDC. E em agosto deste mesmo ano, Vital Severino Neto foi eleito presidente e Mário José Ferreira o vice. Em 1996, Vital se reelege, porém como vice-presidente fica o David Farias Costa.

¹⁸ Texto formulado com base na pesquisa documental realizada na ABDC.

David foi eleito presidente em 2001, juntamente com o Benedito Franco Leal Filho (vice-presidente). Ambos, continuam no poder até hoje, na sua segunda gestão com término em 2005, data prevista para as próximas eleições.

Durante as entrevistas, foram citados alguns nomes quando pedimos para falarem sobre as pessoas que foram importantes para o desenvolvimento do futebol para cegos. Muitos se reportaram à pessoa do Prof. Mário Sérgio Fontes, devido o seu envolvimento e sua grandiosa participação em todo o processo de desenvolvimento do desporto para deficientes visuais no Brasil e sua participação na IBSA como representante brasileiro. Mais conhecido como a “historia viva do futebol para cegos”, foi uma das pessoas que reuniu forças para a criação da ABDC. Ele, também, teve fundamental importância para o futebol de cinco, sendo em muitos eventos, um atleta de destaque. Hoje atua como coordenador nacional de futebol para deficientes visuais¹⁹.

Além do Prof. Mário, constatamos também, a credibilidade do advogado Vital Severino Neto, ex-presidente da ABDC, hoje presidente do CPB. Este, também teve destaque nas falas dos entrevistados, e elogios pelo trabalho desenvolvido no desporto para DVs e para as demais deficiências durante a sua gestão no Comitê.

Não deixaram de destacar também, o atual presidente da ABDC, David Farias Costa, e o Prof. Benedito Franco Leal Filho, vice-presidente, devido o trabalho efetivado durante essas duas gestões na presidência. E o trabalho de toda a equipe da ABDC, principalmente a atuação do Prof. Jonas Freire (coordenador geral dos eventos esportivos). Como podemos verificar nas considerações abaixo:

“Bom...se falarmos de futebol no Brasil e não falarmos do Prof. Mário Sergio a gente não está sendo muito coerente. Porque foi um dos... Não sei se é a pessoa, mas um dos a encabeçar a isso aí. Mas, acho que cada um dá seu tipo de contribuição, eu acho que, o Mário deu o seu na época dele, assim as pessoas vão surgindo após. Eu dei a minha até quando eu, até quando eu era treinador, que eu...nós fizemos uma tática diferente, no futsal, até então não tinha. Os goleiros apareceram aí e deram a contribuição deles, e...cada um na sua época. A ABDC é a nossa grande incentivadora né...a ABDC faz de tudo pra gente ter o maior número de ... de entidades filiadas e conseqüentemente de maior número de equipes atuando. Então nós temos a possibilidade, por exemplo, pela primeira vez, começou no ano passado, de termos duas divisões no futebol, isso é bom. Motiva a gente., achei muito interessante, até porque...é... deixa mais nivelado o campeonato, porque tem equipes que estão...n um certo nível, que jogavam com as equipes que estavam começando, então dava goleadas assim, e desmotivava a outra equipe. Agora a equipe está na segunda divisão só vai

¹⁹ Coordena as duas categorias B1 e B2/B3.

competir com as equipes que está no nível dela, então tá sendo jogos mais disputados, tá sendo assim, até mais emocionante.” E1

“(...) Olha, eu acho que foi, na verdade, foi uma conquista meio que de todo mundo, né...(...) então eu assim..., te digo que o movimento do futebol de salão para cegos foi o maior responsável (...)” E2

“Olha existem algumas pessoas né, que comandam hoje em dia, estão melhorando como a ABDC, como o próprio Vital, o Comitê Paraolímpico, que são pessoas assim que fizeram o começo do futebol, o David né, o próprio Prof. Mário Sérgio, que inclusive foi quem eu me inspirei para jogar futebol, na época que eu conheci o futebol para cegos, ele jogava, e... ele para mim acabou sendo um ídolo. E umas outras pessoas que, sem dúvida nenhuma, se mobilizaram em termos de organização em termos de ir em busca para se ter melhores condições para o desenvolvimento do futebol no Brasil hoje.” E3

“Eu acho que a ABDC. Acho que a ABDC ela teve um papel, ela cumpriu realmente na risca o seu papel. Qual o papel da ABDC? Estimular o esporte no Brasil, dar condições da prática do esporte no Brasil. Então eu acho que a ABDC. E agora, um dos...um dos principais, também, órgãos que vão ajudar a alavancar o futebol no Brasil pra despona pro Brasil realmente, é o CPB. Que é uma entidade mais forte que a ABDC e que tá envolvida com o futebol. Que agora também é paraolímpico. Então, depois dessa paraolimpíadas nós vamos ter uma, uma evolução muito grande, creio eu.” E4

“Eu acho que primeiro de todos foi o Mário. Mário é um cara, ele sempre teve no meio do esporte em geral, tanto no futebol como na evolução do esporte em geral para cegos. O Vital contribuiu muito também, o David, embora tenha chegado no movimento é, brasileiro um pouco depois, porque eu já conheço ele a vários tempo, mas ele no movimento mesmo, ele chegou um pouco depois, e ele também ajudou muito. Eu acho que a administração que ele tá fazendo agora para melhorar os caminhos que a gente tem hoje, em termos de organização, é, vem muito da gestão do Vital e dele agora. Continua muito bem esse trabalho, né. Tem outras pessoas aí que começaram antes, um pouquinho junto com o Mário, que eu não lembrarei de todos. Então não vou citar. Tem muitas pessoas que participaram do processo para que a coisa evoluísse.” E5

“Eu devo até fazer umas considerações, meus cumprimentos ao Jonas, é um cara que entrou na ABDC e as coisas começaram a melhorar muito. Na ABDC depois que o Jonas entrou, e também o esforço do David, hoje também na ABDC e varias pessoas, e também, hoje, esse apoio que a gente tem da Lei Piva. Então tem melhorado bastante pra gente tá praticando esporte. A liberação de bolas que a gente tinha que comprar, hoje, as bolas são gratuitas. E daí pra diante.” E6

“É o próprio deficiente visual, ele teve um grande papel, como nós temos hoje. Eu entrei em 98, desde 98 que eu to jogando futebol de salão de cegos, eu escuto falar que começou muito tempo atrás. Através do Vital, que hoje é o presidente do Comitê Paraolímpico, o Mário Sergio também, o próprio David, que hoje é presidente da ABDC, que jogava também. Que ainda joga também, o Miza até fala que ele até bate bola com o pessoal tudo, mas por questão que hoje ele é presidente e a partir... ele fica por fora das quadras né. Mas eu acho

que com esse pessoal e outros que estão entrando agora, o pessoal, turma mais novas, tá vendo que o futebol de salão mesmo de cego tá aparecendo mais hoje no Brasil. Tá sendo bem disputado mesmo. Todas as equipes tanto do nordeste, como do sul e sudeste estão se empenhando o máximo. Só o que falta mesmo é um pouquinho da parte financeira mesmo. O governo federal, as empresas olharem um pouco para esse lado, se eles enxergarem, podem até enxergarem mais um pouco, eles vão ver que o futebol de salão, hoje, o futebol de salão de cegos, ele é melhor do Bra... o melhor do mundo. E com o apoio desse pessoal, das empresas, do governo e tudo pode vir ter até um campeonato brasileiro como se tem o de futebol de campo, que é o profissional. Podemos até chegar um dia sermos atletas profissionais mesmo.” E8

“É na verdade, o futebol sempre esteve muito amparado, muito respaldado nos nossos institutos, essa é uma verdade. E a ABDC mesmo antes de mim, a gente pode considerar, que eu tô na ABDC com cargo eletivo, na presidência desde 2000. Então, nós tivemos todo um trabalho antes iniciado lá pelo professor Mário Sérgio, Dr. Vital, professor Aldo Micolis, enfim, foram essas pessoas que idealizaram e começaram a execução deste trabalho. Então foi feito um trabalho muito bacana, muito competente nisso. E o futebol sempre teve, nós sempre tivemos grandes competições.” E9

Sabemos que no momento em que perguntamos ‘qual a pessoa’, nós acabamos restringindo, sem intenção, a resposta dos entrevistados. Temos certeza de que muitas pessoas passaram e tiveram sua importância durante todos esses anos de história do futebol para cegos no Brasil. Deixamos aqui uma ressalva, a essas pessoas, que contemplamos pela participação, seja ela direta ou indiretamente, seja ela uma aparição grandiosa ou não. Pois sabemos o significado e o valor das pequenas ações em um grande processo.

A partir de 1984, com a fundação da ABDC, foi possível vislumbrar a organização de campeonatos exclusivos para o futebol. Porém, neste ano, a preocupação estava nos Jogos Paraolímpicos de Nova York, o foco e a atenção estavam envoltos das modalidades esportivas para DVs oficiais nestes Jogos. Na fala do entrevistado E7, podemos constatar esse acontecimento:

“Olha, eu sempre participei muitos com o esporte como um todo. Então o futebol era mais uma das modalidades que eu praticava. E nessa época, nós estávamos voltados para o atletismo, já que quando na realidade, na inauguração, na fundação da ABDC, em janeiro de 1984, a nossa previsão era da participação. Nossa proposta era da participação na paraolimpíadas de 1984, realizada em Nova York. Então, até então, eu só trabalhava com o atletismo e o futebol era uma modalidade que eu diria, não vou dizer secundária, até porque o futebol foi o carro chefe para o desenvolvimento das demais esportes.(...) treinava o atletismo, vamos dizer, não financeiramente, mas treinava profissionalmente pela vontade. Eu tive a satisfação e a grande honra mesmo, de ser treinado a partir desse ano, de 84, quando eu fui a paraolimpíadas, estar treinando com uma equipe olímpica da Universidade de Gama Filho. Então lá eu fui trabalhar, inclusive tive, como eu disse, a honra mesmo de

ter trabalhar com o professor Nelson, professor Nelsinho e o professor Carlos Alberto Lanceta. Então eu treinava atletismo de segunda a sábado e o futebol de salão jogava, nós treinávamos também, um ou duas vezes por semana.”

Mas, somente no ano de 1986, que foi possível a concretização do campeonato brasileiro de futebol para cegos²⁰, nomeado: “Copa Brasil de futebol de Salão para Deficientes Visuais”. Realizado na cidade de São Paulo, no período de 16 a 21 de abril, com a participação de 10 equipes B1, de diferentes entidades e de diferentes regiões do país. Sendo: 7 equipes da região Sudeste, 01 do Sul, 01 do Norte e 01 do Centro-Oeste do Brasil. Nesse evento, além das equipes de futebol para cegos, houve também o campeonato para baixa visão (03 equipes, somente, de B2/B3). Foram dois campeonatos distintos que aconteceram concomitantemente.

Na primeira edição da Copa não houve a participação de equipes da região nordeste do país. Região esta que hoje podemos verificar um grande desenvolvimento, visto a representatividade nos atuais campeonatos brasileiros (em 2003, tivemos 5 equipes do nordeste dentre 17 participantes do campeonato brasileiro) e os atletas que compuseram a seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas/2004. dentre os 10 atletas que representaram o Brasil, 05 eram da região nordeste do país (Mizael – CESEC/SP, Nilson – ADEVIPAR/PR, João Batista – AMC/MT, Anderson – CEIBC/RJ, Sandro – CEIBC/RJ, Severino – APACE/PB, Damião – APACE/PB, Marcos Felipe – APACE/PB, Andreoni – APACE/PB (goleiro), Fábio – APADEVI/PB (goleiro)).

Em 1988, houve a primeira participação de uma equipe da região nordeste, representada pela entidade APACE/PB. Desde então, esta região nunca deixou de ser representada nos campeonatos brasileiros. Sendo que, no ano seguinte, 1989, houve a participação de três entidades. Nos anos seguintes, com exceção de 1999, que também teve 3 equipes, a representatividade da região nordeste oscilava entre uma e duas entidades participantes. Alguns entrevistados comentam sobre essas conquistas das equipes do nordeste:

“O crescimento do nordeste, ele é... ele é muito...é, acentuado já a algum tempo, mas por exemplo...a Campi...Campina Grande, Campina Grande joga futebol a muitos anos, APACE...APACE joga bola, já joga bola a muitos anos, o Maranhão... Então são equipes que talvez não participavam de eventos até por questões financeiras, de dificuldades, de tipo...de tipo de transporte tudo, mas a part...mas eles já jogam a muito tempo, não tem uma equipe nova no nordeste.” E2

²⁰ Foi regulamentada a participação nos campeonatos regionais e nacionais, somente, as equipes filiadas a ABDC.

“Sim, nós temos conhecimento de vários estados que ainda não estão filiadas, ou que ainda não estão disputando regularmente nessas competições, mas que principalmente, dentro de institutos, dos colégios, dentro das instituições se pratica o futebol. Nós sabemos que hoje não temos nenhuma equipe filiada, por exemplo, do estado de Alagoas, no futebol, mas sabemos que existe futebol lá. A própria equipe do Ceara que participa com pouca regularidade, mas sabemos que existe a participação, mas sabemos que existe o instituto de Fortaleza, ou mais de um até havendo essa participação. Quem sabe, dentro em breve, a gente vai poder ter todos os estados da Federação representados na ABDC, no futebol.” E7

“É o futebol no nordeste tá melhorando, antes tínhamos poucas equipes, esse ano mesmo no regional, que foi lá em João Pessoa, agora no mês passado, foi onde nós fomos campeão, teve o maior numero de equipes. Parece que foram 9 equipes, se eu não me engano. E a parte técnica melhorou muito, o futebol de salão que se jogava antes no campeonato nordeste já; a ia certo, a equipe de João pessoa, Campina Grande e a de Pernambuco já se classificando. Mas dessa vez foi mais difícil né, eles tiveram mais dificuldades, teve equipe que se classificou no último jogo.(...) To vendo que as equipes do nordeste tão se empenhando mais, as associações, os institutos estão se empenhando e dando valor ao esporte. (...) Agora não...lá em João Pessoa tem vários goleiros querendo participar. Então quer dizer, o pessoal viu realmente que o negocio não e brincadeira, que o negocio é sério. Lá mesmo no nosso estado, nós treinamos segunda, terça, quarta, quinta e sábado. Então, quer dizer, estamos de folga na sexta e no domingo. E mesmo com esses treinos, tudo isso, a nossa maior dificuldade é conseguir essa parte de patrocínio, e até ginásio. Porque tem dia que nós vamos treinar e não temos ginásio, nós vamos correr na praia, vamos correr no instituto(...)” E8

“Na verdade, essas é uma das coisas maravilhosas que tem acontecido. Você vê hoje competições em todas as regiões. Você vê o pessoal do nordeste, muito qualificado, isso se deve aos trabalhos das nossas entidades na região. Em especial, especialmente a APACE e a nossa equipe de técnicos e professores.(...) É foi fundamental: a vontade política, ta certo, da ABDC, o trabalho e, que a partir foram desenvolvidos algumas ações de fomento na região. Então a ABDC trouxe no seu quadro profissionais, técnicos e professores e deu o apoio que eles precisavam. Então isso foi fundamental.” E9

Analisando as respostas dos entrevistados E2, E7, E8 e E9, percebemos que a presença de equipes de futebol para cegos nesta região, não é novidade, mas por questões estruturais das entidades e/ou escolas, estas equipes não conseguiram se filiar a ABDC desde a sua fundação. Algumas ainda não se filiaram.

Verificamos também, que a vontade política da ABDC de fazer com que todas as regiões do país tenham um bom desenvolvimento no desporto para cegos, esta trazendo resultados positivos. Podemos observar, por exemplo, a aparição da equipe da Bahia na Copa Brasil de 2003 na série “B”. A ABC é uma das entidades que se filiaram recentemente e já se destaca nas suas primeiras participação em campeonatos oficiais.

A participação da região sudeste do país é notória desde as primeiras competições oficiais, estando sempre muito bem representada, normalmente com mais de uma equipe e com bons resultados. Nas classificações finais normalmente uma das equipes desta região se classifica entre as três primeiras colocações do campeonato. Afinal, dentre todas as entidades filiadas da ABDC, a quantidade de institutos e escolas na região sudeste é impressionante. Isso provavelmente é um reflexo do quadro sócio-econômico do país.

Da relação de entidades filiadas, adquirida no início deste ano, em maio, cedida pela ABDC, verificamos a existência de 72 entidades filiadas. Dentre essas 72 entidades²¹, 38 entidades se localizam na região sudeste. Ou seja, mais de 50% das instituições e escolas filiadas estão em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santos.

O primeiro campeonato brasileiro, com representações das cinco regiões do país, foi em 1989, em Belém do Pará/PA na “V Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes visuais”, com a participação de 11 equipes, sendo: 04 da região sudeste, 03 do nordeste, 02 do centro-oeste, 01 do sul e 01 do norte.

Tivemos, até o presente momento, 03 campeonatos sem a presença de equipes da região norte do Brasil. Talvez isso devido a própria condição do país, como observa alguns dos entrevistados. Os entrevistados E7 e E9, acreditam também, que a ABDC esta se esforçando para que o futebol e as demais modalidades esportivas estejam cada vez mais presentes nesta região.

“É...nós sabemos que a região do norte e a própria região nordeste sempre tiveram um pouco mais de dificuldade para participar, principalmente pela distancia que separa essas regiões do sul e sudeste do país. E também, pelas dificuldades financeiras que as entidades encontravam. Mas eu acredito que foi apenas um pequeno lapso por essas situações. Pelas distancia e pelas condições financeiras inadequadas dessas entidades. Claro, também, que as questões da organização dessas entidades também atrapalhavam um pouquinho. Algumas entidades não tinham dirigentes atuantes que buscassem recursos, que buscassem a própria organização, o próprio patrocínio, e assim, por diante. Mas eu creio que tinha sido apenas um lapso momentâneo.(...) Veja, passa pela própria situação do país, é uma condição de você conseguir levar, lá pra essas regiões o desenvolvimento do desporto. Principalmente fazendo com que essas regiões tenham esse desenvolvimento lá. Então, na verdade, eu penso que o país tenha essa dificuldade. A partir do momento em que nós tivermos um país, uma distribuição de renda um pouco mais equacionada, na verdade, como eu disse pra você, eu acredito que seja a situação do próprio país. Nós do desporto, hoje, já tem sido levado, através da nossa coordenação nacional da ABDC, levando esse desporto para as regiões mais longínquas do nosso país, e até menos desenvolvidos. Mas é claro que, dependendo da

²¹ Houve novas filiações após essa data, porém não revemos estes dados, tomamos conhecimento apenas. Verificamos no site da ABDC: www.abdcnet.com.br.

situação de cada estado, da organização de cada estado, da condição financeira de cada estado, do reconhecimento dessa prática pelos nossos dirigentes. Então, mas, eu acredito que é uma evolução natural. Nós, se Deus quiser, conseguiremos sim, fazer com que estados mais distantes, aí como Acre, que já participam. Nós temos uma equipe do Acre que vem participando regularmente, falta em alguns, mas há muito que ela existe, que participa. Nós quem sabe, em pouco tempo, nós consigamos desenvolver um pouco mais.” E7

“É na verdade, o que falta pra isso...o nosso país é muito grande, então, tem aí uma alternativa. Acho que já evoluiu bastante, é, a gente nota essa evolução pelo apoio. Que é um apoio exemplar do estado do Acre, a entidade que está lá. Então eu acho que, a nossa entidade filiada da região, acho que isso é fundamental. E o que falta sem dúvida nenhuma é o apoio orçamentário, são recursos para nós podermos, e a partir daí organizarmos algumas ações a nível da região norte. Então seria basicamente isso, falta investimento.” E9

Constatamos que, em 1991 foi o ano de maior número de entidades participantes em uma Copa Brasil de futebol para cegos, em um único evento. Com quinze equipes, tendo a superioridade numérica da região sul do país, tendo 06 equipes presentes. As demais representações foram: 05 da região sudeste, 02 do nordeste, 01 do norte e 01 do centro-oeste. Porém, foram representados 11 estados brasileiros.

O maior número de estados nacionais representados foi no ano passado, em 2003, no qual tivemos 17 equipes disputando a série “A” e “B”, com 15 estados representados. Das 17 participantes, 5 equipes eram da região nordeste do país, 4 do sudeste, 4 do centro-oeste, 3 do sul e 1 do norte.

Sendo que na primeira edição dos jogos, em 1986, tivemos a presença de 10 times de 08 estados diferentes. Percebemos que a ABDC conseguiu abranger um número representativo de estados diferentes atuando nos campeonatos oficiais de futebol de cinco.

A partir de 1986 tentou-se realizar um campeonato brasileiro por ano, porém devido a diversos fatores, principalmente financeiro, houve anos que não foi possível a realização destes. Especificamente em 1993 e 97. Na sua maioria, os campeonatos são realizados com o auxílio do poder público²², o que implica, em muitos casos, na dificuldade de liberação das verbas. Principalmente quando a estrutura geral, do órgão máximo responsável pelas atividades, está em crise. Foi o que aconteceu nesses dois respectivos anos. A ABDC passou por uma crise estrutural temporária acarretando não só a dificuldade de adquirir verbas, mas também de organizar e realizar eventos.

²² Muitos campeonatos foram realizados com o auxílio do CPB, do Ministério do Esporte, das Secretarias Estaduais de Esporte e lazer, e das Secretarias Municipais de Esporte e Lazer.

Por estes problemas estruturais da ABDC, o arquivamento de documentos não foi possível, também foi afetado, pois a ABDC não tinha uma sede própria, causando “perdas”²³ de alguns documentos do período de 1992 a 1994 e também de 1997. Havia, na ABDC, algumas informações parciais referentes aos períodos citados. Algumas informações foram coletadas nas entrevistas, pois alguns entrevistados participam do movimento do esporte adaptado há anos e viveram nestes momentos de crise.

Abaixo, constam alguns relatos dos entrevistados referentes a esse período:

“Nós fomos no Campeonato Brasileiro de 1992, que aconteceu em Vitória/ES, a gente teve como campeã a equipe da ADEVIBEL, vice-campeã a equipe de Campos/RJ, terceiro lugar a equipe CESEC, equipe que eu jogava e jogo até hoje. E quarto lugar a equipe da ACIC/SC. Tinham 15 equipes esse campeonato, se não me falha a memória. Em 1993 não houve o campeonato brasileiro...e 1994 houve o campeonato no Pacaembu em São Paulo/SP. Campeã foi a equipe da UNICEP, que na verdade é um título que ao meu ver, acho, que deveria ser anulado, porque a UNICEP contou com a participação de um jogador que enxergava e não havia o tampão oftalmológico ele ganhou utilizando-se da visão, infelizmente não foi tomada as providencias nesse sentido. Vice-campeã foi a ADEVIPAR de Curitiba e em terceiro lugar o CADEVI e quarto lugar o CESEC. Não lembro quantas equipes participaram, acho que 13, mas não tenho certeza.” E2

“(...) Eu lembro do campeonato brasileiro em Vitória, que foi em 92...não, 90 e...e agora...91 em Vitória, 92 eu acho que não teve, 93 eu não lembro e 94 foi em Pacaembu em São Paulo. (...) Quem foi campeão foi a UNICEP do Espírito Santo, com o Toninho que fez, eu acho que catorze ou quinze gols. (...) E em segundo ficou ADEVIPAR do Paraná. Em terceiro ficou o CADEVI onde eu jogava e quarto ficou o CESEC de São Paulo. Eu não lembro. 94, foi esse campeonato em Pacaembu que eu te falei agora.” E5

“(...) depois em 92, na cidade de Campos, aliás, de Vitória, não posso dizer o número exato mas também corria nessa média entre 13 a 15 equipes. 93 já se realizou no Pacaembu, a competição, também, com a participação mais ou menos desse número de equipes. Na verdade a média de e equipes, de participação das equipes girava em torno de 12 a 15 equipes. 94, foi o ano que se não realizou-se a competição nacional, alguns problemas políticos impediram que essa competição fosse realizada.” E7

“Na verdade houve muita dificuldade estruturais na ABDC, obviamente a ABDC sempre encontrou. E como a ABDC sempre dependeu de recursos governamentais, então tivemos dificuldades nesse ano. Nós temos o objetivo de resgatar toda essa historia. A gente acha isso fundamental, e o objetivo é que até marco do ano que vêm, com apoio das nossas entidades, dos nossos técnicos, a gente consiga disponibilizar. E vale dizer que o seu trabalho tem sido fundamental para isso. Então as competições...93 eu tenho a impressão que a gente tenha

²³ Esta entre aspas porque provavelmente esses documentos se encontram nas entidades que os presidentes da ABDC pertenciam, do referido período,. Porém, não tivemos tempo hábil para contactar e verificar se essas entidades, realmente, estão com os documentos, até porque algumas delas se localizam em outros estados do Brasil.

tido um hiato. Agora 92 eu...94 nós tivemos a competição da Copa Brasil, por exemplo 94 foi a Copa Brasil em São Paulo, no Pacaembu, e foi até em julho. Entendeu? Essa foi a Copa Brasil de 94. Em 92, se eu não estou enganado, foi em Vitória, lá em Vila Velha. Então foram essas duas competições e a gente está empenhado em resgatar todo esse histórico.” E9

Como vimos, nas respostas acima, quando perguntamos se recordavam do período do início dos anos 90, mais específico entre 92 a 94, porque não encontrávamos dados referentes a esse período, alguns citam a realização do campeonato de 92 na cidade de Vila Velha e a de 94 na cidade de São Paulo. Concordam, na sua grande maioria, da inexistência do evento no ano de 1993. Porém houve algumas divergências nas respostas. Chegamos a conclusão, com o auxílio de alguns boletim incompleto na ABDC do referido período que o campeonato de 1992 realmente foi em Espírito Santos e a de 94 em São Paulo. Concordamos com a maioria dos entrevistados com relação às equipes campeãs, visto que não encontramos os boletins finais desses campeonatos.

Vimos no nosso estudo que dentre 14 campeonatos realizados até 2003, 11 destes campeonatos foram realizados na região sudeste e perguntamos para um dos entrevistados porque esses eventos se concentraram nesta região, e obtivemos a seguinte resposta:

“Na verdade eu acredito que tudo isso é pelo fato da região ser um pouco mais desenvolvida e as condições financeiras desses estados que auxiliam na organização dos jogos. Então eu vejo, eu diria que essa é a condição do país. Já se tentou, ou já se levou campeonatos para outras regiões, região sul, norte, nordeste, mas é a maior facilidade mesmo realizar na região sudeste.” E7

Como já discutimos acima, um dos fatores predominantes é o recurso financeiro, e de acordo com o sujeito E7, a resposta desta concentração de eventos se deve a facilidade de se conseguir apoio institucional para concretizar os planos objetivados para o ano, no qual esta o campeonato brasileiro de futebol para cegos.

A seguir resumimos todas as informações acima discutidas de todos os eventos oficiais da ABDC, de âmbito nacional do futebol de cinco, dentre os anos de 1984 a 2003, descrevendo a data dos eventos, o nome dados aos campeonatos, os locais dos eventos, (cidade e estado), a quantidades de equipes participantes e os três primeiros colocados do campeonato (segundo a ordem crescente, ou seja, o primeiro, o segundo e o terceiro – nessa respectiva seqüência) na tabela abaixo:

Período	Nome do Evento	Local	Qdd de Equipes	Campeões B1
1984	não houve			
1985	não houve			
17 a 21 de abril de 1986	I Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	São Paulo/SP	10 equipes B1	GRESJO/RJ ADEVIPAR/PR CDVERJ/RJ
25 de julho a 02 de agosto de 1987	II Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Belo Horizonte/MG	11 equipes B1	ADEVIBEL/MG ADEVIPAR/PR GRESJO/RJ
10 a 15 de dezembro de 1988	III Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Porto Alegre/RS	09 equipes	ADEVIBEL/MG AADV/PA ADEVIPAR/PR
22 a 30 de julho de 1989	IV Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Belém do Pará/PA	11 equipes B1	GRESJO/RJ ADEVIBEL/MG Inst. Nordeste/PB
30 de junho a 07 de julho de 1990	V Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Nova Londrina/PR	11 equipes B1	AADV/PA CESEC/SP ADEVIBEL/MG
14 a 20 de julho de 1991	VI Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Campos/RJ	15 equipes B1	AACADEV/SC ABDV/DF ADEVIBEL/MG
18 a 26 de junho de 1992	VII Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Vitória/ES	14 equipes	ADEVIBEL/MG ADVC/RJ CESEC/SP
1993	não houve			
02 a 10 de julho de 1994	VIII Copa Brasil de Futsal	São Paulo/SP		UNICEP/ES ADEVIPAR/PR CADEVI/SP
24 a 29 de outubro de 1995	IX Copa Brasil de Futebol de Salão para Deficientes Visuais	Belo Horizonte/MG	10 equipes	CESEC/SP ADEVIBEL/MG ADEVIPAR/PR
02 a 08 de setembro de 1996	X Campeonato Brasileiro de Futebol de Salão para cegos	Campina Verde/MG	08 equipes	ADEVIBEL/MG APACE/PB ABDV OU CESEC
1997	Não houve			
29 de julho a 02 de agosto de 1998	I Copa Brasil de Futsal para cegos e Deficientes Visuais	Paulínia/SP	08 equipes B1	APACE/PB CESEC/SP ADEVIBEL/MG
28 de outubro a 02 de novembro de 1999	XII Campeonato Brasileiro de Futebol de Salão para Cegos	Macaé/RJ	08 equipes	APACE/PB CESEC/SP ACERGS/RS
14 a 19 de novembro de 2000	Super Liga Nacional de Futsal B1	Belo Horizonte/MG	12 equipes	APACE/PB CESEC/SP CCLBC/SP
13 a 18 de novembro de 2001	Copa Brasil de Futsal 2001 B1	Campo Grande/RJ	10 equipes	ADEVIPAR/PR APACE/PB ADEVIBEL/MG
05 a 10 de novembro de 2002	Copa Brasil de Futsal 2001 B1	Niterói/RJ	09 equipes	APACE/PB AMC/MS ADEVIPAR/PR
27 de outubro a 02 de novembro de 2003	Copa Brasil de Futsal 2003 B1 - Série "A"	Niterói/RJ	10 equipes	AMC/MS APACE/PB CEIBC/RJ
04 a 09 de novembro de 2003	Copa Brasil de Futsal 2003 B1 - Série "B"	Niterói/RJ	07 equipes	CESEC/SP ABC/BA ADEVIRN/RN

Tabela 1: Ordem Cronológica dos Campeonatos Brasileiros.

Ao analisarmos os nomes dados aos eventos, verificamos que durante um período houve confusão com relação às nomenclaturas que definem o termo deficiência visual. Pois constatamos

a utilização deste termo para reportar-se a categoria B2/B3, ou seja, essa categoria, como a B1, ambas são compostas por pessoas deficientes visuais, porém, a primeira é jogada por pessoas que possuem resquício visual, denominado baixa visão. O segundo, B1, são pessoas cegas totais. Percebe-se que essa confusão esta presente durante alguns anos. Somente em 2000, que o título do evento começou a ser a categoria. Até então, utilizava-se o termo cego e, erroneamente o termo deficiente visual para baixa visão.

Em 2002, não tivemos equipes da região sudeste do país entre os três primeiros colocados. Nos demais campeonatos, todos, sempre, uma ou mais de uma equipe representou região sudeste nos jogos finais da Copa Brasil.

Comprovamos o desenvolvimento da região do nordeste, representada pela APACE/PB, sendo a única equipe com o tricampeonato consecutivo, conquistando os títulos em 1998, 99 e 2000. Antes desta data, tivemos o tetracampeonato da equipe da ADEVIBEL/MG, porém não foram conquistas consecutivas como no caso da APACE/PB. Esta última também tem o título de tetracampeã, alcançada em 2002. Podemos dizer, hoje, que esta é uma equipe potente no âmbito nacional, de acordo com os seus últimos resultados. Dentre 07 disputas de final de campeonato, a partir de 1996, conquistou 04. Sendo que a ADEVIBEL/MG, disputou 6, e conquistou 04 também, porém foi uma equipe que oscilava nos seus resultados, e a partir de 98 não conseguiu chegar as finais.

A equipe do CESEC/SP, apesar de ser uma potência regional, somente uma vez conquistou o pódio, tendo disputado 05 jogos de final de campeonato brasileiro.

Uma equipe que começa a ter destaque nos últimos campeonatos é a AMC/MT, e nestas duas edições da Copa Brasil, esteve na final e conseguiu adquirir o título de campeã na competição do ano passado (2003). É uma equipe da região central do país que tem mostrado muita dedicação e vontade de manter-se no pódio.

Percebemos que dentre essas 17 edições do campeonato brasileiro, houve uma predominância de participações das equipes da região sudeste nos jogos que disputavam o primeiro colocado da competição. Tivemos 17 participações dentre as 34 possibilidades de disputar o primeiro lugar. A ADEVIBEL/MG, o GRESJO/RJ e o CESEC/SP foram as três entidades desta região que mais disputaram o título do campeonato.

Apesar destes destaques, podemos ver na tabela abaixo (nome de todas as entidades que participaram nos campeonatos brasileiros), que essas equipes, citadas acima, não são novatas,

porém , têm demonstrado crescimento nesses últimos anos, principalmente as equipes do nordeste e do centro-oeste.

1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995
ABDV/DF	AADV/DF	AADV/PR	AADV/DF	AADV/PR	AACADV/SC	APACE/PB		falta	ABDV/DF
ADEVIBEL/MG	ABDV/PR	ACERGS/RS	ACEP/PI	ABDV/DF	ABDV/DF	CESEC/SP		dados	ACEP/PI
ADEVIPAR/PR	ACIC/SC	ADEVIBEL/MG	ADEVEGO/GO	ACEP/PI	ACEP/PI	CADEVI/SP			ADEVIBEL/MG
ADEVITRIM/MG	ADEVIBEL/MG	ADEVIPAR/PR	ADEVIBEL/MG	ADEVEGO/GO	ACERGS/RS	UNICEP/ES			ADEVIFRAN/SP
AJIDEVI/SC	ADEVIPAR/PR	APACE/PB	ADEVICA/ES	ADEVIBEL/MG	ACIC/SC	APDV/PA			ADEVIPAR/PR
APDV/PA	AJUDEVI/SC	CEDVIMS/MS	ADEVIPAR/PR	ADEVICA/ES	ADEVIBEL/MG	ADVC/RJ			ADVC/RJ
CADEVI/SP	APDV/PA	S.J. Operário/RJ	APACE/PB	ADEVIPAR/PR	ADEVICA/RS	ADEVIPAR/PR			APDV/PA
CDVERJ/RJ	CEDVIMS/MS	SCLB/RS	APDV/PA	ADEVISUL/SC	ADEVIMAR/PR	ADEVIBEL/MG			CESEC/SP
S.J. Operário/RJ	CESEC/SP	UNICEP/ES	Inst. Nordeste/PB	APACE/PB	ADEVIPAR/PR	ABDV/DF			GREDES/PB
UNICEP/ES	ORNAPROC/MG		S. J. Operário/RJ	APDV/PA	ADVC/RJ	ACIC/SC			UNICEP/ES
	S.J. Operário/RJ		UNICEP/ES	CESEC/SP	APACE/PB	ADVAM/AM			
				S.J. Operário/RJ	APDV/PA	ADEVICA/ES			
				UNICEP/ES	CEDEVERJ/RJ	ADVEGO/GO			
					CESEC/SP	ADVI/AC			
					UNICEP/ES				
Sud. 07	Sud. 04	Sud. 03	Sud. 04	Sud. 04	Sud. 05	Sud. 06			Sud. 05
Sul 01	Sul 04	Sul 04	Sul 01	Sul 04	Sul. 06	Sul 02			Sul 01
Cent. 01	Cent. 02	Cent. 01	Cent. 02	Cent. 02	Cent. 01	Cent. 02			Cent. 01
Nort. 01	nort. 01	Nort. 01	Nort. 01	Nort. 01	Nort. 01	Nort. 03			Nort. 01
			Nord. 03	Nord. 02	Nord. 02	Nord. 01			Nord. 02

Tabela 2: Entidades participantes dos campeonatos brasileiros

1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003 "A"	2003 "B"
ABDV/DF		APACE/PB	ADCV-AMAC/RJ	AADV/PR	ACERGS/RS	ACERGS/RS	AMC/MT	CESEC/SP
ACERGS/RS		CESEC/SP	GREDES/PB	ACIC/SC	ADEVIBEL/MG	ADEVIPAR/PR	CEIBC/RJ	ABC/BA
ADEVIBEL/MG		ADEVIBEL/MG	ADEVIBEL/MG	ADEVIBEL/MG	ADEVIPAR/PR	AMC/MT	CETEFE/DF	ADEVIRN/RN
ADEVICAMP/SP		ADVC/RJ	ACERGS/RS	ADEVIPAR/PR	ADVC/RJ	APACE/PB	ADEVIPAR/PR	ACEVALI/SC
APACE/PB		ABDV/DF	APACE/PB	AMC/MT	AMC/MT	APADEVIPB	APEC/PI	ADVAM/AM
APDV/PA		ADEVIPAR/PR	ACEP/PI	APACE/PB	APACE/PB	CCLBC/SP	APACE/PB	ADEVIG/SP
CESEC/SP		CCLBC/SP	AMC/MT	CCLBC/SP	APEC/PI	CESEC/SP	UNICEP/ES	ADVIMS/MS
UNICEP/ES		APDV/PA	CESEC/SP	CEDEMAC/MA	CEDEMAC/MA	CETEFE/DF	ISMAL/MS	
Sel. Espanha				CESEC/SP	CESEC/SP	UNICEP/ES	ACERGS/RS	
				IBC/RJ	UNICEP/ES		APADEVIPB	
				LDVAC/AC				
				UNICEP/ES				
Sud. 04		Sud. 04	Sud. 03	Sud. 05	Sud. 04	Sud. 03	Sud. 04	
Sul 01		Sul 01	Sul 01	Sul 03	Sul 02	Sul 02	Sul 03	
Cent. 01		Cent. 01	Cent. 01	Cent. 01	Cent. 01	Cent. 02	Cent. 04	
Nort. 01		Nort. 01		Nort. 02	Nort. 01		Nort. 01	
Nord. 01		Nord. 01	Nord. 03	Nord. 01	Nord. 02	Nord. 02	Nord. 05	

Continuação Tabela 2: entidades participantes dos campeonatos brasileiros

Existe oscilação com relação a quantidades de equipes participantes da Copa Brasil. Partes devido à estrutura organizacional (tabela de jogo) dos campeonatos e também por questão financeira das entidades e da própria ABDC. As entidades, na sua maioria não conseguem custear a viagem para a participação nos campeonatos. Detalhe este, que a ABDC tem tentado sanar através de projetos de trabalho em conjunto com o governo federal. Em muitas situações, financiando toda a viagem, hospedagem, alimentação, ou seja, todo o evento.

Hoje para uma equipe chegar a competição de uma Copa Brasil, ela deve estar entre as duas melhores equipes da sua região, no campeonato regionais realizado entre as equipes da mesma.

O regulamento da Copa Brasil, vigente a partir de 2003, diz que somente os dois primeiros colocados mantêm-se no próximo ano na série “A”, os demais deverão disputar a primeira colocação de seus respectivos regionais. Hoje a ABDC organiza 04 campeonatos regionais (sudeste, sul, nordeste e centro-norte). Os dois primeiros colocados da série “B”, também garantem as suas vagas para a série “A”. Essas equipes que possuem a vaga na série “A”, manterão, somente, se participarem no campeonato regional a qual a sua entidade pertence. Caso contrário perderá sua vaga.

As duas vagas restante serão preenchidas pelas equipes que tiverem melhores resultados dentre todas as equipes de todos os regionais.

Para se chegar a esse modelo de organização dos campeonatos regionais e nacionais houve muitas alterações na estruturação das mesmas no decorrer dos anos, passando por varias adaptações. Adaptações estas que foram necessárias com o ingresso de novas equipes e/ou na tentativa de melhorar as condições de competição já existente.

Abaixo colocamos alguns comentários referente a estrutura organizacional dos campeonatos, juntamente com algumas sugestões dos entrevistados:

“Olha...Eu acho que ainda falta muita coisa, né...acho que... o futebol, não só o futebol mas o esporte para cegos como um todo, ele carece de uma profissionalização um pouco maior (...) mas eu entendo que essa profissionalização ela é necessária como um sistema como um todo, eu acho que não dá para analisar somente a organização, acho que é necessário analisar todo o contexto, porque não adianta termos um campeonato excelente e nós não termos, por exemplo, as entidades revelando jogadores, as entidades sem estrutura pra poder desenvolver a modalidade, as entidades sem condição de custear, se quer, um treinador para poder trabalhar com as equipes. Então acho que temos que dar uma repensada, como um todo no futebol, não só na parte organizacional de evento (...) quando se trata de organização de campeonatos brasileiro não vejo muita diferença, a única coisa que eu vejo é

que está um pouco estacionada esse processo de renovação, esse processo de desenvolvimento de trabalho de base.(...)Bom na verdade as mudanças com relação a organização dos campeonatos um tanto quanto necessárias, eu acho ainda que não é o ideal, mas os processos do regionais, é um processo que trouxe uma evolução para nós, já que hoje se nós formos analisar, existe a perspectiva de mais de 30 times participando de campeonatos regionais, mais de 20 times participando de campeonatos regionais e hoje seria impraticável você ter todas essas equipes em um campeonato nacional (...) vem evoluindo e acho que ainda falta, eu entendo que uma possibilidade maior de intercambio porque um time que disputa um regional nordeste que não consegue passar ele nunca vai ter a oportunidade, por exemplo, de conhecer os sistema de jogo, as filosofias que com certeza são diferentes nas diversas regiões. Tanto que nós deveríamos ter, agora com essa primeira e segunda divisão é um caminho, mas nós deveríamos ter também, uma copa do Brasil que fosse um campeonato que pudesse reunir os primeiros colocados de cada divisão pra possibilitar que as entidades tivesse maior possibilidade de intercambio, e com isso, obviamente, cresceria o futebol brasileiro.” E2

“Ah... houve sim, né! Principalmente pela condição financeira, condição financeira virou extremamente importante e na época se tinha muito, então era tudo muito difícil alojamento, alimentação tudo muito complicado, hoje em dia não, hoje em dia tá.... quase perfeito. Acho que para ficar perfeito... é complicado falar, né!? Acho que...Talvez um... acompanhamento melhor assim, em termos médico, até a própria organização do campeonato, sistema de tabela, alguma coisinha mínima assim, mas tenho certeza que vai melhorar.” E3

“Olha... É lógico, a gente... melhorar da água para o vinho é muito difícil, mas eu acho que ela já teve uma melhora muito grande, porque em 1996, em 96 quando comecei a jogar... é a organização foi boa, mas oscilava,entendeu, os regionais a gente tinha que dormir em... sei lá, em alojamento que não eram, é... muitos descentes e hoje não, hoje a ABDC preo... prioriza...É tem pessoas aí só pra olhar a questão dos alojamentos para os atletas, então quer dizer... há um esforço de melhorar, há um esforço de tornar a coisa organizado, então quer dizer, isso é muito interessante (...) tem lugar, que as equipes iniciantes não vão ter chances nunca, por exemplo a região sudeste, por exemplo, a região, a região... um regional muito forte, e qualquer equipe que quiser iniciar dificilmente ela vai conseguir porque, porque as equipes que estão na região sudeste são equipes consagradas, ai é difícil. Pode surgir muito menos equipes novas, a renovação ela é menor. (...) As equipes, não vejo com tão bons olhos, vejo com olhos... é como normal. Olha, Dani, é o que eu te disse antes, eu acho que a organização dos campeonatos ela, ela ta melhorado muito, não posso falar muito porque só jogo de 96 pra cá. Entendeu? De 96 pra cá houve sim uma organização, não sei se considerável, mas houve uma organizaçãozinha, pequena, porque haviam poucas coisas para se corrigir. Hoje, os campeonatos está bem organizados, geralmente é aqui na ANDEF que é totalmente estruturado. Então quer dizer, é todo Brasileiro está acontecendo aqui. Aqui a estrutura, bom...que não sei se todos os centros de normais, de pessoas normais tem. Creio eu que a gente deve ficar mais bem alojados dos que campeonatos normal de pessoas. Campeonatos de pessoas normais dá, em alguns casos até da segunda divisão, ou terceira divisão do Brasileiro, então já é um progresso muito grande.” E4

“Antigamente não se tinha uma estrutura que se tem hoje. Quando se fala de estrutura, se fala desde recurso financeiros até em pessoal de apoio. Acho que tudo passa pelo recurso

financeiro, antes isso não tinha, uma estrutura organizada adequada, a gente dependia muito de, de ... de praticamente de favores de cidade, de prefeituras, né. Então nesse sentido melhorou aí em 1000%. Até mesmo em questão de organização da seleção, quando eu fui da seleção, em 91, não tinha nenhuma estrutura, a gente foi para Argentina com ônibus, com praticamente recursos nosso. Hoje não, hoje você tem uma preparação quase que igual para seleção de futsal das pessoas que enxergam” E5

“É assim...a nível de organização a única coisa que tenho a reclamar, assim, comentar, é sobre a gente ta ficando em alojamentos grandes e com outras equipes num mesmo quarto. Porque eu acho que pra um atleta desportivo de alto nível, de rendimento, você tem que éter um mínimo de descanso possível. E quando você tem outras equipes, outras pessoas de diferentes hábitos, você não alcança isso.(...)Também acho que tem coisas erradas. Também porque se você for pegar , bem assim, se vem aqui pra regional sudeste, você vai pegar, vai ter no mínimo um brasileiro aqui. Equipes fortes aqui: ADEVIBEL, CEIBC, CESEC, UNICEP...então tem pelo menos 4 equipes muito boas. Se você for pro nordeste ou pro centro-oeste, você vai encontrar uma equipe boa. E á a mesma quantidade de vagas. Então ta meio errado isso.”E5

“É assim...a nível de organização a única coisa que tenho a reclamar, assim, comentar, é sobre a gente ta ficando em alojamentos grandes e com outras equipes num mesmo quarto. Porque eu acho que pra um atleta desportivo de alto nível, de rendimento, você tem que éter um mínimo de descanso possível. E quando você tem outras equipes, outras pessoas de diferentes hábitos, você não alcança isso. (...)Também acho que tem coisas erradas. Também porque se você for pegar , bem assim, se vem aqui pra regional sudeste, você vai pegar, vai ter no mínimo um brasileiro aqui. Equipes fortes aqui: ADEVIBEL, CEIBC, CESEC, UNICEP...então tem pelo menos 4 equipes muito boas. Se você for pro nordeste ou pro centro-oeste, você vai encontrar uma equipe boa. E á a mesma quantidade de vagas. Então ta meio errado isso.” E6

“É na verdade, as situações são sempre levadas pelo momento do país, momento financeiro onde o número maior de equipes participava ou momento em que o número pequeno participou. Então na verdade a organização do desporto, a organização dos jogos, eu creio, que ela se dá principalmente pela situação momentânea do país, e da própria organização nacional do desporto para cegos, no caso ABDC. (...) É...houve uma tentativa em 1990, 91, nós tivemos uma tentativa dessa realização de uma série A e série B. Nesse ano, ano passado, vamos dizer assim, nós já tivemos uma experiência concreta e que evitou...(interrompidos novamente pelas pessoas que estavam passando)... Onde parei?...Foi como dizia, no ano passado essa experiência se concretizou. Eu creio que essa experiência foi bastante válida até porque permitiu que outras equipes e que estejam iniciando no futsal estejam atuando. E principalmente fazendo com que as equipes atuem mais vezes durante o ano. Uma das grandes reclamações, uma das grandes problemas que nós enfrentamos é que as nossas equipes treinam praticamente o ano todo para participar apenas em uma competição que muitas vezes dura 3, 4, 5 dias. Então é muito pouco para quem quer ter algo competitivo no país. Então por isso a questão da liga, a experiência da liga, aquele modelo seria, quem sabe, que atingisse da melhor forma essa participação. No entanto, pela condição financeira que ainda existe, para as melhores condições financeiras nós acabamos adotando essa outra situação. E a questão da série B ou a participação da série A e série B,

vem quem sabe premiar aquelas equipes que poderão estar atuando um pouco mais. Mesmo que nós achemos ainda com pouco tempo de atuação, com poucas participações. Mas quem sabe seja o possível no momento.” E7

“Ah... a organização dos campeonatos, ao meu ver, a cada ano tá melhorando, tanto na parte de... como é que pode se dizer... na parte da estrutura mesmo. Onde nós ficamos, alimentação, todo aparato de, como se diz... fisioterapia, enfermeiro, tudo. Isso eu acho que tá melhorando cada vez mais. Também devido, também, aos patrocínios que a própria ABDC, comitê tem recebido.(...) É, o que poderia ser feito era, não só um campeonato em uma semana, porque a gente vai para o regional e depois do regional daí tem a fase final. Agora tá dividido em 2 categorias, B1 e B...é... série A e serie B, aliás. O campeonato é muito curto, é uma semana só, então quer dizer, você faz um trabalho, você faz um trabalho, vamos dizer assim, em seis meses pra desfazer tudo em uma semana. Enquanto, poderia ser um campeonato mais longo, vamos dizer que poderia ser o primeiro campeonato entre as regiões, entre regiões até poderia ser também.” E8

“É, na verdade o quê que houve, todo processo do ponto de vista estrutural, ele tem que ir se adequando. Por quê? Por quê o que nós sempre buscamos? A massificação do esporte para cegos e principalmente como meio de integração. Então a gente vê que o objetivo é que cada vez mais o deficiente visual use esse espaço, tenha conhecimento. Que antes de mais nada é um direito o acesso ao esporte. Por conta disso, por conta do próprio futebol para cego ter sido o carro chefe, então houve a necessidade dessa readequação. Então qual era, qual foi sempre a grande preocupação: que as equipes competiam muito pouco. (...) Mas isso está nos objetivos – nós poderemos cada vez mais o nosso pessoal em atividades. Então, as mudanças foi em decorrência disso. Hoje nós temos na ABDC, quase 80 entidades e 2000 atletas. Então, foi basicamente isso. Nós aumentamos o numero de equipes, criamos a série A e a serie B. Então, seja, porque se não o que acontece, você cria um esporte elitizado, um esporte inacessível, que vai ser um esporte para poucos. Então, foi pensando na questão motivacional, na questão de oportunizar mais a participação.” E9

A ABDC organizou em 2000 a Liga Nacional, uma tentativa de inovação que foi muito bem aceita, mas sem grandes estruturas físicas e financeiras para suportar. Conseguiu-se finalizar o campeonato, porém não obteve forças para dar continuidade. É o exemplo de organização que os entrevistados gostariam que mantivessem devido à vasta possibilidade de jogos durante um ano. Vejamos alguns depoimentos:

“Houve a tentativa de implantar a liga em 2000, mas eu só assumi a equipe depois da liga, então eu não participei da liga, eu assumi depois que a minha equipe ficou em penúltimo colocado da liga, eles me procuraram, já tinha ajudado eles financeiramente, consegui um patrocínio para eles irem pra liga. Daí quando eles voltaram com esse resultado de penúltimo que eles me procuraram e em dois mil mesmo eu comecei o treino, mas só, mas a minha primeira competição foi em 2001, onde não teve mais esse sistema de liga.” E1

“(...)Em 2000, quando houve a liga, com turno e retorno, eu acho que é um modelo até ideal que nos teríamos no futebol de cego. O único problema da liga é a falta de estrutura das entidades, pra você ter uma idéia, nós tivemos a..., ir jogar em Curitiba contra o time da ADEVIPAR e o, o..., o alojamento era por conta do time da casa, nos colocaram dentro da favela numa casa sem porta. Então assim, a liga, eu acho, ela é o ideal, só que... hoje, infelizmente, a gente ainda não teria a estrutura para suportar é... uma...a liga como ela deveria ser. Isso eu ainda estou falando numa realidade sul e sudeste, você imagina como seria isso no norte do país, então eu acho assim que não é possível ainda trabalhar desta forma, mas o dia que for com certeza será um modelo ideal.” E2

“Olha, eu achei legal, achei bom, principalmente porque movimenta um pouco mais a equipes né, só que em contrapartida tinha um gasto um pouco maior né que as entidades, infelizmente, não tem muita condição de manter.” E3

“Essa foi uma idéia nova, que surgiu ano passado, parece que foi uma idéia do Prof. Luis de Brasília e que está tentando implantar no Brasil. Então quer dizer, a gente não pode falar muita coisa porque é novo. Né, Dani, do novo você não pode falar, você não pode falar. A principio no Campeonato passado parece que foi bom. Foi bem aceita e assim, né Dani, ela possibilita um pouco mais de equipes participar, do Brasileiro.” E4

“(...)Então nos finais dos anos 90 nós tivemos a criação da Liga Nacional. É 2000, no começo do ano 2000, do século novo. Aliás, no final do século passado. Então a Liga Nacional foi algo que teve resultado muito bom pôquer as equipes jogavam entre si, visitando outras equipes. No caso, sempre tínhamos a participação da equipe do Paraná, Santa Catarina e vice-versa. E outros estados também, outras equipes faziam isso. Essa foi uma experiência muito boa porque obrigava essa equipes a participar, a treinar mais tempo, já que participava o ano todo dessa competição. Essa Liga, nós tínhamos a cada mês um jogo ou dois jogos. Iríamos jogar em outras cidades, jogávamos duas vezes depois vinham jogar na nossa cidade. Jogávamos também duas vezes. Porém, as condições financeiras das entidades, as condições da própria ABDC não permitiram que tivéssemos a continuidade. Então, eu diria a você que a própria organização...(interrompido pelo barulho das pessoas que estavam passando)... Então como estava te dizendo, essa participação da liga foi algo bastante benéfico, no entanto, pela ausência dos recursos financeiros acabou que essa liga não vingou. Mas como eu disse a organização sempre foi feita da melhor maneira possível de acordo com as condições financeiras do momento.” E7

“Não. Nós não participamos, o time da Paraíba não participou por falta de patrocínio. Por questões financeiras.” E8

“Nós tentamos fazer a experiência da liga, que foi umas experiência maravilhosa. Só que a nossa realidade, do ponto de vista da estrutura das entidades e até mesmo da ABDC, não permitiu que nós continuássemos.” E9

Observamos nas respostas acima que houve melhoras consideráveis com relação a organização dos eventos, porém, ainda encontramos problemas e dificuldades para realizar mais campeonatos que possibilitem maior intercambio entre as equipes. Estamos crentes de que

poderão acontecer novas e melhores adaptações para satisfazer a vontade de muitos atletas (aumento do número de jogos durante o ano, por exemplo), melhores condições financeiras e estrutura física para o desenvolvimento cada vez mais notória e a possibilidade de renovações no futebol de cinco em nosso país.

Devido a essa boa organização dos eventos nacionais, o Brasil conseguiu créditos de confiança da IBSA para organizar o primeiro campeonato mundial. Campeonato este que nós mostramos ao mundo a habilidade e a potencialidade dos nossos jogadores, além de construir um vínculo estreito com a federação internacional possibilitando a realização de outros eventos internacionais.

Afirmamos com muito prazer, a superioridade do Brasil, na modalidade futebol para cegos. Basta verificarmos o crescimento quantitativo e qualitativo dos atletas brasileiros. Além das conquistas internacionais inéditas na história do futebol, não só de campeonatos, mas também de premiações individuais como melhor jogador, melhor goleiro, entre outras premiações.

O Brasil conquistou uma das seis vagas para a primeira edição do futebol de cinco nos Jogos Paraolímpicos no final de 2003, ao consagrar-se campeão da Copa América de Futebol para cegos, realizado na Colômbia. Podemos observar o desempenho gratificante da seleção brasileira nos campeonatos da Copa América e do Mundial de Futebol de Cegos da IBSA, a seguir:

- Campeonatos Mundiais (ABDC, 2004):

- I Campeonato Mundial de Futebol para Cegos da IBSA, realizado no Brasil, em 1998, na responsabilidade da ABDC, o país sede consagra-se campeão;
- II Campeonato Mundial de Futebol para Cegos da IBSA na Espanha, em 2000, o Brasil conquistou o título de bicampeão;
- III Campeonato Mundial de Futebol para Cegos, em 2002 no Brasil (este sede do campeonato pela segunda vez), tem como campeã a equipe da Argentina, e o Brasil ficou com o terceiro colocado;

- Copa América (ABDC, 2004):

- I Copa América realizada no Paraguai, o Brasil consagra-se campeão em 1997;
- II Copa América realizada na Argentina, em 1999, consagra-se campeã a equipe da Argentina, nesta edição da Copa América o Brasil foi o vice-campeão;
- III Copa América realizada no Brasil, este conquista o bicampeonato em 2001;

- IV Copa América realizada na Colômbia, em 2003, o Brasil conquista o título de tricampeão;

O Brasil foi o país que conquistou o Primeiro Campeonato Mundial, em 1998, sediando o evento. Hoje possui o título de bicampeão mundial.

Após quatro campeonatos da Copa América, o Brasil conquistou o título de tricampeão. Temos a conquista de três edições da Copa América, sendo a sua primeira edição realizada no Paraguai em 1997.

É inegável o reconhecimento do Brasil, hoje, como uma potência mundial na modalidade futebol de cinco. Além dessas conquistas citadas acima, o Brasil conseguiu também o título de campeão Paraolímpico, em setembro deste ano (2004), nos Jogos Paraolímpicos de Atenas, no qual o futebol para cegos participa pela primeira vez como modalidade oficial dos jogos.

Após deliciarmos com essas histórias e constatar o Brasil como um exemplo mundial na modalidade que todos os brasileiros se dizem apaixonados, o futebol, e, ter a bela representatividade da população cegas do país, tanto no âmbito nacional como internacional. Passaremos a seguir, para um momento de reflexão sobre as perspectivas dessa modalidade no Brasil de acordo com os entrevistados.

As perspectivas...

Após a realização das entrevistas e a sua transcrição na íntegra, percebemos a importância de reservar um momento para discutirmos o futuro desta modalidade. Modalidade esportiva que teve a sua primeira participação nos Jogos Paraolímpicos em 2004 e deixou muitas expectativas aos atletas, e a todos que a acompanham. Aqueles que vêem a possibilidade de um dia compor a seleção brasileira, e aos que simplesmente torcem e trabalham de outras maneiras para que esta modalidade se desenvolva cada vez mais no Brasil e no Mundo.

Constatamos na fala de todos os entrevistados a segurança e a crença de conquistar a medalha de ouro em Atenas. Fato este que se consumou em setembro deste ano, 2004.

Os entrevistados falaram sobre suas perspectivas com relação aos 'sonhos' e desejos que ainda possuem como atletas apaixonados pelo futebol. Por exemplo, a questão do reconhecimento, do respeito como atleta cego ao citar 'sou jogador de futebol', a possibilidade de mostrar a todos com o auxílio da mídia (divulgação em massa), inclusive a outros deficientes visuais que são capazes e devem praticar esporte. Enfim, que é possível sonhar e ir a busca dele.

Além da divulgação da modalidade futebol para cegos, os entrevistados esperam o reconhecimento como um atleta que pratica uma modalidade esportiva que faz parte da manifestação da cultura nacional. Sem dúvida nenhuma, a divulgação desta modalidade é considerável pós Atenas, fato benéfico para todo o desporto adaptado.

Como já afirmamos no capítulo 3, a inclusão desta modalidade nos Jogos Paraolímpicos é um grande marco na história, e os entrevistados acreditam que pode ser um estímulo para que novas pessoas busquem essa prática esportiva, possibilitando desta forma a renovação dos atletas com qualidade. Acontecimento este que a ABDC tem tentado trabalhar com eventos escolares, como forma de incentivar as práticas esportivas por crianças e adolescentes.

É interessante notarmos que muitos, entre os entrevistados, não imaginavam participar dos Jogos Paraolímpicos, tinham a idéia de que demoraria muito para se concretizar a participação da modalidade esportiva futebol para cegos em uma Paraolimpíadas. E mais ainda a participação dos entrevistados como atletas e/ou dirigentes representando o Brasil. Portanto, a

participação neste ano foi um ganho pessoal considerável, de cada integrante da seleção brasileira, cada qual com a sua particularidade. Também, para o futebol de cinco de uma maneira em geral, considerando que esta é uma modalidade recente.

Acreditam que profissionais capacitados tenham interesse em trabalhar com esta modalidade e que novas pessoas cegas se interessem também, melhorando a qualidade técnica dos atletas e do jogo. Os profissionais terão a função de trabalhar para capacitar jovens cegos e estimular-los cada vez mais para a prática do futebol de cinco, além da busca constante de capacitação e aperfeiçoamento nesta modalidade.

Mais que a capacitação constante dos profissionais, os entrevistados acreditam que há possibilidade de estreitar o vínculo dos locais de formação – a UNIVERSIDADE, com os eventos esportivos organizados pelas associações nacionais, para o crescimento de ambas as partes, e principalmente para o esporte em questão.

Crêem que com a conquista de mais um título inédito para o Brasil, os problemas organizacionais e financeiros possam diminuir. E com isso, financiamentos e/ou patrocínios se tornem realidades cada vez mais presentes. Trazendo melhorias para o movimento desportivo para cegos em geral, e conseqüentemente maiores possibilidades de campeonatos durante um ano. Este último item é uma das requisições mais presente nas entrevistas.

É interessante que, apesar de se tratar de uma única modalidade, seus integrantes pensam normalmente na melhoria do desporto como um todo e não somente na sua modalidade.

Os sujeitos da pesquisa acreditam que os materiais de jogo podem ser melhorados com o avanço da tecnologia, como por exemplo, a bola. Vêem, também, a possibilidade de substituir o chamador por um sinal sonoro, como uma espécie de campainha, acionada pelo técnico.

Porque não, vislumbrarmos também com a possibilidade de camisas de jogos com tecidos diferentes, possibilitando desta forma uma dica a mais para os atletas em quadra, a dica tátil. Talvez com essa pequena alteração, tecidos diferenciados, os atletas adquiram mais autonomia em quadra.

Podemos organizar sinteticamente as principais perspectivas dos entrevistados:

- Crescimento quantitativo e qualitativo de atletas de futebol;
- Mais campeonatos – Liga;
- Renovação – evento escolares;
- Reconhecimento;

- Mídia;
- Cursos e treinamentos para profissionais que trabalham com o esporte para DVs
- Aumento de profissionais capacitados;
- Vínculo estreito ESPORTE+UNIVERSIDADE;
- Investimento Setor público e privado;
- Melhoras na organização dos eventos;
- Possibilidade de existir uma bola eletrônica;
- Trazer pessoas para atuar em qualquer âmbito do desporto para cegos;
- Melhorias para o movimento de cegos no Brasil;
- Desenvolvimento do futebol no mundo;
- Maiores aberturas para o futebol de salão adaptado
- Interesse de pessoas com visão normal – goleiros
- Benefícios aos deficientes em geral – melhores condições de cidadania

Deixamos, a seguir, as falas do entrevistados com relação as suas perspectivas:

(...)Acho que se vier uma medalha aí, tão sonhada, vai abrir muitas portas assim (...) o momento, a oportunidade que vai surgir, nós vamos ser um pouquinho mais falados, eu acho que, o que está precisando para melhorar ainda mais, é... que a própria ABDC ou a entidade valorize um pouco mais o profissional que está trabalhando com cegos.” E1

“Olha, a tendência é o futebol crescer bastante, porque na verdade um sonho de todo atleta é participar numa paraolimpíadas, então com a nossa modalidade não é diferente. Principalmente com alguns incentivos que vem surgindo (...) então acredito que isso vai fazer com que a modalidade cresça bastante, que a modalidade se desenvolva cada vez mais. (...) junto com o interesse da pessoa cega em praticar o esporte, que surja uma política aí que seja desenvolvida uma política de capacitação e treinamento de profissionais para poderem trabalhar com a pessoa cega.(...)” E2

“Eu acho que principalmente em termos de divulgação, né... o futebol para cegos esta muito bem evoluído, esta muito bem direcionado, né, tem pessoas extremamente competentes dirigindo, mas ainda...ainda falta divulgação, existem muitas pessoas que nem sabe que o futebol(...) Eu acho que com a participação nas paraolimpíadas a divulgação vai ser melhor e com certeza vai alcançar muito mais pessoas.” E3

“a gente espera, espera do fundo do coração que a gente seja reconhecido pela sociedade e que a imprensa nos dê o nosso espaço porque para você ter uma idéia(...)Então quer dizer, a gente espera esse espaço, lógico, ninguém ta fazendo futebol aqui para promoção pessoal (...) a gente só espera ser reconhecido, a gente não espera nada de promoção, de ganhar dinheiro, nada disso. A gente só espera ser reconhecido, o futebol nosso, e que a gente tenha

o nosso espaço que a gente merece(...) Espero que nós sejamos reconhecidos e que conquistemos o nosso lugar no Sol.” E4

“Ah...tem vários aspectos, eu acho que, no aspecto da organização a tendência é melhorar e principalmente arrumarmos um patrocinador, né. Que onde se tem recurso você consegue melhorias. Em termos de organização em termos de melhora de, de...regionais, de brasileiro, com dinheiro você faz a coisa melhor, né. Na questão do transporte, alojamentos, arbitragem, enfim, toda a organização. Em termos técnicos e táticos eu acho que a gente tem sempre que evoluir nesse sentido, né. É as equipes sempre ta evoluindo fisicamente, taticamente, tecnicamente de acordo com cada tipo de treinamento. É em termos de divulgação é que a gente acha que , é o que, que a gente conseguiria mais, eu acho que hoje o basquete em cadeira de rodas, ele tem um grande avanço sobre o futebol e cindo. Ele é muito mais divulgado que o futebol de cinco, né. E a gente gostaria que a gente chegasse neste mesmo nível, pelo menos, né. É agora parece que na próxima novela das 8h vai ter um cego esportista, então pode ser que isso contribua muito.” E5

“Queria pro futuro, de repente, próximo mais campeonatos a nível nacional porque você participa de um campeonato de repente no regional você, a sua equipe não classifica nem para série B e fica fora.(...) hoje não pode a nível de dinheiro, não tem verba pra isso, mas deveria de ser aquele lance de você ta indo lá jogando na cidade da outra equipe, outra equipe vindo aqui e assim rodando o ano inteiro como acontece no normal. Que foi a super liga que teve mas não deu certo pelo fato de não ter dinheiro.” E6

“Olha, eu acredito que as minhas perspectivas são as melhores possíveis. (...) eu deslumbro num garoto de 14, 15 anos jogando futebol, pra mim é uma grande vitória. Pra mim é um grande ganho. E logicamente, que as conquistas, as conquistas de medalhas, de títulos e resultados também nos trás muita satisfação.(...) Este ano nos jogos paraolímpicos eu acredito que a nossa equipe que esta se preparando tem grande chance de buscar a medalha de ouro. O Brasil é, nós temos três campeonatos mundiais já realizados, o Brasil foi campeão em dois deles. Das quatro competições de Copa América, o Brasil conquistou três. E agora nessa primeira paraolimpiadas eu torço, sonho e trabalho para que nós possamos ser também os primeiros campeões paraolimpicos.” E7

“Eu acho que se nós voltarmos de Athenas com a medalha de ouro, eu acho que vai abrir mais espaço para o nosso futebol de salão adaptado. Vai ser a primeira paraolimpiadas como foi o primeiro mundial. Já no primeiro mundial nós fomos campeões, abriu um pouco, mais garotos quiseram participar.” E8

“Então, nós passamos a ter aí, gradativamente nas equipes, o profissional de educação física, que tão importante quanto ensinar jogar bola, ensinar fundamentos é os aspectos atinentes a segurança do atleta. Então eu acho que isso é importante, é a gente buscar, criar esse espaço. E as entidades, entidades prática, as associações e clubes, enfim, que desenvolvem o futebol estão buscando cada vez mais essa proximidade com a universidade. Então isso, eu acho, que significou um divisor de águas. E no futebol a gente percebia muito isso, ou seja, a ausência da mão-de-obra qualificada.(...) É na verdade, a gente acredita que alguns aspectos são de fundamentais. Eu acho assim, que não só em torno do futebol, mas em torno do nosso desporto. Que todas essas conquistas paraolímpicas possam impactar na vida

dôo deficiente. Então, é inclusive, desses atletas para que eles tenham garantia de uma melhor condição de cidadania com relação aos trabalhos, com relação a escola, enfim, com relação aos aspectos aí do cotidiano, deles enquanto cidadãos. E do ponto de vista do setor esporte, o que a gente espera é o envolvimento e o apoio da iniciativa privada. Já que a gente entende que o poder público já tem feito bastante. Então essa é a nossa expectativa.” E9

Considerações finais

Ao analisarmos a história do futebol para cegos no Brasil e sua representatividade no mundo, verificamos que houve desenvolvimento significativo durante os 20 anos da fundação da ABDC. Desenvolvimento este que resultou na realização de 17 “Copas Brasil” de futebol para cegos. Neste ano, 2004, percebemos o crescimento considerável de entidades em busca de filiação, conseqüentemente o aumento do número de atletas cegos praticantes do futebol.

Obtivemos resultados crescentes no âmbito nacional, com o aumento de entidades filiadas, e internacionais, com as conquistas inéditas no mundo nesta modalidade esportiva (Copa América, Mundial da IBSA e Paraolimpíadas).

A ABDC possui hoje 72 entidades²⁴ filiadas a ela, sendo que 31 entidades desta listagem participaram no campeonato brasileiro de futebol para cegos, lembrando que, algumas instituições se filiaram recentemente e outras não são mais filiadas ou foram extintas. Esse crescimento é notável quando em 1998, de acordo com Camargo (1999), não havia mais de 50 entidades filiadas. Temos por certo a existência de entidades e associações no Brasil que não conhecem a ABDC ou não possuem estruturas políticas para a filiação da entidade. Com certeza essas entidades e associações estarão presentes nos futuros eventos e juntamente com a sua participação, a divulgação e o desenvolvimento de diferentes modalidades em diferentes regiões do país.

É inegável o desenvolvimento do futebol no Brasil, visto a necessidade de se criar dois campeonatos brasileiros, ainda em 2003, para suprir a demanda. Houve, inclusive, comentários de se criar diferentes níveis de competição, mas nada formal. Acreditamos na possibilidade da criação de federações estaduais que possam auxiliar ou organizar campeonatos, facilitando a resolução de uma das maiores requisições dos entrevistados desta pesquisa – aumento de campeonatos.

Tivemos o marco do desenvolvimento mundial desta modalidade após as alterações nas regras em meados da década de 90, com a oficialização nos Jogos Paraolímpicos. Acreditamos

²⁴ Número adquirido em maio deste ano.

que teremos um número maior de países praticando essa modalidade no mundo pós-jogos de Atenas. E no Brasil com certeza, estamos seguros, de que haverá muitas crianças interessadas em um dia fazer parte da seleção brasileira nos Jogos Paraolímpicos.

No capítulo quatro, uma das preocupações era referente à necessidade de trabalhos de base, para o surgimento de novos atletas. Podemos afirmar que esse trabalho já se iniciou com a realização dos I Jogos Brasileiros Escolares da ABDC, realizada no período de 12 a 15 de novembro de 2004, na cidade de São Paulo. No qual, as crianças e adolescentes de diferentes regiões do país puderam vivenciar as modalidades esportivas sob a responsabilidade da ABDC. O futebol estava incluso neste evento. Vimos crianças e adolescentes cegas participando das atividades de futebol, e impressionando todos os envolvidos e o público presente com suas habilidades motoras no domínio e controle de bola. Estamos certos de que haverá condições para trabalhar esta modalidade em diversas regiões do Brasil, com profissionais capacitados com situação trabalhista regularizado e, crianças e adolescentes cientes desta possibilidade esportiva.

Concordamos com Leitão (2002) quando ela afirma que podemos proporcionar através do esporte experiências gratificantes, que auxiliam no desenvolvimento motor e educacional, em busca do crescimento pessoal num ambiente de respeito e aceitação. E nem todas as crianças serão, um dia, um atleta de alto nível, elas podem buscar o esporte como forma de satisfação pessoal somente.

É importante disponibilizarmos a modalidade para o maior número de pessoas cegas possível de diferentes idades, porque da quantidade pode-se reunir alguns praticantes de futebol com muita qualidade. Mas não podemos deixar de lado os processos educacionais do esporte, e o seu poder de auxiliar na formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Podemos afirmar que este trabalho é fruto de um vínculo estreito que a ABDC firmou com a UNICAMP em meados da década de 90. Vínculo este que proporcionou e proporciona a divulgação do conhecimento específico e necessário para desenvolvimentos de trabalhos voltados as pessoas deficientes visuais. Notamos a importância deste trabalho acadêmico como forma de registrar o processo histórico do futebol de cinco e também como manifestação deste vínculo ABDC-UNICAMP.

Desenvolvemos um tema presente na cultura nacional e expoente em uma perspectiva sócio-político-econômico, revelado pelo seu poder de inclusão e a sua manifestação nos fóruns esportivos mundiais. E o futebol é uma das práticas esportivas para cegos, que mais cresce no

país, devido à identidade da população cega com a modalidade e todo o trabalho de divulgação e incentivo da ABDC. Creemos que é a modalidade que ainda tem muito a crescer: melhorias com relação a organização dos campeonatos, profissionais em busca de conhecimento específico, aumento de cegos praticantes, descobertas de vários atletas, alterações das regras conforme as necessidades e melhorias tecnológicas que com certeza irão influenciar no desenvolvimento do futebol de cinco.

Temos como sugestões para estudos: o estudo de todas as entidades que participam nos campeonatos oficiais, o estudo da diversidade tática do jogo, a compreensão da nomenclatura do jogo (hoje denominada futebol de cinco), os sistemas organizacionais dos campeonatos, entre outros assuntos referentes a modalidade futebol praticado pelas pessoas cegas. Esperamos que o presente trabalho seja o ponto de referência inicial no desenvolvimento acadêmico referente a essa temática. Tema este que carece de muito estudo para melhorar a nossa atuação profissional e possibilitar melhoras no desenvolvimento deste esporte no Brasil e no Mundo.

Bibliografia

ABDC, Associação Brasileira de Desportos para Cegos – **Boletins e Relatórios Oficiais**. São Paulo: ABDC: 1984 a 2004.

-----, **Historia: futebol**. IN: www.abdcnet.com.br Acessado em 03/03/2004.

ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990.

ALMEIDA, J.J.G. Metodologia Aplicada ao Deficiente Visual. **Caderno de texto do Curso de Capacitação de Professores Multiplicadores em Educação Física Adaptada**. Secretaria de Educação Especial, Brasília: MEC/SEESP. 2002. 161 p.

ARAÚJO, P. F. O desporto adaptado no Brasil: onde tudo começou. IN: **Desafiando as diferenças**. São Paulo: SESC, 2003. 82-93p.

CAMARGO, W. X. **O universo desportivo de cegos e deficientes visuais: uma interpretação**. Dissertação de mestrado. Campinas: FEF/UNICAMP, 1999.

CATELLANI FILHO, L. **O fenômeno cultural chamado futebol: uma prática de estudo**. Artus, 1985.

CONDE, A. M. A criança portadora de deficiência visual usando o seu corpo e descobrindo o mundo. In: Ministério do Esporte e Turismo/Secretaria Nacional de Esporte. **Lazer, atividade física e esporte para portadora de deficiência**. Brasília: SESI – DN, 2001. 135-176p.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Regras Oficiais: Futebol de salão**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Desportivas, 1989.

_____. **História**. In: www.cbfs.com.br Acessado em 27/05/2004.

DAÓLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. 2^a. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

FEDC (Federación Española de Deportes para ciegos): **Desportes: Fútbol sala: historia**; in: www.fedc.es acessado em 04/03/2004.

FERREIRA, R. L. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

FREITAS, P. S. & CIDADE, R. E. Desporto e deficiência. IN: FREITAS, P. S. **Educação Física e esporte para deficientes**. Uberlândia/MG: UFU, 2000.

GARCIA, R. e FAILLA, W. R. **Manual de futebol de salão**.1^a. ed. Araçatuba: Leme, 1986.

IPC, Cômite Paraolímpico Internacional: **Paraolimpíadas: Futebol**; in: www.paralympic.org acessado em 04/03/2004.

IBSA, Federação Internacional de Esporte para Cegos: **Fútbol sala**; in: www.ibsa.es acessado em 03/03/2004

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A.; **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3^a. Edição: revisada e ampliada; São Paulo: Atlas, 1991.

LEITÃO, M. T. K. **Perspectivas de atuação profissional: um estudo de caso das olimpíadas especiais**. Tese de doutorado. Campinas: Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 2002.

MORATO, M. P. **Treinamento defensivo no futsal**. Buenos Aires: efdeportes – año 10 – nº 77, outubro de 2004.

OLIVEIRA FILHO, C. W. Atividade físico-esportiva para pessoas cegas e baixa visão. IN: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. e colaboradores. **Atividade física para pessoas com**

necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas. Rio de Janeiro: Guanabara: Koogan, 2003.

ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles); **Servicios Sociales: cultura, ocio y deporte:** Deporte: Deporte de competición; in: www.once.es, acessado em 03/03/04

ROCHA, H.; **Ensaio sobre a Problemática da Cegueira;** Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1987.

SANTANA, W.C. **Futebol de salão e futsal: 70 e pouco anos de história.** Disponível em: www.pedagogiadofutsal.com.br/historia.php acessado em 27/05/2004, 17 e 20/08/2004, 22/10/2004 e 19/11/2004.

SHERRILL, C.; **Adapted Physical Education and Recreation: a multidisciplinary approach;** 3ª Ed. Iowa/Dubuque: W. C. Brown, 1986.

TORRES, M. S.; **O futsal como conteúdo pedagógico da Educação Física Escolas: um estudo no ensino fundamental;** Monografia Licenciatura; Campinas: FEF-UNICAMP, 1997.

THOMAS, J.R. & NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto alegre: Artmed, 2002.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados.** Tradução: Fernando Augusto Lopes. Barueri/SP: Manole, 2004.

Carta de Aceite CEP/FCM

Anexo II

Termo de Consentimento

Eu, _____ portador do RG _____, concedo a graduanda Daniela Eiko Itani (RA 995028), do curso de Educação Física da UNICAMP, portadora do RG 29010231-5, a utilizar as informações por mim cedidas durante a entrevista para a construção do seu trabalho acadêmico.

Trabalho este que, visa o término do curso de Educação Física na modalidade Bacharel em Treinamento em Esporte, intitulado inicialmente, como: “Futebol de cinco: uma prática possível para Deficientes Visuais”.

A entrevista é uma das etapas do projeto para a compreensão e relato do processo histórico da modalidade esportiva futebol, praticado pelas pessoas com deficiência visual, focando a categoria B1 (cegos). Haverá também, o estudo bibliográfico referente ao tema definido no trabalho e o estudo documental dos arquivos da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC).

As informações por mim cedida na entrevista, serão sobre a minha participação no processo de desenvolvimento do futebol de cinco no Brasil.

_____, ____ de _____ de 2004.

Assinatura

AS ENTREVISTAS

EI

1. Quando você nasceu? Onde?

Eu nasci em 28 de abril de 1972. Paraná.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Sim da ABDC, inclusive sou técnico da seleção. Participei da ADEVIPAR.

3. Quando você começou a ter contato com a prática esportiva futebol? Como? Onde?

No momento que eu entrei na faculdade, em 1993, quando eu conheci o Prof. Mário Sérgio. Eu atuava como voluntário, assim, em tudo o que eu precisava, desde dirigir a combi, até apitar jogo, ficar no gol, ser técnico, mas nada... com algum compromisso, só como voluntário mesmo. Em 2002 eu assumi como técnico oficial da ADEVIPAR, até então disputei em 3 campeonatos pela ADEVIPAR, como técnico.

4. Quando você começou a atuar (seja como jogador, ou como dirigente) no futebol para cegos?

É...Não tinha...não tinha como a gente tem hoje, os recursos que a gente tem hoje, as regras eram diferentes, a , a até a postura dos atletas que não consideravam atletas, se consideravam só apenas jogadores de futebol. São cegos que gostavam de jogar futebol, não era muito sério, era mais uma sociabilização entre as associações. Só...lá por 2001, quando foi meu primeiro campeonato brasileiro sério mesmo, que se implantou um treinamento, tanto físico quanto tático e nós levamos a sério a competição. Tudo isso em relação a minha participação na ADEVIPAR.

5. O que mudou na prática desta modalidade?

A oportunidade que estão dando, o apoio do comitê paraolímpico para a participação. E com relação a regra está possibilitando cada vez mais sair jogo mesmo. Quando comecei não existia a banda ... lateral. É...a bola cada país cada cidade jogava com a sua bola. O goleiro, tinha muito problema, que o goleiro tinha que ser B2, então o teste era muito relativo, uns enxergavam mais que outros, então autorizando assim está cada vez melhor.

6. O que mudou tecnicamente e taticamente?

Ah...evolui, evolui bastante... até então não tinha muita... tática de jogo, era dois para cada...dois na frente e dois atrás e correndo atrás da bola. Hoje em dia nós temos esse, esse...a oportunidade de treinamento e você estabelecer funções dentro da quadra.

7. Qual a sua visão sobre a organização dos campeonatos de futebol para cegos no Brasil quando você começou a se envolver com essa modalidade? E como é hoje?

Houve a tentativa de implantar a liga em 2000, mas eu só assumi a equipe depois da liga, então eu não participei da liga, eu assumi depois que a minha equipe ficou em penúltimo colocado da liga, eles me procuraram, já tinha ajudado eles financeiramente, consegui um patrocínio para eles irem pra liga. Daí quando eles voltaram com esse resultado de penúltimo que eles me procuraram e em dois mil mesmo eu comecei o treino, mas só, mas a minha primeira competição foi em 2001, onde não teve mais esse sistema de liga.

8. Para você, quais são as pessoas que tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê? O que essas pessoas fizeram?

Bom...se falarmos de futebol no Brasil e não falarmos do Prof. Mário Sergio a gente não está sendo muito coerente. Porque foi um dos... Não sei se é a pessoa, mas um dos a encabeçar a isso aí. Mas, acho que cada um dá seu tipo de contribuição, eu acho que, o Mário deu o deu na época dele, assim as pessoas vão surgindo após. Eu dei a minha até quando eu, até quando eu era treinador, que eu...nós fizemos uma tática diferente, no futsal, até então não tinha. Os goleiros apareceram aí e deram a contribuição deles, e...cada um na sua época.

A ABDC é a nossa grande incentivadora né...a ABDC faz de tudo pra gente ter o maior número de ... de entidades filiadas e conseqüentemente de maior número de equipes atuando. Então nós temos a possibilidade, por exemplo, pela primeira vez, começou no ano passado, de termos duas divisões no futebol, isso é bom. Motiva a gente..., achei muito interessante, até porque...é... deixa mais nivelado o campeonato, porque tem equipes que estão...n um certo nível, que jogavam com as equipes que estavam começando, então dava goleadas assim, e desmotivava a outra equipe. Agora a equipe está na segunda divisão só vai competir com as equipes que está no nível dela, então tá sendo jogos mais disputados, tá sendo assim, até mais emocionante.

9. Você tem acompanhado os campeonatos nacionais e internacionais de forma bastante participativa. E você acha que os resultados positivos têm estimulado o desenvolvimento da modalidade?

Bom é...o Brasil vêm muito bem, você diz da seleção brasileira....Bom, quando a seleção...Quando a gente...quando nós assumimos a comissão técnica, nós já fomos em dois campeonatos. Em dois campeonatos que nós fomos, fomos com equipes diferentes, nós fomos para a Colômbia e fomos campeões com uma equipe. Teve um campeonato na Argentina e fomos com a outra equipe que também nós fomos campeões. Então é...essa porta que está se abrindo, essa oportunidade que estamos dando para mais atletas está sendo super importante, tá sendo motivante para aqueles que não conseguiam, as vezes chegar a seleção brasileira, então o atleta tem um pouco mais de motivação.

O aumento de pessoas interessadas é em partes resultado da boa atuação da seleção, mas talvez não só...a própria mídia está dando um pouquinho mais de valor né, tá começando a aparecer mais na mídia.

10. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Depende muito do resultado, eu acho. Acho que se vier uma medalha aí, tão sonhada, vai abrir muitas portas assim... o mais importante da medalha... de ouro em si, vai ser o momento, a oportunidade que vai surgir, nós vamos ser um pouquinho mais falados, eu acho que, o que está precisando para melhorar ainda mais, é... que a própria ABDC ou a entidade valorize um pouco mais o profissional que está trabalhando com cegos. Então...As vezes uma entidade não tem grande projeção em um campeonato porque o seu profissional não está sendo valorizado. As vezes é apenas um professor ali, que está cumprindo hora, e ele não tem motivação nenhuma pra se esforçar um pouquinho mais, pra buscar bibliografia, buscar outros tipos de treinamento porque ele não tem o recurso financeiro para aquilo, então ele se desmotiva, apenas leva os meninos para jogar e pronto.

11. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

Bom, eu ...fiquei muito tempo com, tô na seleção brasileira ainda. É primeira vez que a gente tá tendo a oportunidade de fazer um planejamento de uma seleção, até então nunca teve isso. Apenas tinha uma competição treinava uma semana antes e ia para ela, então, agora a gente tá tendo essa possibilidade de programar todo tipo de treinamento. E a minha perspectiva é de ficar um bom tempo na seleção, independente do resultado, não me preocupo em resultado e preocupo sim em possibilitar o maior número de pessoas praticarem e futuramente tenho interesse de passar esses meus...esses meus conhecimentos que eu adquiri para outras pessoas, outros técnicos para que cada vez mais nós temos...apareçam aí adeptos ao desporto.

E2

1. Quando você nasceu? Onde?

É...no dia 03 de novembro de 1967. Em São Paulo.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Faço parte do CESEC (Centro de Emancipação Social Esportiva de Cegos) desde 1990.

3. Quando você ficou deficiente? Por qual motivo?

Comecei perder...é eu na verdade nasci cego, tive um problema de catarata, perdi a visão. Fiquei cegos até aos 9 anos, ops... fiquei enxergando até aos nove anos, é...depois quando completei 9 anos iniciou o descolamento de retina dos meus olhos, eu comecei perder a visão gradativamente e com 13 anos perdi totalmente a visão.

4. Quando você teve o primeiro contato com esportes? Com que modalidade esportiva?

Isso, assim na verdade nem lembro muito bem porque... foi bem, bem quando criança mesmo, sempre gostei de futebol, sempre gostei de esporte, então eu lembro de eu lembro de, de ... de futebol, de eu jogar futebol, de praticar esporte já desde criança, desde pequeno.

5. Quais modalidades esportivas que você já praticou?

Já pratiquei goalball, atletismo.

6. Quando você começou a ter contato com a prática esportiva futebol? Como? Onde?

É então... o futebol foi a primeira modalidade que eu pratiquei, então assim, desde criança que eu joga futebol, mesmo quando eu enxergava.

7. Já participou em campeonatos brasileiros (regional ou nacional) de futebol para cegos? Fazendo o quê? E quando?

O meu primeiro campeonato brasileiro...minha primeira participação foi em 1992, foi um campeonato em Vitória/ES, até os dias de hoje.

8. Quando você começou a atuar (seja como jogador, ou como dirigente) no futebol para cegos? Como era jogado tecnicamente e taticamente e, como é hoje? O que mudou na prática desta modalidade?

É...Olha o futebol é ele, ele sofreu uma transformação, nós tínhamos regras próprias no Brasil que assemelhava muito o futebol de salão para cegos ao futebol de salão convencional. É... as regras eram praticamente as mesmas, e coisa que hoje não ocorre. Hoje com a unificação, com o processo de unificação das regras que se deu em por o Mundo para que o futebol se transformasse paraolímpico, que pudesse ser disputado em campeonatos mundiais, enfim...para que fosse homologado na federação internacional. É...houveram várias adaptações, como a banda lateral que impede a saída de bola, uma pessoa orientando atrás do gol, enfim, uma área de 2 metros. Aí houveram uma série de modificações, mas no início quando do início da minha prática, é... na modalidade oficialmente, as regras eram extremamente similares ao futebol de salão convencional.

9. Você considera essas mudanças positivas?

Ah...Depende do ângulo né...Na verdade eu acho que a maior conquista nossa foi conseguir fazer com que o futebol de salão para cegos se tornasse modalidade paraolímpica. Honestamente , é...teve um determinado período que eu imaginei, que eu não fosse... que não fosse possível eu pegar essa fase, é, do futebol paraolímpico. Imaginei que isso ia demorar um pouco, então acho que isso acabou valendo a pena. Mas eu particularmente entendo que a mudança das regras não foi positiva não foi positiva para quem tem o futebol com a característica mais técnica como é o caso do Brasil, é porque na verdade favorece as pessoas que se utilizam das bandas laterais para poderem jogar, é acho que foi prejudicial, e na verdade entendo até que, que os outros países tiveram até muito interesse em mudar, até por conta do Brasil já ter o habito de jogar sem essa banda e aí com certeza a superioridade do Brasil seria até fragrante, até eu diria se fosse na regra antiga.

10. Qual a sua visão sobre a organização dos campeonatos de futebol para cegos no Brasil de quando você começou a se envolver com essa modalidade? E como é hoje?

Olha...Eu acho que ainda falta muita coisa, né...acho que... o futebol, não só o futebol mas o esporte para cegos como um todo, ele carece de uma profissionalização um pouco maior. É hoje a gente vê que, é... nós temos, por conta dos eventos internacionais, que ocorrem hoje, que não ocorriam quando iniciei a prática dos esportes, então acaba até tendo um pouco mais de interesse dos atletas por participar em campeonatos aqui dentro do Brasil, né... embora também, na época que eu iniciei, participei, tínhamos 15 equipes no campeonato brasileiro, que é um número bastante considerável, mas eu entendo que essa profissionalização ela é necessária como um sistema como um todo, eu acho que não dá para analisar somente a organização, acho que é necessário analisar todo o contexto, porque não adianta termos um campeonato excelente e nós não termos, por exemplo, as entidades revelando jogadores, as entidades sem estrutura pra poder desenvolver a modalidade, as entidades sem condição de custear, se quer, um treinador para poder trabalhar com as equipes. Então acho que temos que dar uma repensada, como um todo no futebol, não só na parte organizacional de evento, mas acho que devemos analisar,... hoje nós só temos renovações no futebol para cegos é... em Estados onde os institutos, onde os institutos desenvolvem trabalho com esporte, como é o caso de Paraíba, Bahia e Rio de Janeiro, são três estados que a gente percebe surgindo novos valores, e porque o instituto, ele acaba incentivando isso, porque tem atletas internos e..., e praticando esporte cotidianamente com profissionais capacitados para poder iniciar essas pessoas na atividade física, então é... é fora esses três iniciais Estados a gente não observa nenhum tipo de renovação, a gente vê que a coisa está um pouco estagnada, né. Então como eu te disse no princípio da resposta, voltando um pouquinho na questão organizacional, eu acho que a questão organizacional ela é... , ela continua até..., quando se trata de organização de campeonatos brasileiro não vejo muita diferença, a única coisa que eu vejo é que está um pouco estacionada esse processo de renovação, esse processo de desenvolvimento de trabalho de base.

Bom na verdade as mudanças com relação a organização dos campeonatos um tanto quanto necessárias, eu acho ainda que não é o ideal, mas os processos do regionais, é um processo que trouxe uma evolução para nós, já que hoje se nós formos analisar, existe a perspectiva de mais de 30 times participando de campeonatos regionais, mais de 20 times participando de campeonatos regionais e hoje seria impraticável você ter todas essas equipes em um campeonato nacional, né. Então, é um tanto que..., isso tá..., é um processo evolu...de...é..., que vem evoluindo, que vem evoluindo e acho que ainda falta, eu entendo que uma possibilidade maior de intercambio porque um time que disputa um regional nordeste que não consegue passar ele nunca vai ter a oportunidade, por exemplo, de conhecer os sistema de jogo, as filosofias que com certeza são diferentes nas diversas regiões. Tanto que nós deveríamos ter, agora com essa primeira e segunda divisão é um caminho, mas nós deveríamos ter também, uma copa do Brasil que fosse um campeonato que pudesse reunir os primeiros colocados de cada divisão pra possibilitar que as entidades tivesse maior possibilidade de intercambio, e com isso, obviamente, cresceria o futebol brasileiro.

Em 2000, quando houve a liga, com turno e retorno, eu acho que é um modelo até ideal que nos tínhamos no futebol de cego. O único problema da liga é a falta de estrutura das entidades, pra você ter uma idéia, nós tivemos a..., ir jogar em Curitiba contra o time da ADEVIPAR e o, o..., o alojamento era por conta do time da

casa, nos colocaram dentro da favela numa casa sem porta. Então assim, a liga, eu acho, ela é o ideal, só que... hoje, infelizmente, a gente ainda não teria a estrutura para suportar é... uma...a liga como ela deveria ser. Isso eu ainda estou falando numa realidade sul e sudeste, você imagina como seria isso no norte do país, então eu acho assim que não é possível ainda trabalhar desta forma, mas o dia que for com certeza será um modelo ideal.

11. Para você, quais são as pessoas que tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê? O que essas pessoas fizeram?

.....Olha, eu acho que foi, na verdade, foi uma conquista meio que de todo mundo, né... Porque na época que eu comecei a praticar, eu lembro que em 1994, o Brasil organizou os jogos latino-americano e só haviam três equipes que jogavam o futebol na América do Sul, que eram Brasil, Argentina e Colômbia, e até veio a Espanha como convidado. Então foi uma cobrança muito forte dos atletas do Brasil, dos atletas brasileiros para que isso ocorresse..., então eu assim..., te digo que o movimento do futebol de salão para cegos foi o maior responsável, e você que está estudando a história, você viu que a vontade de jogar o futebol fez com que os jogadores, os praticantes da modalidade tivessem, desenvolvessem a criatividade de um forma que se nós formos analisar friamente, até surpreende. No início o futebol começou a ser jogado com lata, então o cego percebeu que a lata ela tinha um som, e começou a chutar essa lata porque daí era possível localizar a lata e continuar jogando. Depois passou por processo da bola dentro da sacola, depois pelo processo da, da, da... do arame da tampinha amarrada numa bola de capotão, pra hoje chegar numa bola mais adequada, isso mostra que ha vontade, o amor pelo futebol fez com que a modalidade crescesse no país

12. Houve um crescimento considerável de pessoas com deficiência visual praticando o futebol hoje? Teve, juntamente com esse crescimento, melhoras na qualidade de jogo? Por quê?

Olha...é muito relativo isso, porque...na verdade assim... com as mudanças das regras acabou criando uma nova modalidade, né. E por outro lado se for analisar a primeira e segunda divisão que aumentou o número de praticantes também é uma situação um tanto relativo. Acho que nós tivemos acho que tivemos aí, me parece que 7 equipes na série...na série...É 17 equipes nas duas séries no ano passado (2003). Mas isso também acho que deve se ao fato de o governo federal ter subsidiado o transporte das equipes, talvez se isso não fosse feito nós teríamos um número menor. De 15, por exemplo, que nós tivemos em 1992 pra 17 que nós tivemos em 2003, eu entendo assim que o número praticamente continua igual, né. Porque como eu te disse o processo de renovação continua igual. Eu não acredito que tenha aumentado consideravelmente esse número. Será que se em 1992 o governo tivesse pagado as passagens, não tivesse mais equipes como em 2003?

O crescimento do nordeste, ele é... ele é muito...é, acentuado já a algum tempo, mas por exemplo...a Campi...Campina Grande, Campina Grande joga futebol a muitos anos, APACE...APACE joga bola, já joga bola a muitos anos, o Maranhão... Então são equipes que talvez não participavam de eventos até por questões financeiras, de dificuldades, de tipo...de tipo de transporte tudo, mas a part...mas eles já jogam a muito tempo, não tem uma equipe nova no nordeste. Se analisarmos o ano passado, tinham 4 equipes do sudeste, mas tinham 8 equipes disputando o regional, e você vê três equipes do Sul e só tinham três no regional, então aumentou, você igualou...Então você vê no ano passado se teve uma falha séria na seleção para o brasileiro.

13. Dentre as 17 equipes que participaram do Brasileiro no ano passado tiveram 15 estados representados. O que isso representa?

Pô...Mas é exatamente..., isso não significa que, por exemplo, tecnicamente o esporte ele se desenvolveu dentro da região. Por exemplo, você tem o time de Brasília que veio aqui no brasileiro e tomou quase trinta gols e se ele fosse para a segunda divisão ou se ele fosse para o regional, nosso, daqui do sudeste ou para o regional nordeste ele não tinha nem se classificado para o brasileiro. Então não adianta você ter todos os Estados representados se você tem Estados que não tem condições para jogar, entendeu? Então é melhor que o Estado, ele se prepare, ele treine, se estruture para depois chegar no brasileiro com condição. Não é justo, por exemplo, você trazer um time de Brasília pra tomar trinta gols e deixar al...alguns times aí que ficaram de fora que teriam condições de chegar até aqui e fazer um melhor papel. Você tem que dividir de uma forma qualitativa. Então você tem que ver, por exemplo, Brasília...por quê que vieram três equipe, tanto o ISMAC, AMC, Brasília???...AMC tudo bem, é uma equipe que está num nível interessante. Mas porque que vem três equipes para a série "A" do centro-oeste e porque que vem somente duas equipes do sudeste. O nordeste, por exemplo, tudo bem, é uma situação diferente, porque tinham sido campeões, três anos seguidos, então quer dizer...já...eu acho que quem é campeão brasileiro tem que ter a vaga já assim, mesmo como regional, porque o cara já não tem prêmio nenhum, se ainda não tiver uma vaga para disputar o ano seguinte quando ele era campeão, que dizer desmotivava. Agora...isso não justifica trazer ISMAC e Brasília num campeonato brasileiro e deixar, não é porque eu jogo não, mas deixar CESEC de fora. Eu te falo, por exemplo, times melhores que o CESEC que você pode falar que tinham no brasileiro, pode falar que a AMC, que foi campeã é lógico, a

APACE que vem aí no retrospecto, também, melhor que CESEC já alguns anos, o IBC... Então ce percebe, Dani, assim, que não basta você falar assim que...ah, eu vou fazer um campeonato brasileiro com um time de cada Estado, ce vai pegar um time do Maranhão lá que não tem condição de, de, de... de jogar, ce pega o time de Brasília que vem aqui e toma quase trinta gols.

14. Mas, isso não pode ser considerado um estímulo?

Não!...Mas você não pode estimular uma pessoa deixando ela jogar num lugar de uma outra que é melhor que ela. Agora vê um campeonato brasileiro, vê se o cara pega um time de, de, de Alagoas para jogar no campeonato brasileiro.O nego não pega, se ele não se classificar, não passa da segunda divisão, terceira divisão primeiro, chegar na primeira, num entra. Então não significa que se tem todo representado que você esta evoluindo, por exemplo, o jogador mais novo de Brasília, acho que tem 35 anos, então o time deles vindo para o campeonato brasileiro você vai estar estimulando o quê, Dani? Você acredita que um cara que tomou vinte e seis gols em, sei lá, 6 jogos por aí, o cara vai ter estímulo para voltar aqui o ano que vêm? Todos eles disputam futebol antes de mim...Borjão, Serginho, Vanderlam, tudo...Então quer dizer, você tem que ir pela qualidade, agora se o cara for, for..., vamos supor, Brasília foi para uma série "B", chego lá conseguiu disputar pau a pau, ficou em terceiro e falou: ah, ano que vêm vamos disputar de novo, vamos tentar subir... Aí é uma outra coisa, você foi estimulando e o time vai crescendo. Agora, você coloca Brasília pra jogar contra APACE, pum... 6 x 0, como é que cresce?...Agora, assim, depende do objetivo, se você quiser é, é ... prevalecer a quantidade, a maior representatividade dos Estados, aí tudo bem! Agora, se você qualidade, que eu acho que deve prevalecer numa competição, aí está totalmente equivocada.

15. O que você se recorda do período de 1992 a 1994 referente aos campeonatos Brasileiros?

Nós fomos no Campeonato Brasileiro de 1992, que aconteceu em Vitória/ES, a gente teve como campeã a equipe da ADEVIBEL, vice-campeã a equipe de Campos/RJ, terceiro lugar a equipe CESEC, equipe que eu jogava e jogo até hoje. E quarto lugar a equipe da ACIC/SC. Tinham 15 equipes esse campeonato, se não me falha a memória. Em 1993 não houve o campeonato brasileiro...e 1994 houve o campeonato no Pacaembu em São Paulo/SP. Campeã foi a equipe da UNICEP, que na verdade é um título que ao meu ver, acho, que deveria ser anulado, porque a UNICEP contou com a participação de um jogador que enxergava e não havia o tampão oftalmológico ele ganhou utilizando-se da visão, infelizmente não foi tomada as providencias nesse sentido. Vice-campeã foi a ADEVIPAR de Curitiba e em terceiro lugar o CADEVI e quarto lugar o CESEC. Não lembro quantas equipes participaram, acho que 13, mas não tenho certeza.

16. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Olha, a tendência é o futebol crescer bastante, porque na verdade um sonho de todo atleta é participar numa paraolimpíadas, então com a nossa modalidade não é diferente. Principalmente com alguns incentivos que vem surgindo, hoje nós temos a lei de bolsa atleta aí, que já foi sancionado, nós estamos aguardando a regulamentação por parte do poder executivo, então acredito que isso vai fazer com que a modalidade cresça bastante, que a modalidade se desenvolva cada vez mais. Agora... entra também que é necessário, que junto com o interesse da pessoa cega em praticar o esporte, que surja uma política aí que seja desenvolvida uma política de capacitação e treinamento de profissionais para poderem trabalhar com a pessoa cega. Porque hoje infelizmente, posso te afirmar com toda certeza, que você não tem mais de 8 profissionais de educação física gabaritado para trabalhar com o futebol no Brasil, isso eu acho uma pena. Eu acho que nós temos que trabalhar de uma forma bastante efetiva, pra que esse número aumente, e pra que nós tenhamos pessoas, porque não adianta você ta crescendo o número de cegos e você não ter pessoas em condições para trabalhar com essas pessoas, entendeu?

17. Você já foi considerado o melhor jogador do Mundo. Quais as influências que esse título teve para você e para o esporte no Brasil?

Olha...não sei se teve... assim, alguma influencia no crescimento, eu acho que foi um reconhecimento do trabalho que é desenvolvido no nosso país, né? Você pode ter certeza, se eu consegui obter esse título não foi, única e exclusivamente, por conta dos meus méritos, mas sim pela ação que nós desenvolvemos aqui, o... futebol como... a forma como a gente pratica, porque, você, não tenha dúvida, o atleta não cresce sozinho, ele sempre cresce dentro de um grupo, ele sempre cresce dentro de uma equipe, porque se não tivesse a equipe por trás, se não tivesse alicerce, o atleta acaba não indo... o grupo não tem resultado, e aí consequentemente o atleta não vai a lugar nenhum. Então eu acho que isso representou a força do nosso grupo, representou que a gente estava junto, e que apesar assim, de eu receber o título de melhor do mundo, mas eu considero que esse título foi da equipe do Brasil, foi desde...da minha pessoa que foi escolhida até o último reserva, esse prêmio é de todos. Porque se não tivesse o conjunto, se não tivesse uma pessoa para tocar a bola pra mim, pra eu poder fazer a jogada... se não tivesse um pra marcar, pra nós... ter evitar da gente te tomado o gol e o Brasil de

repente perder o jogo, e não chegar a final, com certeza não ganharia o título, não adiantaria de nada. Então eu acho que esse título, esse ... esse prêmio, ele foi um prêmio de toda nossa equipe e acho que ele...ele mostrou para todo mundo foi a união do grupo, né? E o objetivo comum de todos ali que era de conquistar o campeonato mundial.

18. O Brasil obteve vários títulos internacionais, o que isso representa?

Então... Eu acredito assim, que o potencial nato do jogador brasileiro, isso é incontestável, eu entendo que nós estamos nos preparando de forma adequada, esse ano, nós nunca tivemos no Brasil uma preparação adequada para um campeonato, houveram...1999, por exemplo, nós nos encontramos no aeroporto e viajamos em treinar uma vez se quer, nos outros anos nós nos encontramos uma semana antes, daí algumas vezes nós conseguimos ganhar. Outras que nós perde... Outras nós perdemos, inclusive, muitas vezes se imaginou que pudesse em uma semana só, fazer com que as pessoas chegassem no ponto ideal, que na verdade isso todos nós sabemos que não é possível, isso deve até prejudicar o desempenho da equipe, né?! Então...esse é o primeiro ano que o Brasil que ele ta se preparando da forma como deve... então eu te falo que isso dê..., essas conquistas aí, foram graças ao talento do jogador brasileiro, ao... a questão que é nata mesmo, né...a habilidade nata do jogador, porque na verdade assim, trabalho mesmo com a seleção brasileira, é... Tempo, condição é a primeira vez que está acontecendo.

19. E os estímulos nas instituições?

Infelizmente hoje, as instituições, elas são em grande parte delas falidas, sem recurso para poder desenvolver as modalidades, nós temos grande parte das entidade que não tem dinheiro para pagar um técnico, que tem dificuldade de costear viagens para competições. Isso é uma realidade triste, e eu acho que alguma providencia deve ser tomada, alguma política pública, ou a própria ABDC, que é a associação que coordenada todas as modalidades, ela tem que pensar em uma política no sentido de fazer com que as entidades cresçam, porque a ABDC ela tem, tem crescido, a gente observa o crescimento grande da ABDC... Agora...Se isso não vier acompanhado do desenvolvimento das entidades não vai...vai chegar uma hora que vai estagnar, porque ela vai ter estrutura para oferecer para seleções, mas não vai ter atletas que vêm da base.

20. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil.

Então eu, eu na verdade assim...O futebol... Eu... Só uma coisa que eu quero dizer antes disso, pra mim foi extremamente importante..., quando eu perdi a visão é..., foi para mim bastante complicado porque o meu grande sonho era ser jogador de futebol, daqui a pouco eu me vi cego, falei:Meu Deus do Céu acabou, né?!? Então eu pensei que não fosse produzir, que não fosse possível mais nada! Meus pais se preocupavam com a educação, com trabalho, mas a minha... a minha... (interrompido pelos colegas). Então, a minha preocupação era única e exclusivamente com a questão se dava para jogar futebol, então quando cheguei no Instituto Padre Chico e vi que as... é..., o pessoal correndo, gritando, perguntei o que era aquilo, aí a Freira disse que: ah... é o pessoal jogando bola. Mas não é colégio de cegos? Ela falou...É! Ué, mas cego... Aí que eu fiquei sabendo que o cego jogava bola, isso em 1987, quando eu estava perdendo a visão ainda. E daí isso fez com que eu resgatasse a minha auto-estima, fez com que... enfim, eu tivesse alegria de novo, e aí isso foi bastante importante para o desenvolvimento, meu, como um todo.

Agora...a evolução do futebol, é meio difícil de falar da evolução, porque não sei se evoluiu ou se regrediu com essa questão da mudança das regras, né!?. Eu acho que até valeu a pena ter mudado porque nós unificamos a regra, as regras em nível de Mundo. Mas, acho que tecnicamente o futebol acabou perdendo um pouco, porque... por exemplo, o Brasil, eu considero hoje que nós temos uma boa condição de toque de bola e não temos essa necessidade de usarmos a banda. Mas, por exemplo, você pode ver que outros países, que não tem essa mesma condição, chutam a bola na banda para voltar para o jogador. Então, tecnicamente, eu acho que houve assim, um preju...um pequeno...um peq..., um pequeno prejuízo que logicamente foi compensado com a inserção do futebol na paraolimpíadas e com a oficialização dele enquanto esporte oficial da IBSA.

21. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

Então, após a paraolimpíadas, acho que... as perspectivas, as perspectivas são as melhores possíveis, assim, no que diz respeito... a motivação das pessoas para praticarem futebol e o interesse de novos cegos, né?! Para, pra praticarem o esporte. Mas como eu te disse, isso deve ser acompanhado de uma política de incentivo a capacitação e de treinamento dos profissionais para atenderem essas pessoas, que volto a dizer, nós não temos hoje 8 pessoas, 8 técnicos capacitados para, assim, trabalhar com alto rendimento na categoria futebol de cinco. E se nós tivermos, mesmo que nós... que surjam aí 100, 200, 1000 atletas, não vai adiantar, de nada, se não tivermos pessoas preparadas para poder orientar esses cegos de forma correta como praticar o futebol.

Eu acredito que se o Brasil vier, acredito que o Brasil vai trazer uma medalha sim... Eu acho que, na verdade a cobrança em cima de nós é muito grande porque nós tivemos quatro mundiais e nós ganhamos...Não!...Três

Mundiais e ganhamos dois. Quatro Copa-América e ganhamos três. Então mesmo os jogadores, eles cobram muito, quem tá aqui na seleção, né!? Então...na verdade a cobrança, em cima de nós, pela medalha de ouro ela é muito grande. Eu acho que... têm muitas forças lá, é... Espanha, Argentina, que são países também que tem equipes boas, que estão se preparando. Então, eu acho que, medalha de ouro vai ser a consequência do trabalho, vai ser, também, o momento lá do jogo...Eu acredito que uma medalha a gente traga, não dá pra confirmar que vai ser medalha de ouro, porque...se a gente...se fosse certo isso não precisava ir até a Grécia, né?!? Ficava aqui e pedia para mandar pelo correio. Vai ser disputada, a briga vai ser feia, então...mas, nós vamos fazer o possível. A única coisa que eu peço assim, que eu quero, é...pra mim, para todos os companheiros da equipe, é que a gente consiga fazer o máximo que a gente possa, eu acho que se eu render o máximo que eu, que eu conseguir e todos os atletas, nosso, renderem o máximo que eles conseguirem, o resto, tudo, vai ser consequência. A única coisa que eu peço é isso, para que nós cheguemos lá, e consigui...e, e, e... e conse..., que a gente consiga a desempenhar o aquilo que a gente sabe, se a gente conseguir fazer isso já vai estar bom, aí depois a medalha... é consequência.

E3

1. Quando você nasceu? Onde?

13/04/1971, numa cidade do interior do Paraná chamada São Miguel do Iguaçu.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Eu... participo da ADEVIPAR/Curitiba/PR..

3. Quando você ficou deficiente?

Eu fiquei deficiente com...total, com 5 anos.

4. Você já nasceu com a patologia?

Não, não cheguei a nascer com a patologia, foi adquirida mesmo com o tempo. Mais ou menos com 4 anos eu comecei a perdendo a visão e até aos 5 anos perdi totalmente. RiniteBlastoma.

5. Quando você teve o primeiro contato com esportes? Com que modalidade esportiva?

Logo que eu vim para Curitiba para tratamento, por volta de 1977, 1978, aí eu conheci um pessoal, deficiente visual, que praticava o esporte. Daí quando eu vim para Curitiba pra morar em definitivo, pra ficar mesmo, daí eu comecei a fazer atletismo, quando criança ainda. Eu vim para Curitiba para estudar. Na realidade eu vim pra estudar em Curitiba fica numa escola interna, em 1977, 1978, foi nessa época mais ou menos.

6. Quais modalidades esportivas que você já praticou?

Só o atletismo, mesmo, e o futebol.

7. Quando você começou a ter contato com a prática esportivo futebol? Como? Onde?

Bom...o contato com o futebol foi por volta de 1985, quando eu conheci um pessoal que jogava futebol. Já também, em Curitiba, também despertou a vontade de jogar, também e comecei a ter contato direto com o futebol.

8. Já participou em campeonatos brasileiros (regional ou nacional) de futebol para cegos? Fazendo o quê? E quando?

Em 1987 foi o meu primeiro campeonato. Foi o campeonato brasileiro em Minas, Belo Horizonte, né?!?

9. Antes dessa data você não participou em nenhum campeonato?

Participar diretamente assim não, né!? Eu fui só assistir. Em Curitiba mesmo em 1985. Não lembro de quantas equipes participaram. Na época não tinha muita noção, fui para assistir, gostei muito e a partir disso comecei a jogar.

10. Quando você começou a atuar (seja como jogador, ou como dirigente) no futebol para cegos?

Então, foi nesse primeiro campeonato, em 1987, em 1986 já treinava, comecei a treinar futebol, né. mesmo em 1986, com a equipe, e minha primeira viagem para campeonato foi em 1987.

11. De quando você começou a jogar até hoje, quais foram as mudanças significativas tecnicamente falando, que você observa?

A gente aprende muita coisa com o passar do tempo, né. A gente aprende a ter uma facilidade em termos de noção de espaço, domínio de quadra, senso de direção...Então, todo tempo vai te ensinando: a forma com que você deve se portar em quadra, de localização, direcionamento, então essas coisas todas, com o tempo, você vai, você vai aprimorando,né.

12. Com relação a modalidade em si, desde que você começou a jogar até hoje, quais as mudanças técnicas que você acha considerável?

Bom, o futebol tá sempre...ele foi...é basicamente como o futebol das pessoas que enxergam normal. Claro que com algumas adaptações, como é o caso da banda, como é o caso da área para o goleiro que é um pouco menor, então é basicamente é isso, o resto, é praticamente... não tem diferença, né.

13. Desde que você começou a jogar existia a banda lateral?

Quando eu comecei ainda não tinha, jogava com as laterais, a bola saía se cobrava lateral normalmente, então na época não tinha banda, inclusive a área era um pouquinho maior, do goleiro, e a gente não podia fazer gol de dentro da área. Tinha esses detalhes ainda. Se eu não me engano foi em 1994, as mudanças, nessa época eu tinha parado um tempo de jogar futebol e tinha saído de Curitiba, fui trabalhar com música no interior do Paraná e, parei de jogar futebol e quando eu voltei já tinham mudadas algumas coisas do futebol.

14. Você considera essas mudanças positivas?

No começo eu não concordava não, que eu achava que deveria ter a mesma forma, mas hoje em dia concordo sim, até porque dá uma maior dinâmica pro futebol, né! Mas velocidade e tal...

15. Qual a sua visão sobre a organização dos campeonatos de futebol para cegos no Brasil quando você começou a se envolver com essa modalidade? E como é hoje?

Ah... houve sim, né! Principalmente pela condição financeira, condição financeira virou extremamente importante e na época se tinha muito, então era tudo muito difícil alojamento, alimentação tudo muito complicado, hoje em dia não, hoje em dia tá... quase perfeito. Acho que para ficar perfeito... é complicado falar, né!? Acho que... Talvez um... acompanhamento melhor assim, em termos médico, até a própria organização do campeonato, sistema de tabela, alguma coisinha mínima assim, mas tenho certeza que vai melhorar.

16. Para você, quais são as pessoas que tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê? O que essas pessoas fizeram?

Olha existem algumas pessoas né, que comandam hoje em dia, estão melhorando como a ABDC, como o próprio Vital, o Comitê Paraolímpico, que são pessoas assim que fizeram o começo do futebol, o David né, o próprio Prof. Mário Sérgio, que inclusive foi quem eu me inspirei para jogar futebol, na época que eu conheci o futebol par cegos, ele jogava, e... ele para mim acabou sendo um ídolo. E umas outras pessoas que, sem dúvida nenhuma, se mobilizaram em termos de organização em termos de ir em busca para se ter melhores condições para o desenvolvimento do futebol no Brasil hoje.

17. Houve um crescimento considerável de pessoas com deficiência visual praticando o futebol hoje? Teve, juntamente com esse crescimento, melhoras na qualidade de jogo? Por quê?

Ah, com certeza, tudo faz parte do desenvolvimento, na medida em que o futebol vai demonstrando para as pessoas, que as pessoas podem conseguir coisas através do futebol, é não só em termos financeiros, mas pessoais né, até pelo desenvolvimento do corpo, que faz bem para o próprio dia-a-dia da pessoa e isso chama a atenção das pessoas, né. Então a quantidade, com certeza, tende a aumentar e, as pessoas tendem a ter uma qualidade de vida melhor praticando o futebol.

18. Você jogava no período de 1992 a 1994, o que você se recorda dessa época?

Olha Daniela, nesse momen... nesse período eu não tava jogando futebol, eu parei de jogar, o último campeonato foi em 1991, e foi exatamente nessa época que eu de Curitiba para trabalhar no interior do Paraná para trabalhar com música, né. No interior do Paraná, no interior de São Paulo, né... Então não, não acompanhei mesmo, eu voltei, na realidade, a jogar em 199... Bom, no campeonato mesmo em 2000, eu voltei em 1999.

19. Em 2000 teve a liga, o que você achou da liga?

Olha, eu achei legal, achei bom, principalmente porque movimentou um pouco mais as equipes né, só que em contrapartida tinha um gasto um pouco maior né que as entidades, infelizmente, não tem muita condição de manter.

20. Em 1986, houve a participação de 10 equipes, e teve a participação de 5 equipes do sudeste, sendo que em 2003, houve a seria "A" e a "B", com a participação de 17 equipes no total, sendo 5 equipes do nordeste. O que você acha sobre isso?

É a evolução do futebol, né... É aquilo, é... o fato das pessoas saberem que é possível a prática do futebol, é possível conseguir coisas através do futebol, e como eu te falei a tendência é aumentar mesmo e se espalhar mesmo pelo Brasil. Hoje em dia dá para perceber um número muito grande de equipes em condições de participar no campeonato brasileiro, sem dúvida nenhuma.

21. Você sempre participou pela ADEVIPAR?

Eu comecei a jogar futebol na ADEVIPAR, né. Aí saí, fui jogar na AADV um tempo, ajudei a fundar a AADV e joguei na AADV também durante um bom tempo e voltei para ADEVIPAR. Hoje sou da ADEVIPAR.

22. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Eu acho que principalmente em termos de divulgação, né... o futebol para cegos está muito bem evoluído, está muito bem direcionado, né, tem pessoas extremamente competentes dirigindo, mas ainda... ainda falta

divulgação, existem muitas pessoas que nem sabe que o futebol... Alias, que o cego pode jogar futebol, infelizmente ainda tem. Eu acho que com a participação nas paraolimpíadas a divulgação vai ser melhor e com certeza vai alcançar muito mais pessoas.

23. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil, desde quando você começou a praticar até hoje.

Bom eu acho que o desenvolvimento do futebol né, como eu te falei... é...se deve muito as pessoas que tomaram frente e foram buscar as condições necessárias para o futebol ser desenvolvida de forma mais séria, inclusive. Houve muita mudança, principalmente na questão financeira, que ajudou muito, quer queira ou não queira, isso ajudou muito, a buscar, também, novas pessoas pra pratica do futebol. E com toda certeza, já está num estágio muito avançado e vai avançar cada vez mais, né, com a continuação dessas pessoas que estão buscando muito maiores condições e melhores para a pratica do futebol. E sem dúvida nenhuma, agora com as paraolimpíadas, o ápice, e ai com certeza com eu te falei vai alcançar muito mais pessoas, e cada vez vai melhorar mais as condições.

25. Houve durante esses anos, após a fundação da ABDC, a participação representativa de mais de 20 estados brasileiros nos campeonatos brasileiros. Comente sobre essa representatividade.

Eu acho fantástico, porque nos chegamos a um estágio que as pessoas estão encontrando no futebol, um meio de realizar muitas coisas, um meio de realizar muitas coisas, conhecer novas pessoas, conhecer outros lugares, o futebol ta proporcionando essas condições. Hoje em dia as coisas estão, é como eu te falei estão evoluídos, estão se tornando mais fáceis, é, os próprios campeonatos tem um ponto de integração, e as pessoas estão buscando, estão vendo no futebol uma forma de.... é, muito boa de evolução em todos os aspectos.

26. Quais as suas perspectivas para esta modalidade no Brasil?

Olha, a minha perspectiva é que nós consigamos atingir o nosso sonho a nossa meta quer é chegar lá e trazer a medalha de ouro.

Diálogo extra...

1. Você foi o artilheiro da Copa América de 2001?!?

Mas isso não é importante, o importante é que o Brasil consiga, em conjunto, os títulos que o Brasil precisa.

2. Quando foi a sua primeira participação representando o Brasil?

A minha primeira participação na seleção brasileira foi em 1988, num campeonato que a ONCE, da Espanha, promoveu e nós fomos para lá. Várias outras regras, bastante coisas mudadas, mas nós fomos para lá.

3. Como era a bola quando você começou a jogar?

Então...é, na realidade quando eu comecei, comecei jogando com “cansa” de areia, então a bola era uma bola normal de campo, com os guiso eram tampinhas de garrafa por fora, que eram um perigo, e as coisas foram evoluindo, daí logo comecei a jogar salão e as bolas boas já com guisos internos, e as coisas foram evoluindo.

4. Como você ‘encara’ as lesões no futebol?

Ah... eu acho normal, eu já participo a tanto tempo no futebol e nunca tinha tido uma lesão assim. É, essas coisas acontecem e infelizmente não vão deixar de acontecer, a gente joga futebol já sabendo que pode acontecer alguma coisa, né. O futebol é um esporte de contato e, muito, muito grande, contanto grande mesmo então a qualquer momento pode acontecer, e o que aconteceu comigo foi normal.

5. E como você se sente tendo um reconhecimento internacional de artilheiro, por exemplo?

Ah... é bom... é gostoso, né. Em termos pessoais é extremamente importante, mas é o que eu falei né, o mais importante ainda é que o Brasil vai somando títulos, né, enquanto tem eu como artilheiro, enquanto tem o João como artilheiro, eu sempre pensei dessa forma. É as pessoas falam de você por você ter feito mais gols, mas o mais importante ainda é... é o título que o Brasil conseguiu, são as, vamos dizer assim, as glórias assim para equipe toda, para a seleção brasileira, é o mais importante. Artilheiro é uma coisa pessoal, mas, mas não é assim tão... aquela forma que as pessoas falam muito.

6. Você teve o Mário como referencia, você acha que o fato de você conseguir um título de artilheiro, isso faz com que novas pessoas se estimulem para jogar futebol?

Ah...com certeza, eu acho que sim... é como você falou, eu por exemplo, quando comecei eu tinha ele, me inspirei nele, tinha ele assim como ídolo. E assim como tem uma “piasada” começando a jogar futebol agora, uma meninada que com certeza tem o João como ídolo, eles têm o Mizael, e tem vários outros aí. E é bom, isso é bom, porque isso também incentiva eles a praticar, desenvolverem para amanhã ou depois eles também se tornarem artilheiros também como os ídolos agora.

7. Qual a sua opinião sobre a participação de equipes novas, que estão iniciando, conquistando uma vaga para o campeonato brasileiro e equipes antigas, já com uma história no futebol e acaba ficando de fora do campeonato?

Isso é muito relativo, né. Um pouco complexo porque eu acho que já existe uma seletiva exatamente para isso. Eu acho que é a melhor forma, a seletiva é a melhor forma, até para dar uma qualidade melhor também pro campeonato, então se de repente algumas equipes que tem uma história e não conseguiram estar no campeonato, talvez não estão conseguindo, naquele momento, passar pela seletiva, né. Não foram bem naquele campeonato realizado que serviu como seletiva. Mas também isso não quer dizer que fiquem de fora nos próximos, quem sabe nos próximos podem voltar, eu acho uma boa forma, né... de selecionar e dar qualidade melhor pros campeonatos.

8. Você acha adequada a divisão das regiões para a seletiva para o Campeonato Brasileiro?

Olha, se for exatamente isso, mas está chegando bem perto do adequado, porque abre assim caminho assim para várias entidades participarem e é exatamente aí que acontecem a seletiva, abrem espaço para várias entidades desconhecidas participarem e demonstrarem o seu valor, se tem ou não condições de participar do campeonato e estão surgindo novas surpresas inclusive.

E4

1. Quando você nasceu? Aonde?

02 do 02 de 1980. Caratinga/MG.

2. A partir de quando você começou a ter envolvimento com esportes?

Desde criança, mas com esporte mesmo em 1993 com atletismo.

3. Quando você ficou cego? Por qual motivo?

Em 1988, por causa de glaucoma, eu não sei se é congênito, realmente eu não sei, porque dizem que essa doença glaucoma é hereditária, e eu não... eu procurei em minha família um monte de gente se tinha ou tivesse e eu não achei, até o meu bisavô. Aí eu não sei se para trás...

4. Desde criança, quando você começou a praticar esporte?

Ah, eu tinha... Nessa época eu tinha o que... 13, 12 anos que eu comecei a correr, assim, para ADEVIBEL, que é a associação de Belo Horizonte. Mas na verdade conhecia já os esportes, brincava na natação, mas na educação física, mas não tinha nada... não pensava em jogar bola, tornar jogador.

5. Quais modalidades esportivas que você já praticou?

Ah, já pratiquei o atletismo né, Dani. Já disputei o campeonato... dois, três campeonatos brasileiros de natação, consegui até o índice pan-americano, né, mas não continuei na natação não. E o futebol.

6. A partir de quando oficialmente começou a praticar o futebol?

Em 199... 96, foi o meu primeiro campeonato. Comecei a jogar em... no final de 1995 porque o Sol, treinador da Seleção me descobriu lá e, me deu uma chance no time da ADEVIBEL e eu acabei me firmando, e em 1996 eu participei no primeiro brasileiro, nos fomos campeões em Campina Verde, na cidade do Vital, né. E em 1997 já tinha, eu atingi a seleção brasileira.

7. Mas em 1997 não houve o campeonato brasileiro...

Não houve, mas eu já tinha atingido a seleção pelo campeonato brasileiro de 1996, né, e depois fui confirmando.

8. O que mudou na prática desta modalidade desde quando você começou a atuar (seja como jogador, ou como dirigente) no futebol para cegos?

Pra mim o futebol em si era a mesma coisa, agora em questão da organização é que mudou, as regras do futebol desde 1996 até agora, né, era praticamente as mesmas, só a organização que eu acho que hoje esta bem mais organizado, ta bem mais, como o Nilson disse, esta bem mais... ta bem melhor para os atletas, né, antes era se eu não me engano, quero estar enganado, mas acho que era uma meno, meno... era uma minoria que era favorecida, mas hoje não... hoje, eu acho que está igualitário.

9. Você considera essas mudanças positivas?

Considero porque você tem mais estímulo para jogar, mesmo a gente que já tá, já tá jogando e as pessoas que estão iniciando, é... tem estímulo para jogar. O pessoal, é... por exemplo, quem pensava um dia que um deficiente ia ser remunerado para representar seu país, por exemplo. A gente é remunerado pelo comitê, pelo... é por ... pelos patrocinadores aí, então quer dizer a gente já vê que tem alguém olhando com bons olhos pra gente.

10. Qual a sua visão sobre a organização dos campeonatos de futebol para cegos no Brasil quando você começou a se envolver com essa modalidade? E como é hoje?

Olha... É lógico, a gente... melhorar da água para o vinho é muito difícil, mas eu acho que ela já teve uma melhora muito grande, porque em 1996, em 96 quando comecei a jogar... é a organização foi boa, mas oscilava, entendeu, os regionais a gente tinha que dormir em... sei lá, em alojamento que não eram, é... muitos descentes e hoje não, hoje a ABDC preo... prioriza... É tem pessoas aí só pra olhar a questão dos alojamentos

para os atletas, então quer dizer... há um esforço de melhorar, há um esforço de tornar a coisa organizado, então quer dizer, isso é muito interessante.

11. E com relação a divisão dos regionais?

Não, aí eu não acho... um pouquinho, eu acho que tá um pouquinho... porque, por exemplo, tem lugar, que as equipes iniciantes não vão ter chances nunca, por exemplo a região sudeste, por exemplo, a região, a região... um regional muito forte, e qualquer equipe que quiser iniciar dificilmente ela vai conseguir porque, porque as equipes que estão na região sudeste são equipes consagradas, aí é difícil. Pode surgir muito menos equipes novas, a renovação ela é menor.

12. Como você vê essa distribuição? Regional, Brasileiro, as vagas...o que você acha sobre a organização?

As equipes, não vejo com tão bons olhos, vejo com olhos... é como normal. Olha, Dani, é o que eu te disse antes, eu acho que a organização dos campeonatos ela, ela tá melhorado muito, não posso falar muito porque só jogo de 96 pra cá. Entendeu? De 96 pra cá houve sim uma organização, não sei se considerável, mas houve uma organizaçõzinha, pequena, porque haviam poucas coisas para se corrigir. Hoje, os campeonatos está bem organizados, geralmente é aqui na ANDEF que é totalmente estruturado. Então quer dizer, é todo Brasileiro está acontecendo aqui. Aqui a estrutura, bom...que não sei se todos os centros de normais, de pessoas normais tem. Creio eu que a gente deve ficar mais bem alojados dos que campeonatos normal de pessoas. campeonatos de pessoas normais dá, em alguns casos até da segunda divisão, ou terceira divisão do Brasileiro, então já é um progresso muito grande.

13. E a divisão da Copa Brasil em série 'A' e 'B'?

Essa foi uma idéia nova, que surgiu ano passado, parece que foi uma idéia do Prof. Luis de Brasília e que está tentando implantar no Brasil. Então quer dizer, a gente não pode falar muita coisa porque é novo. Né, Dani, do novo você não pode falar, você não pode falar. A principio no Campeonato passado parece que foi bom. Foi bem aceita e assim, n~e Dani, ela possibilita um pouco mais de equipes participar, do Brasileiro.

14. Você pode falar um pouco da sua história, visto que já representou diferentes instituições?

É...eu representei até, até ADEVIBEL que é a Associação de Deficientes Visuais de Belo Horizonte. Aí eu representei também a UNICEP, União de Cegos de D. Pedro II em Espírito Santo e agora, atualmente desde 2002, a AMC, Associação Mato-grossense de Cegos. Eu acho, Dani, que isso é, isso é...extremamente interessante porque você vai conhecendo novas pessoas, você vai... é interagindo com novos ambientes.

15. Você esteve em três Estados diferentes. Como é o futebol nesses três Estados?

São três considerados, considerados em questão de cegos, três potências de futebol para cegos. Então quer dizer, a diferença entre eles não é tão grande na questão do futebol. Não é tão grande nesses três Estados porque ADEVIBEL detém, ela detém 5 títulos brasileiros, a AMC detém 2 e Espírito Santo detém 1. Então quer dizer, são três campeões, são três, são três escolas de futebol para cegos no Brasil.

16. No período em que você jogou pela ADEVIBEL e UNICEP, você observou alguma inovação?

É... na verdade na UNICEP eu não posso...com a UNICEP foi só um jogo que fiz com eles. Eu até ia fazer parte do grupo deles, mas infelizmente não deu tão certo. Mas vamos falar da ADEVIBEL. ADEVIBEL houve renovação sim porque tinham algumas pessoas lá que já jogavam desde 1986 quando ela foi fundada, que hoje não jogam mais. Então renovação sim, aliás, eu fui uma das renovações da ADEVIBEL. É, desde que eu surgi, eu apareci para, pra futebol em 1996, então quer dizer, eu fui uma renovação.

17. Para você, quem ou o que teve um papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê?

Eu acho que a ABDC. Acho que a ABDC ela teve um papel, ela cumpriu realmente na risca o seu papel. Qual o papel da ABDC? Estimular o esporte no Brasil, dar condições da prática do esporte no Brasil. Então eu acho que a ABDC. E agora, um dos...um dos principais, também, órgãos que vão ajudar a alavancar o futebol no Brasil pra desponta pro Brasil realmente, é o CPB. Que é uma entidade mais forte que a ABDC e que tá envolvida com o futebol. Que agora também é paraolímpico. Então, depois dessa paraolimpíadas nós vamos ter uma, uma evolução muito grande, creio eu.

18. Houve um crescimento considerável de pessoas com deficiência visual praticando o futebol hoje? Teve, juntamente com esse crescimento, melhoras na qualidade de jogo? Por quê?

Dani, isso foi um problema para os técnicos muito grande. Hoje tem aproximadamente 400 cegos jogando bola no Brasil. Já pensou de 400 ter que tirar 8. Então, isso é um problema muito grande para os técnicos. Qualitativo sim, igual to falando, visto a dificuldade que tá tendo para se tirar uma seleção. Porque as equipes estão ficando forte, estão atacando melhor um trabalho de base.

19. E a qualidade de jogo?

É eu achei que a qualidade de jogo depois que quando eu comecei em 1995 não tinha essa banda. Então depois dessa banda eu achei que a qualidade caiu um pouco. Acho que pelos atletas fortes que nós temos, somos ... eu

que já sou considerado franzino... nós franzinos temos desvantagem com relação aos atletas fortes nessa banda, porque ela favorece muitas pessoas que tem corpo e que jogam mais duro. Então quer dizer, a gente que é leve, leva tinta. Então eu achei que não, que nessa parte que caiu e tanta gente na quadra. Então por exemplo, tem treinador para orientar no meio, tem chamador de gol. E isso eu acho que foi uma regressão. Não acho que foi uma progressão, nesse caso, porque o cego não precisa...Ele se bem treinado, ele não precisa desse chamador de gol. Acho que ele tem noção suficiente para jogar sem guia.

20. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Dani...a gente espera, espera do fundo do coração que a gente seja reconhecido pela sociedade e que a imprensa nos dê o nosso espaço porque para você ter uma idéia...Lá no meu Estado mesmo, há uma forte televisão no Brasil, que ela não abre tanto espaço pra gente. Se a gente quiser fazer uma reportagem com eles lá a gente tem que... eles falam pra gente assim, oh: 'nós vamos ver se dá pra gente fazer'. Não é que eles vão lá cobrir a gente, isso no Brasil também é parecido. Pensa bem... a gente ta aqui, a seleção brasileira ta aqui, na ANDEF treinando para Paraolimpiadas e até hoje não apareceu um cristão pra levar para imprensa. Então quer dizer, a gente espera esse espaço, lógico, ninguém ta fazendo futebol aqui para promoção pessoal, mas ela faz bem, né Dani? Entã ninguém ta fazendo pra... a gente só espera ser reconhecido, a gente não espera nada de promoção, de ganhar dinheiro, nada disso. A gente só espera ser reconhecido, o futebol nosso, e que a gente tenha o nosso espaço que a gente merece.

21. E como é representar o Brasil numa Paraolimpiadas?

Olha Dani, como você disse a paraolimpiadas é realmente o ápice da nossa montanha. A gente, nós mesmos estamos montando a montanha, estamos... o quem são, que é uma montanha? A montanha são os nossos títulos. Brasil é campeão Sul América, campeão mundial, campeão do torneio da IBSA, então quer dizer, essa montanha ela ta sendo montada e agora a coroa dela vai ser a paraolimpiadas. Então quer dizer, o Brasil não vai deixar escapar das suas mãos essa coroa. Com certeza não. Então a gente ta bem, ta sendo bem treinado. Nós estamos bem. Sendo bem treinados. Então quer dizer, é o que eu sempre falo, o Brasil para ser campeão é só ele colocar em pratica o que ele treinou.

22. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

As minhas considerações finais é a seguinte: que o... eu acho que é... como eu disse antes, a gente espera que, vamos esperar primeiro os resultados da paraolimpiadas e vamos esperar depois a repercussão dessa nossa futura conquista. Porque nós vamos conquistar essa paraolimpiadas. Nós prometemos isso pra nós mesmos. Nós, meio que, juramos isso pra nós mesmo. Então quer dizer, nós estamos bem imbuídos na... a favor desse fator porque, por exemplo, o Brasil, ele tem, ele tem os principais artilheiros do mundo, os principais goleadores do mundo, os principais defensores do mundo, né. Então quer dizer, o Brasil primeiro do ranking mundial, ele não pode deixar, a gente não vai deixar essa... esses, esses números escaparem. A gente ganhou o primeiro mundial. A gente vai ganhar a primeira paraolimpiadas, custe o que custar.

23. Suas perspectivas?

É as minhas perspectivas é o que eu disse, é... eu só posso dizer alguma coisa depois da paraolimpiadas. Espero que nós sejamos reconhecidos e que conquistemos o nosso lugar no Sol.

24. Como foi se encontrar no esporte?

Na verdade eu era muito, muito criança. Muito jovem ainda. Então, sinceramente, dessa fase eu não me lembro muito não. Mas acho que o esporte, ele ajuda o deficiente. Inclusive eu to fazendo, to estudando. E a minha monografia, eu penso, eu penso em fazer a monografia de como o desporto, o futebol para deficiente, como ele ajuda no reabilitação do deficiente, na locomoção do deficiente. Já que ele te dá uma noção de espaço, te dá uma noção de tempo, né. Na realidade tudo, então quer dizer, ele ajuda muito.

E5

1. Quando você nasceu?

29 de dezembro de 1968.

2. Quando você ficou deficiente? Por qual motivo?

Eu nasci com glaucoma congênita, aí, eu perdi a vista esquerda com 5 anos. Entrei numa escolinha regular normal, aí o médico que fazia tratamento da minha, da minha glaucoma em Ribeirão Preto, falou que eu iria ficar cego mais ou menos aos 14 anos. E a glaucoma ela era gradativa e não tinha jeito, então ele me indicou para eu vir para São Paulo no Instituto Padre Chico. Aí eu vim com 6 anos, comecei a estudar no Padre Chico e, e estudava. Aprendi o Braille com um olho e estudava em tinta. Aí com 13 anos fiquei cego total e tive que

fazer a readaptação de novo. E o esporte desde que eu entrei no colégio jogava. E quando fiquei cego, com 13 anos, eu continuei jogando, eu fiz judô, natação, atletismo...

Em 1984, nós éramos alunos do Padre Chico e a gente começou a pensar o que nós vamos fazer quando sair daqui, a gente jogar bola, essas coisa. Então vamos montar uma associação. Foi aí que nós tivemos a idéia de montar o CESEC, eu, David e mais algumas pessoas. Aí nós fundamos o CESEC em 1986.

3. Antes de 1984 existiu algum campeonato de futebol?

Existiu em 1978...78 ou 79, acho que 79. Um campeonato, uma olimpíadas que teve em todo Brasil de cegos, é... no qual o Padre Chico participou, eu não joguei, uma porque eu era muito pequeno e outra que eu era, que eu era... e 79 eu não entrei como jogador porque eu era guia de fila de desfile, de essas coisas todas. Aí em 1984, nós do Padre Chico, nós participamos de um campeonato paulista e fomos campeões pelo Padre Chico. E eu fui o artilheiro da competição.

4. Você continua participando dos campeonatos pós fundação da ABDC?

Continuei. Eu participei no Brasileiro de 1987, participei do...eu não lembro de todos os brasileiros, mas de 90, 91, 94, 98, é 2002 e 2003 eu fui como fisio.

5. Todos pelo CESEC?

Todos pelo CESEC...Não, é 91 fui pelo CADEVI e 94 pelo CADEVI e os demais todos pelo CESEC.

6. Desde que você começou a jogar, você observou mudanças?

Ah, eu observei que tem a banda, né. Você tem que ter um preparo físico melhor do que a gente tinha antigamente, é... o chamador que direciona melhor o gol e... chamador e a banda, né. A banda eu achei um retrocesso do futebol de cegos.

7. Os demais foram alterações positivas?

Acho que os demais sim. O goleiro também, antigamente eram b1, depois b3 e agora é normal, pode ser federado. Então isso ajudou muito, ajuda muito em questões de... é segurança e orientação para defesa.

8. E tecnicamente e taticamente?

Eu acho que piorou mais, né, tecnicamente eu acho que o futebol de cegos caiu muito porque hoje você não depende só tanto do jogador de linha. Hoje um goleiro é 50% do futebol de cegos. Ah, taticamente não dá para comparar muito porque tinha pouco treino tático antigamente das equipes. Mas se tocava muito mais a bola, né. Então eu acho que até nisso piorou um pouco.

9. E com relação aos campeonatos regionais e nacionais?

Antigamente não se tinha uma estrutura que se tem hoje. Quando se fala de estrutura, se fala desde recurso financeiros até em pessoal de apoio. Acho que tudo passa pelo recurso financeiro, antes isso não tinha, uma estrutura organizada adequada, a gente dependia muito de, de ... de praticamente de favores de cidade, de prefeituras, né. Então nesse sentido melhorou aí em 1000%. Até mesmo em questão de organização da seleção, quando eu fui da seleção, em 91, não tinha nenhuma estrutura, a gente foi para Argentina com ônibus, com praticamente recursos nosso. Hoje não, hoje você tem uma preparação quase que igual para seleção de futsal das pessoas que enxergam.

10. Para você, o quê ou quais as pessoas que tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil?

Eu acho que primeiro de todos foi o Mário. Mário é um cara, ele sempre teve no meio do esporte em geral, tanto no futebol como na evolução do esporte em geral para cegos.

O Vital contribuiu muito também, o David, embora tenha chegado no movimento é, brasileiro um pouco depois, porque eu já conheço ele a vários tempo, mas ele no movimento mesmo, ele chegou um pouco depois, e ele também ajudou muito. Eu acho que a administração que ele tá fazendo agora para melhorar os caminhos que a gente tem hoje, em termos de organização, é, vem muito da gestão do Vital e dele agora. Continua muito bem esse trabalho, né. Tem outras pessoas aí que começaram antes, um pouquinho junto com o Mário, que eu não lembrarei de todos. Então não vou citar. Tem muitas pessoas que participaram do processo para que a coisa evoluísse.

11. Você acha que o crescimento quantitativo veio acompanhado por um crescimento qualitativo?

Eu acredito que sim. Porque se você levar na questão, é...hoje você não tem mais nenhum bobo no futebol, né. Antigamente ainda vocês tinha alguns caras que não tinham malícia. Hoje qualquer jogador que você coloca, de qualquer equipe, ele joga bola. É lógico que uns, você não vai pegar alguém que está em fase de iniciação, mas qualquer...hoje as equipes tem pelo menos 4 pessoas que jogam certinho, né. E o futebol está muito nivelado hoje. Tanto no Brasil como fora do Brasil. E então quantitativamente e qualitativamente melhorou muito.

12. No período de 1992 aproximadamente não houve a preocupação de armazenar de maneira adequada as documentações. O que você se lembra dessa época?

Jogava, fui para seleção brasileira, em 91, na Argentina. Eu lembro do campeonato brasileiro em Vitória, que foi em 92...não, 90 e...e agora...91 em Vitória, 92 eu acho que não teve, 93 eu não lembro e 94 foi em Pacaembu em São Paulo.

13. Você se lembra quais foram as equipes que ganharam?

Quem foi campeão foi a UNICEP do Espírito Santo, com o Toninho que fez, eu acho que catorze ou quinze gols. Só que ele era B2 e rugava a testa e vinha por baixo. É por isso que começou o tampão oftalmológico, que foi um grande avanço também para o futebol de cegos, que eu esqueci de falar lá trás. Que as pessoas que eram B2/B3 ou até meio videntes, elas jogavam no nosso meio e as vezes tomavam vantagens. E em segundo ficou ADEVIPAR do Paraná. Em terceiro ficou o CADEVI onde eu jogava e quarto ficou o CESEC de São Paulo. (# eu não lembro. 94 foi esse campeonato em Pacaembu que eu te falei agora.

14. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Ah...tem vários aspectos, eu acho que, no aspecto da organização a tendência é melhorar e principalmente arrumarmos um patrocinador, né. Que onde se tem recurso você consegue melhorias. Em termos de organização em termos de melhora de, de...regionais, de brasileiro, com dinheiro você faz a coisa melhor, né. Na questão do transporte, alojamentos, arbitragem, enfim, toda a organização. Em termos técnicos e táticos eu acho que a gente tem sempre que evoluir nesse sentido, né. É as equipes sempre ta evoluindo fisicamente, taticamente, tecnicamente de acordo com cada tipo de treinamento. É em termos de divulgação é que a gente acha que , é o que, que a gente conseguiria mais, eu acho que hoje o basquete em cadeira de rodas, ele tem um grande avanço sobre o futebol e cindo. Ele é muito mais divulgado que o futebol de cinco, né. E a gente gostaria que a gente chegasse neste mesmo nível, pelo menos, né. É agora parece que na próxima novela das 8h vai ter um cego esportista, então pode ser que isso contribua muito.

15. O que você acha primordial para o desenvolvimento do futebol?

Ah... depende do aspecto. Eu acho que todas as questões que a gente colocou aí é. Dependendo do que, da onde, você quer ver a evolução. Porque citando essa coisas aí que eu falei, não tem muita. Só precisa melhorar mesmo a qualidade das bolas que eu acho que a gente podia melhorar mais.

16. Quando você começou como era a bola?

Era desse mesmo jeito, só que ea menor e mais pesada, bem mais pesada. E hoje já ta um pouquinho mais evoluído. Você já tem bola hoje de microfibras, né. A tendência é que elas vão evoluindo com o passar do tempo. Só os guizos que ainda não se conseguiram um avanço muito grande, apesar de que elas tem bola bem barulhenta, mas de acordo com que você vai melhorando a qualidade dos materiais de revestimento da bola, o barulho parece que vai melhorando junto.

17. Com relação ao local de jogo?

Eu acho que você muda toda a estrutura, se você foi avaliar o piso desta quadra e do piso da quadra do campo la em baixo, você tem uma mudança muito grande. O tipo de dominar a bola, o de batida, o tipo de corrida, né. Você vê que eu estava com um tênis de futebol de salão lá em baixo, se você buscar muito seco, você corre o risco de uma lesão no tornozelo, joelho, porque ele prende bem o pé. O que não acontece em quadra. Agora parece-me que lá na Grécia vai uma grama bem mais baixa, como se fosse um tapete mesmo, com piso duro. Então pode ser que isso seja uma vantagem para o Brasil.

18. Suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos desde quando começou até hoje.

Bom, eu comecei a jogar futebol de cegos com garrafas, com pedrinhas dentro, né. Jogava com garrafa, já joguei com lata, já jogamos com bola amarrada, bola dente de leite feita de, de, de tiras com guizo externos com tampinhas e arama. Depois nós passamos para uma bola de capotão, colada a um guizo externo, já com uma chapinha redonda de ferro e tipo um colarzinho de... uma argola de chaveiro, depois passamos pela bola com guizo interno, aquela menor e bem mais pesada. Depois passou-se para a bola um pouquinho maior, né, e mais leve. E agora essa que tá hoje, um pouquinho maior e um pouquinho mais leve. E nós temos também a bola de futebol society, que é estilo do...do society mesmo, que ela pinga muito e é bem levinha, né. Temos uma bola de futebol de campo que ela é grande, pinga também bastante. Então, hoje, em termos de bola evoluímos em todos os níveis de bola.

19. Suas perspectivas.

Ah, eu acho que agora vai melhorar, e pra questão da bola so se for uma bola eletrônica. É o que eu acredito. Já se tentou fazer a bola com guizo eletrônico só que ele não deu muito certo. Inclusive já desenvolveram até um guizo blindado eletrônico numa bola. Só que essa bola ela tinha um zíper. Então não deu muito certo ainda, mas tem muita gente tentando.

20. E de uma forma geral?

Ah, eu acho que as perspectivas são boas. Hoje você tem muitas pers... por exemplo, um regional norte-nordeste, tiveram 9 equipes, onde tinham 4 ou 5. Sul e sudeste tem 8, 9 equipes. Se tem aí umas 40 equipes hoje no Brasil, em média, fora as que vão se formar depois. Que eu acho que foi um avanço muito grande em termos de quantitativo de equipes, de número de deficientes praticando o esporte. Eu acho que isso é muito importante. A quantidade de cegos que pratica esportes, nós temos uma quantidade que a gente desde que começou acha bastante. Mas se você considerar que nós temos aí mais de 1 milhão de cegos no Brasil, é muito pouco. Você teria que ter mais ou menos 100 cegos praticando esporte.

21. Alguma consideração?

Ah, eu acho que nós evoluímos muito em todas as questões. Até na parte agora que eu faço que é a fisioterapia da seleção. Nós não tínhamos uma estrutura. Quando é que nós tínhamos uma estrutura que nós temos hoje, de termos equipe de apoio em todas as fases de treinamento da seleção. Uma coisa que também evoluiu. Acho que a tendência é sempre evoluir mais. Esperamos que o futebol tenha um... com essa paraolimpiadas tenha uma divulgação que coloque mesmo o esporte futebol onde deveria se colocado. Sempre em primeiro plano. Pro Brasil, em primeiro vem o futebol, então nós gostaríamos que os deficientes também o futebol fosse o carro chefe de tudo e támo brigando para isso. Não tenho muita coisa para falar não.

E6

1. Quando você nasceu?Onde?

No dia 22 de julho de 1978. Nasci aqui no Rio de Janeiro na parte de São João de Miriti.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Eu participo do Instituto Benjamim Constan. Eu ingressei no Benjamim Constan em 1990.

3. Quando você ficou deficiente? Por qual motivo?

Em 1981. Eu nasci, vamos dizer assim, normal, sem nenhum tipo de deficiência. E a deficiência foi causada aos 2 anos e 11 meses por uma alergia na pele.

4. Quando você teve o primeiro contato com esportes? Com que modalidade esportiva?

Na verdade mesmo quando não conhecia o Benjamim Constan, eu sempre falo, eu tive uma infância normal. Então eu brincava lá com meus irmãos, botava um saco na bola e brincava lá. Brincava de qualquer coisa: pic, bola, coisas de crianças mesmo. Daí já queria porque queria jogar futebol e outras coisas mais de ta ingressando no meio esportivo. Então em 199... em 91, eu já tinha 11 anos. De 11 para 12 anos eu já comecei lançando pelota.

5. Quais modalidades esportivas que você já praticou?

Bem, como eu já falei, comecei na época, era pequeno ainda então lancei pelota uma vez no maracanazinho e até na classificação fiquei em penúltimo lugar. E a gente participou os 2 juntos. Daí, a gente começou, gostei da parada e dei... e continuei jogando bola. Comecei a jogar bola no Benjamim como os meninos lá. E em 1993 comecei a jogar goalball, futebol e o atletismo. Corri, correia 800e 1500. Daí comecei a fazer essas coisas. A nível de ta indo disputar campeonato em 93. Já fui para um campeonato de atletismo em Campinas. Em 1994 comecei o campeonato de futebol e depois comecei a praticar também judô, jiu-jitsu participei também um tempo e o remo, também. Hoje em dia eu to com o futebol, o goalball e o remo.

6. Foi em 91 que você teve o primeiro contato com o futebol para cegos?

Não, foi em 1992, no Benjamim.

7. Desde então você participa dos campeonatos regionais?

Não. Na verdade eu não tinha idade para ta participando e também não tinha muita dificuldade no Benjamim a nível de ta viajando. Passagens e tal. O grupo também era muito mais velho que eu. Eu tinha 13 anos e a galera já tinha 29, 30. Começamos, eu, Sandrinho, que ta na seleção também, e tinham os meninos que eram mais novos, Felipe, bem mais novos. E a gente começou, na verdade eu comecei a ir pra campeonatos de futebol em 95.

8. Mudou muitas coisas no futebol desde então?

Na verdade antes de eu ir para campeonato, eu tinha muito medo porque o que pregava pra gente era que em campeonatos existem muitas pancadas. E a gente era muito franzino, e eu morria de medo. Depois do meu primeiro campeonato, eu não vi nada disso, eu vi que era o futebol. Que obviamente havia trombadas como qualquer futebol tem. É um esporte de contato. E a gente foi pegando experiência com o tempo, criando umas técnicas, aprendendo mais que só ganha com o tempo. A gente foi tendo mais noção da quadra, vendo o pessoal mais velho jogando e daí a gente também tava. O nosso próprio treinador cria novas jogadas, novos tipos de treinamentos e ia passando pra gente. Nós éramos novos ainda, então, ele tinha noção de que pouco a pouco nós, a gente ia pegando tudo.

9. E as mudanças com relação as regras?

É...assim, muito a gente não gosta, mas eu gostei. Teve mudanças...antigamente não tinha chamador e nem a banda. Realmente se você pegar alguma fita de um jogo que não tinha banda, era muito lateral. Bola saía pra lá, saía para cá... e hoje em dia não tem. O pessoal reclama muito que descaracterizou o futebol, mas na minha opinião, infelizmente tem que ser desse jeito, tem que ter a banda mesmo. E o chamador auxilia bastante para o atacante estar acertando o gol.

10. E a obrigatoriedade da venda?

Não digo nem a obrigatoriedade da venda, eu digo a obrigatoriedade do tampão, porque sempre foi... o jogador sempre foi obrigado a usando a venda só que algumas pessoas burlavam olhando por baixo. Alguns entravam como B2, dizendo que era B1. Então enxergavam aproximadamente até 10%, e isso fazia uma diferença muito grande pra ta desviando do zagueiro ou vendo pelo menos o vulto da bola e daí levava uma vantagem enorme. Hoje em dia com o tampão já não tem essa diferença.

11. E a organização dos campeonatos?

É assim...a nível de organização a única coisa que tenho a reclamar, assim, comentar, é sobre a gente ta ficando em alojamentos grandes e com outras equipes num mesmo quarto. Porque eu acho que pra um atleta desportivo de alto nível, de rendimento, você tem que éter um mínimo de descanso possível. E quando você tem outras equipes, outras pessoas de diferentes hábitos, você não alcança isso.

12. Em relação a distribuição regional sul, centro...?

Também acho que tem coisas erradas. Também porque se você for pegar , bem assim, se vem aqui pra regional sudeste, você vai pegar, vai ter no mínimo um brasileiro aqui. Equipes fortes aqui: ADEVIBEL, CEIBC, CESEC, UNICEP...então tem pelo menos 4 equipes muito boas. Se você for pro nordeste ou pro centro-oeste, você vai encontrar uma equipe boa. E á a mesma quantidade de vagas. Então ta meio errado isso.

13. Como você acha que podemos sanar esse problema?

Pela classificação no brasileiro de repente seria uma das coisas.

14. Você acha que houve um crescimento qualitativo, melhoras na de jogo com o crescimento quantitativo? Por quê?

Aí eu não sei. Porque se você for pensar em jogo, e se você de repente olhar a seleção de 97, 98. Não mudou muita coisa. De repente algumas pessoas saíram da seleção pela idade e essas pessoas jogavam. Essas outras que entraram no lugar dessas pessoas que fizeram essas trocas já jogavam, entendeu? Então, não foi em visto dessas outras pessoas terem vindo a entrada no futebol que melhorou.

15. Em relação as entidades que estão começando a participar no campeonato.

Eu acho uqe falta qualidade do técnico. No técnico porque você vê algumas equipes com vontade mas daí você vê a deficiência é no técnico que não passa as aulas, as táticas, a parte técnica para seus atletas. De repente chega na quadra na hora do treinamento larga a bola e não treina fundamento, não treina nada disso pro futebol de cinco que é mais do que necessário. Se já pra quem enxerga tem que treinar bastante o fundamento pra quem não enxerga então...porque tem que ter...igual falei, noção de quadra, tem que saber onde o outro vai estar, pra não ta aquela gritaria em quadra, matar no lance a bola no pé... Se pensar bem, o passe no futebol de cego é muito importante porque o cara além de não enxergar tem que passar a bola mais perto possível, então isso é um fundamento que tem que treinar, de defesa e tudo. Então vejo que a deficiência maior não é do atleta. Se você for ver o campeonato vai se no atleta porque o car não joga nada, não sabe nem se movimentar em quadra ou da um passe. Mas na verdade é nos técnicos.

16. Desde quando você faz parte da seleção?

Olha só, em 95 eu viajei para Argentina pro goalball, só que lá teve um torneio de futebol e eu fui convidado e eu participei lá. Inclusive, vamos dizer assim, o lendário Mário Sérgio fazia parte da seleção e fui convidado. Joguei na equipe, fui titular, graças à Deus, e daí eu não voltei, fiquei for a 96, 97 ... Voltei em 2000, de lá pra cá eu participei de vários campeonatos, participei do mundial em 2000 na Espanha, fomos campeões. Participei da Copa América em 2001, também fomos campeões, também. Um, dois amistosos Brasil x Espanha aqui no Rio. Em 2002 participamos de um torneio na Grécia. Da Copa IBSA, lá na Coréia, fomo vice-campeões. Do mundial que foi aqui no Brasil, o terceiro mundial foi no Brasil. Ficamos em terceiro colocado. Em 2003 o campeonato que teve que eu fiquei de fora, que foi a Copa América, foi na Colômbia e eu fiquei de fora. E esse ano eu participei da Copa IBSA, a gente foi campeão na Argentina. E agora, graças à Deus, a gente ta indo pra paraolimpiadas.

17. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Na verdade o futebol é o esporte que mais trás pessoas, mas cegos a estar participando e depois de uma paraolimpiadas vai aumentar a quantidade de pessoas nesta pratica desportiva. Creio que vai trazer mais pessoas pro meio, do nosso meio, vamos dizer assim, deficiente visual. De repente melhore naquela questão que

estava comentando antes de técnicos. De repente aquelas pessoas que são técnicos de futebol de pessoas normais vão também colaborando com cegos junto conosco. E outra coisa, muitas e muitas pessoas não conhece o futebol, quando ouve comenta: pó você joga bola mesmo não enxergando? Jogo. E vai ter uma procura maior de pessoas indo pros campeonatos e torneios e ta vendo isso em sua cidade ou mesmo pessoas pedindo pra ter apresentações em suas faculdades ou mesmo as entidades.

18. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

Eu acho que ta tendo uma atenção bem maior, hoje a gente ta sendo reconhecido como atleta. Porque no começo não era desse jeito. Você ia pros campeonatos realmente numa força de vontade e chegava lá não tinha aquela organização. Hoje em dia já em termos de organização melhorou muito. Eu devo até fazer umas considerações, meus cumprimentos ao Jonas, é um cara que entrou na ABDC e as coisas começaram a melhorar muito. Na ABDC depois que o Jonas entrou, e também o esforço do David, hoje também na ABDC e varias pessoas, e também, hoje, esse apoio que a gente tem da Lei Piva. Então tem melhorado bastante pra gente ta praticando esporte. A liberação de bolas que a gente tinha que comprar, hoje, as bolas são gratuitas. E daí pra diante.

19. Quais as suas perspectivas?

Queria pro futuro, de repente, próximo mais campeonatos a nível nacional porque você participa de um campeonato de repente no regional você, a sua equipe não classifica nem para série B e fica fora. Mesmo classificando, vamos dizer, pra série A você vai participar de dois campeonatos. Você indo pra seleção, então, é muito pouco. Deveria de ter assim...hoje não pode a nível de dinheiro, não tem verba pra isso, mas deveria de ser aquele lance de você ta indo lá jogando na cidade da outra equipe, outra equipe vindo aqui e assim rodando o ano inteiro como acontece no normal. Que foi a super liga que teve mas não deu certo pelo fato de não ter dinheiro.

20. Comentários?

Não... eu acho melhor a gente esperar, igual eu falei, esperar passar as paraolimpiadas, que se Deus quiser a gente vai ser campeão. As coisas vão estar melhorando pro nosso lado, não só para o futebol, mas o futebol como carro chefe da ABDC. As coisas vão estar melhorando para o movimento de cegos no Brasil.

E7

1. Quando você nasceu?Onde?

09 de maio de 1957 em Paranaguá, cidade do litoral do Paraná.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Hoje eu estou atuando como professor e politicamente como presidente do Instituto Paranaense de Cegos do Paraná em Curitiba.

3. Quando você ficou deficiente? Por qual motivo?

Eu fiquei deficiente em julho de 1960, quando eu tinha 3 anos, a partir de um acidente aeromodelismo.

4. Quando você teve o primeiro contato com esportes? Com que modalidade esportiva?

Olha o meu primeiro contato com o esporte propriamente dito se deu desde pequeno. Mas não com pessoas deficientes visuais. Eu a partir dos meus 10, 11 anos, eu já gostava muito da pratica desportiva, então eu já estava atuando dessa maneira com pessoas com visão normal, aí de maneira lúdica. O contato com a participação esportiva com pessoa cegas se deu no inicio da década de 70. Em 71 quando eu passei, 71, 72 e 73, portanto três anos da minha vida escolar, interno no Instituto Padre Chico. Um instituto especializado em deficiência visual na cidade de São Paulo.

5. Quais modalidades esportivas que você teve contato?

Futebol em primeiro plano, nessa época o futebol de salão, depois o atletismo e o goalball.

6. Em 71 já era futebol de salão?

Sim, na verdade em 70 e em 71 havia ainda uma regulamentação desta modalidade para deficientes visuais, então de maneira lúdica nos brincávamos de jogar futebol de salão. Já que se praticava nessa época, nesse colégio que eu citei, em pátio que havia uma cancha de futebol de salão. Uma cancha aberta que era o nosso pátio de brincadeira. Então nesse momento nós atuávamos nessa quadra de futebol de salão. Ali mesmo, eu comecei a ter contato com o atletismo, com conhecimento o que era e o que não era. E mais tarde, bem mais tarde, com a modalidade de goalball.

7. A partir de quando você começou a participar de campeonatos de futebol?

Olha, o meu primeiro contato com uma competição esportiva entre deficientes visuais se deu em novembro de 1980. Quando, nas olimpíadas APAEs o Paraná, através da Associação de Deficientes Visuais do Paraná, aliás minto... Associação de Pais e Amigos de Deficientes Visuais, APADEV, nós fomos convidados pelas APAEs a

participar de uma competição. Nessa ocasião, essa competição se realizou em Curitiba e lá participaram também equipes do Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Ceará, Belém do Pará e eram essas pelo que eu me recordo. Assim, as equipes que participaram desta olimpíadas da APAEs como convidadas para modalidade futebol, exclusivamente para deficientes visuais. Nessa ocasião, inclusive, uma das curiosidades que também o goleiro era deficiente visual total em algumas equipes. Outras, como a nossa, o goleiro era deficiente visual parcial. Categoria hoje que nós conhecemos como B2 /B3. Ainda nessa época, nessa data, no final do ano de 1980, nós começamos a vislumbrar a possibilidade da realização de torneios, campeonatos entre deficientes visuais sem a participação das APAEs, por exemplo. Então nós, nesta ocasião, no final do ano de 80, depois desse contato com outras entidades, nós fomos, a equipe do Paraná, quando digo nós, fomos convidados para que no dia 13 de dezembro de 1980, nós fizéssemos uma partida de futebol amistosa em Santa Catarina, em Florianópolis. Partida essa que se realizou em Lagoa Iate Clube, conhecida por LIC, lá em Florianópolis. Então a partir dali eu pessoalmente comecei a me envolver mais com a organização. E o que eu tive essa veia esportiva dede pequeno, começamos a participação, o contato como outras entidades e até mesmo vislumbrando a chance da organização do desporto de cegos. Em 1981, em janeiro de 1981, nós fomos convidados pela ANDE (Associação Nacional de Desporto para Excepcionais) presidida, na época, pelo Sr. Aldo Micoles, fomos convidados para uma reunião em Curitiba que preparava os jogos nacionais da ANDE para o ano de 81. Também que seria realizada, também, em 81. E naquele momento, em janeiro de 81, juntamente com o Sr Venceslau Padilha, o senhor do Rio Grande do Sul, hoje infelizmente já falecido, começamos a organizar, ou começamos a imaginar a chance de ter a ABDC, que na época não se pensava nesse nome ainda. Mas, enfim, em uma organização nacional que pudesse congregiar as equipes que participavam do desporto para deficientes visuais. Depois disso em, após essa reunião, nós criamos, ou pelo menos, idealizamos os campeonatos, ou torneios Sul Brasileiro de futebol de salão para deficientes visuais. Que diga-se de passagem, foi realizado o primeiro dele em março de 1981, na cidade de Porto Alegre. Ainda com bastante variações nas regras. Ainda com discussões de qual seria a bola adequada. A bola, porque nas entidades nacionais a bola tinha diferenças, não que elas não fossem redondas, mas principalmente no que se referia o guizo, o produto que produz o som, né, tinham muita diferença. Nessa época, como tava te dizendo, nós jogávamos já em Curitiba com uma bola que tinha guizo interno, guizo este que foi trazido, foi mostrado a nós pela primeira vez em 1980. No final dessa competição, lá de Curitiba, das APAEs, bola que era produzida pelo professor João Ferreira, que era um professor de Recife, estado de Pernambuco. E lá no Rio Grande do Sul, por exemplo, ainda era uma bola que tinha um guizo por fora, guizo externo com tampinhas. Aqueles chocalhos, vamos dizer assim, que tinham umas tampinhas de garrafas que eram presas em uma argola, presa essa argola na bola. A partir dessas discussões nós começamos a realizar esses torneios, esse Sul Brasileiro que citei. Que foi primeiro em março, depois o segundo também, o segundo torneio organizado foi o de 82, também na cidade de Porto Alegre/RS. Porém, com a participação de alguns outros convidados além do sul, além da região sul. Já participaram o Rio de Janeiro, através da cidade de Campos. Participou, também, a equipe de Espírito Santo. Então se fez um Sudeste Brasileiro, vamos dizer assim. E de lá pra cá a organização teve bastante evolução até chegar no que é hoje.

8. A ABDC foi fundada em 1984, porém o primeiro campeonato brasileiro aconteceu somente em 1986.

Eu diria que , pode ter sido considerada a I Copa Brasil de futsal em 1986, na cidade de São Paulo, em Pacaembu. Mas antes disso já haviam outros torneios nacionais. Em 1981 junto a ANDE, naquela competição que eu citava, nós já tivemos um torneio nacional em Curitiba, nessa ocasião. É, em 84, aliás, em 83 também tivemos além de outros Sul Brasileiro. Aliás, minto, em 84 tivemos o Sul Brasileiro, também, jogos nacionais para deficientes visuais. Em 84 depois em 85. É, mas não tenho dúvida, a I Copa Brasil foi organizada em 1986, você tem razão.

9. Antes dessa data como eram os campeonatos?

É, nós participávamos, como eu te disse, nessa ocasião, junto a ANDE. E que se tornou jogos nacionais para deficientes visuais, onde outras modalidades também participavam. O atletismo, a natação. Então, especificamente do futebol de salão, a primeira vez que se separou das demais modalidades foi em 86 na Copa Brasil.

10. Como foi a sua vida como atleta? E como um dos responsáveis pela fundação da ABDC?

Olha, eu sempre participei muitos com o esporte como um todo. Então o futebol era mais uma das modalidades que eu praticava. E nessa época, nós estávamos voltados para o atletismo, já que quando na realidade, na inauguração, na fundação da ABDC, em janeiro de 1984, a nossa previsão era da participação. Nossa proposta era da participação na paraolimpíadas de 1984, realizada em Nova York. Então, até então, eu só trabalhava com o atletismo e o futebol era uma modalidade que eu diria, não vou dizer secundária, até porque o futebol foi o carro chefe para o desenvolvimento das demais esportes. O futebol foi o que puxou as outras modalidades,

então eu fazia, treinava o atletismo, vamos dizer, não financeiramente, mas treinava profissionalmente pela vontade. Eu tive a satisfação e a grande honra mesmo de ser treinado a partir desse ano, de 84, quando eu fui a paraolimpíadas, estar treinando com uma equipe olímpica da Universidade de Gama Filho. Então lá eu fui trabalhar, inclusive tive, como eu disse, a honra mesmo de ter trabalhar com o professor Nelson, professor Nelsinho e o professor Carlos Alberto Lanceta. Então eu treinava atletismo de segunda a sábado e o futebol de salão jogava, nós treinávamos também, um ou duas vezes por semana. Mas de qualquer maneira, eu comecei a participar desde 80, naquelas olimpíadas da APAEs. Em 81 nos torneios Sul Brasileiro, 2, 3, em 83, 84 e de lá pra cá eu vim participando de todos os campeonatos nacionais de futebol, futebol de salão. Até meados de 90, quando eu decidi, vamos dizer assim, abandonar as quadras competitivamente, até hoje. Na verdade Dani, nós, todo começo da própria ABDC foi bastante difícil e nós atuávamos em todas as posições, eu era jogador de futebol, eu era corredor e ao mesmo tempo fui presidente da Associação de Deporto para Cegos. Então era bastante curioso em algumas ocasiões quando até minutos antes do início das competições eu era presidente, então ao chegar na competição eu me licenciava para poder competir. Então eu participei ativamente nesse processo, nesse movimento, da criação da Associação Brasileira e do desenvolvimento do desporto como um todo.

11. Faltam alguns registros do início da década de 90, o que você se lembra desse período?

Bem, no que se refere a organização, eu posso te afirmar que nesse período nós já estávamos buscando a regulamentação do futsal, né, o futebol de salão no mundo. Nós tivemos em 1988 um convite da ONCE (Organização Nacional de Cegos da Espanha) para participação da nossa equipe no cinquentenário dessa ONCE. Então fomos a Espanha com uma equipe brasileira, uma equipe de uma seleção brasileira atuar nesse torneio como alguns outros países, além da Espanha também. Lá, acabamos detectando que as regras que nós utilizávamos no Brasil, que eram as mesmas regras utilizadas pelas pessoas com visão normal, pelos videntes, não eram as mesmas utilizadas na Espanha e em alguns outros países também. Então em 1989 nós tivemos uma reunião de alguns países na Venezuela, na cidade de Maracaibo, onde buscava a regulamentação plena no mundo do futsal. Não se conseguiu. Depois de um tempo de reuniões, as coisas ficaram decididas, mas não foi em frente. E em 90, eu confesso pra você que eu não me lembro o número de participantes, mas o campeonato brasileiro de 1990 que foi ganho pela Associação Atlética de Deficientes Visuais, essa de Curitiba, a AADV, na qual inclusive eu atuava. Nós tivemos a participação de, não posso dizer o número exato... (13 equipes)... 13 equipes, então você já me informa um pouco melhor aqui, de 1990. Depois disso, em 199... (15 equipes)... 15 equipes realizado em.... (Campos)... em Campos, tem razão, tem razão. Nessa ocasião, estou me recordando bem agora, a minha equipe no caso ADEVIPAR foi a vice-campeão. E depois em 92, na cidade de Campos, aliás, de Vitória, não posso dizer o número exato mas também corria nessa média entre 13 a 15 equipes. (3 já se realizou no Pacaembu, a competição, também, com a participação mais ou menos desse número de equipes. Na verdade a média de e equipes, de participação das equipes girava em torno de 12 a 15 equipes. 94, foi o ano que se não realizou-se a competição nacional, alguns problemas políticos impediram que essa competição fosse realizada. Depois em 95...95 eu não me lembro.

12. Como era a prática do futebol, tecnicamente e taticamente quando você começou a jogar? E como é hoje? O que mudou na prática desta modalidade?

Na verdade, as modificações elas se deram principalmente pelas modificações das regras, até porque, até 199... Até inícios dos anos 90, 93, 94, nós não nos utilizávamos das bandas laterais. Banda que hoje existe para evitar a bola ir para lateral. Então era um jogo um pouco mais lento, já que você, para que ao dominar a bola dentro dessa quadra, você teria que dar os passos, principalmente, mais lento porque se não ficaria mais difícil ou era mais difícil de você dominar a bola antes que ela fosse para a lateral. Então, eu creio que esta evolução, esta mudança ela se deu principalmetne através da mudança da regra. Do estabelecimento dessa bandas laterais, do estabelecimento da obrigatoriedade do aviso quando o defensor vai em direção a bola. Hoje, sabemos que todo defensor ou toda pessoa que vai em direção a bola ela tem que pronunciar monossílabo, o voy (grifo da autora), eu, estoy, qualquer coisa assim que avise que ele está indo de encontro com a bola. Nessa época não existia isso, então, de uma certa forma era uma situação um pouco mais perigosa porque os choques aconteciam com mais facilidade. Mas também, obrigava a muitos jogadores serem mais rápidos no domínio, mas rápidos na percepção da aproximação dos adversários. Então eu creio que houve sim uma evolução técnica no que se refere ao dinamismo do jogo. Mas também uma diminuição um pouco da preocupação dos jogadores em acertar um passe mais milimetricamente, acertar um passe mais correto, mais próximo de seu companheiro para que ele possa receber essa bola. Hoje qualquer bola que você jogue pros lados da quadra, ele não sai para lateral, então, hoje um passe já não tem aquela preocupação de fazer com que a bola chegue ao seu companheiro de maneira que ele possa receber. Você pode até mandar um passe mais forte que ela vai passar por ele, vai bater nessa banda lateral e ele terá condições de ainda ir atrás dela, receber ou alguma coisa

assim. Então, eu diria que nós tivemos também uma evolução física, uma evolução no preparo físico. Até porque com essa bola não saindo pela lateral, pelas laterais da quadra, ela torna o jogo muito mais dinâmico, muito mais rápido e muito mais duradouro. Não o tempo, mas pelo menos a bola em jogo. Então a preparação física do atleta, o atleta se obriga a ter um preparo físico melhor se não ele não terá condições de acompanhar. Então eu creio que estar foram as evoluções ou pelo menos as diferenças básicas que a gente sente.

13. E com relação ao goleiro e ao chamador?

Ah...sem dúvida, nos primeiros momentos do futsal os goleiros eram de visão parcial, com deficiência visual parcial, o que como eu disse chamávamos de B2/B3. Isso obviamente facilitava para os jogadores de linha porque muitas vezes até o goleiro, com a visão reduzida, acabavam não tendo a percepção principalmente dos chutes de longa distância. Muitas vezes o goleiro só percebia a bola quando estava se aproximando e aí não dava tempo para que ele pudesse agir nessa defesa. Ao mesmo tempo, também era um risco maior, porque a bola ao bater no rosto de um destes goleiros. Ele teria um risco maior até da perda da visão, já que ele não conseguia perceber com muita clareza, essa bola se aproximava e tínhamos esse problema. Hoje, com o acesso dos goleiros com de visão normal, o jogo ficou, vamos dizer assim, mais difícil para que você pudesse realizar gols. Por outro lado com a limitação da área de ação desse goleiro, também trás a ele um prejuízo. Na nossa época o goleiro de visão parcial ele podia agir, atuar em toda a área da quadra de futsal. Hoje não, os nossos goleiros têm uma área reduzida de dois metros para frente do gol e um metro para lado de cada poste. Então ele também tem essa visão, essa ação reduzida e dificultada. Mas eu creio que hoje nós podemos, temos mais, vamos dizer assim, mais agilidade até na reposição de bola, no passe desse goleiro, no lançamento desse goleiro. Então na verdade eu creio, assim, principalmente na segurança daqueles goleiros com deficiência visual parcial, eu creio que essa mudança veio a favorecer o desporto.

14. E o chamador?

Olha, o chamador, eu particularmente creio que ele possa ajudar, mas muitas das vezes eles mais atrapalha do que ajuda. Principalmente quando ele não se limita a mostrar ou avisar aonde está o gol. Muitas das vezes esse chamador ele quer também ser um técnico, então ele tenta dizer para o atacante aonde ele deve chutar ou quando ele deve chutar ou se deslocar mais para a direita ou mais para a esquerda. Ele é um auxiliar, porém, eu acredito que ele poderia, a função desse chamador, poderia ser melhor trabalhada ainda. Eu sou favorável, por exemplo, de que tivéssemos um chamador eletrônico, um bipe, por exemplo, que pudesse de quando em vez indicar onde está o gol. Um bipe que não fosse um bipe intermitente, lógico, mais que pudesse ser acionado pelo técnico a partir do banco de reserva de um controle remoto. Então, ele daria um toque, ele acionaria esse bipe, que quem sabe, por duas ou três vezes pudesse produzir um som. Então em dois ou três segundos ele comunicaria, avisaria aonde está o gol para o atacante. Nós, por exemplo, com essa... adotando essa medida, nós poderíamos fazer com que padronizassem a altura, o timbre, porque muitas das vezes o chamador, um fala mais alto, um se empolga mais, grita, atrapalha tanto o defensor quanto o atacante. E o se humano que está ali assistindo, está participando, se torna um torcedor. Então eu creio que quem sabe, se pudéssemos adotar esse chamador eletrônico, nós pudéssemos padronizar isso. Mas mesmo com essa função de auxiliar, de mostrar aonde está o gol, até mesmo nos anos, na metade dos anos 90, esse chamador nunca foi adotado. Ele foi adotado a partir da mudança das regras, essa é uma cultura que vêm precedente da Europa. A Espanha que usa, que se utiliza muito desse chamador. Aqui no Brasil nós não utilizávamos, e até no começo, posso lhe dizer que houve uma resistência muito grande dos jogadores brasileiros aceitar esse chamador. Até entendo que o jogador brasileiro não precisaria ser teleguiado.

15. Você considera essas mudanças positivas?

Olha, eu acredito sim que teve aspectos positivos, mais ainda, acho que poderia evoluir um pouquinho mais com essa questão do chamador eletrônico. A banda lateral, eu acredito que mesmo diminuindo um pouco a qualidade técnica dos passes, alguma coisa assim, foi algo que tornou o futebol para cegos muito mais dinâmico, muito mais rápido, muito mais dentro de quadra. Tinha momento, quando não havia essa banda lateral, por exemplo, tinha momento com equipes um pouco menos qualificada que a bola ficava mais fora de quadra do que dentro da quadra. Então eu acredito que sim, essas modificações vieram melhorar o desporto, vieram desenvolver sim o desporto para cegos no futebol.

16. Como eram organizados os campeonatos de futebol para cegos no Brasil quando você começou a se envolver com essa modalidade? E como é hoje?

É na verdade, as situações são sempre levadas pelo momento do país, momento financeiro onde o número maior de equipes participava ou momento em que o número pequeno participou. Então na verdade a organização do desporto, a organização dos jogos, eu creio, que ela se dá principalmente pela situação momentânea do país, e da própria organização nacional do desporto para cegos, no caso ABDC. Então nos finais dos anos 90 nós tivemos a criação da Liga Nacional. É 2000, no começo do ano 2000, do século novo.

Aliás, no final do século passado. Então a Liga Nacional foi algo que teve resultado muito bom pôquer as equipes jogavam entre si, visitando outras equipes. No caso, sempre tínhamos a participação da equipe do Paraná, Santa Catarina e vice-versa. E outros estados também, outras equipes faziam isso. Essa foi uma experiência muito boa porque obrigava essa equipes a participar, a treinar mais tempo, já que participava o ano todo dessa competição. Essa Liga, nós tínhamos a cada mês um jogo ou dois jogos. Iriamos jogar em outras cidades, jogávamos duas vezes depois vinham jogar na nossa cidade. Jogávamos também duas vezes. Porém, as condições financeiras das entidades, as condições da própria ABDC não permitiram que tivéssemos a continuidade. Então, eu diria a você que a própria organização...(interrompido pelo barulho das pessoas que estavam passando)... Então como estava te dizendo, essa participação da liga foi algo bastante benéfico, no entanto, pela ausência dos recursos financeiros acabou que essa liga não vingou. Mas como eu disse a organização sempre foi feita da melhor maneira possível de acordo com as condições financeiras do momento.

17. Ano passado, em 2003, houve a série A e B da Copa Brasil...

É...houve uma tentativa em 1990, 91, nós tivemos uma tentativa dessa realização de uma série A e série B. Nesse ano, ano passado, vamos dizer assim, nós já tivemos uma experiência concreta e que evitou...(interrompidos novamente pelas pessoas que estavam passando)... Onde parei?...Foi como dizia, no ano passado essa experiência se concretizou. Eu creio que essa experiência foi bastante válida até porque permitiu que outras equipes e que estejam iniciando no futsal estejam atuando. E principalmente fazendo com que as equipes atuem mais vezes durante o ano. Uma das grandes reclamações, uma das grandes problemas que nós enfrentamos é que as nossas equipes treinam praticamente o ano todo para participar apenas em uma competição que muitas vezes dura 3, 4, 5 dias. Então é muito pouco para quem quer ter algo competitivo no país. Então por isso a questão da liga, a experiência da liga, aquele modelo seria, quem sabe, que atingisse da melhor forma essa participação. No entanto, pela condição financeira que ainda existe, para as melhores condições financeiras nós acabamos adotando essa outra situação. E a questão da série B ou a participação da série A e série B, vem quem sabe premiar aquelas equipes que poderão estar atuando um pouco mais. Mesmo que nós achemos ainda com pouco tempo de atuação, com poucas participações. Mas quem sabe seja o possível no momento.

18. Dos 14 campeonatos que houveram até os dias de hoje, 11 foram realizadas na região sudeste do Brasil, por que?

Na verdade eu acredito que tudo isso é pelo fato da região ser um pouco mais desenvolvida e as condições financeiras desses estados que auxiliam na organização dos jogos. Então eu vejo, eu diria que essa é a condição do país. Já se tentou, ou já se levou campeonatos para outras regiões, região sul, norte, nordeste, mas é a maior facilidade mesmo realizar na região sudeste.

19. No primeiro campeonato, em 1986, tivemos 8 estados representados e em 2003, com a série A e B, tivemos 15 estados representados...

Eu creio que esse seja um ótimo resultado para a participação de outros estados, de outras equipes. Quando você me diz da participação da série A e da série B quem sabe esta seja uma grande evolução, ou pelo menos um resultado muito bom para aquilo que nós queremos que é o desenvolvimento maior, que é o fomento maior do desporto, futebol, no Brasil. Então esse, esse quem sabe seja um dado estatístico bastante importante. O fato de participarmos com 17 equipes, como eu disse, esse é um dado que estatisticamente nos comprova esse fomento e essa organização maior. Mais estados e mais equipes participando. Esse seja um dado estatístico muito bom.

20. Houve um crescimento considerável de pessoas com deficiência visual praticando o futebol hoje? Teve, juntamente com esse crescimento, melhoras na qualidade de jogo? Por quê?

Ah...Eu creio que sim, até porque da quantidade que você busca qualidade. Você pode... se nós tivermos 30 equipes participando, pelo menos, teoricamente, acredita-se que vão haver mais possibilidade, mais oportunidade de buscar novos atletas. Principalmente, hoje, nas categorias menores, vamos chamar assim. Hoje o desporto escolar já é uma realidade nacional. Então já sabemos que temos atletas, jogadores de futebol, se ainda não profissionais, na realidade ninguém é profissional, mas na faixa etária de 14 a 18 anos. Então, acredito que essa seja uma evolução e uma porta aberta para a continuidade do desporto. Do desenvolvimento deste desporto.

21. Em 1989 foi a primeira vez que houve a participação das 5 regiões do país. Em 1999 e 2000 a região norte não participou do brasileiro...

É...nós sabemos que a região do norte e a própria região nordeste sempre tiveram um pouco mais de dificuldade para participar, principalmente pela distancia que separa essas regiões do sul e sudeste do país. E também, pelas dificuldades financeiras que as entidades encontravam. Mas eu acredito que foi apenas um pequeno lapso por essas situações. Pelas distancia e pelas condições financeiras inadequadas dessas entidades.

Claro, também, que as questões da organização dessas entidades também atrapalhavam um pouquinho. Algumas entidades não tinham dirigentes atuantes que buscassem recursos, que buscassem a própria organização, o próprio patrocínio, e assim, por diante. Mas eu creio que tinha sido apenas um lapso momentâneo.

22. Existem várias entidades da região sudeste filiadas a ABDC e pouco da região norte. Como sanar esse problema?

Veja, passa pela própria situação do país, é uma condição de você conseguir levar, lá pra essas regiões o desenvolvimento do desporto. Principalmente fazendo com que essas regiões tenham esse desenvolvimento lá. Então, na verdade, eu penso que o país tenha essa dificuldade. A partir do momento em que nós tivermos um país, uma distribuição de renda um pouco mais equacionada, na verdade, como eu disse pra você, eu acredito que seja a situação do próprio país. Nós do desporto, hoje, já tem sido levado, através da nossa coordenação nacional da ABDC, levando esse desporto para as regiões mais longínquas do nosso país, e até menos desenvolvidos. Mas é claro que, dependendo da situação de cada estado, da organização de cada estado, da condição financeira de cada estado, do reconhecimento dessa pratica pelos nossos dirigentes. Então, mas, eu acredito que é uma evolução natural. Nós, se Deus quiser, conseguiremos sim, fazer com que estados mais distantes, aí como Acre, que já participam. Nós temos uma equipe do Acre que vem participando regularmente, falta em alguns, mas há muito que ela existe, que participa. Nós quem sabe, em pouco tempo, nós conseguimos desenvolver um pouco mais.

23. Você tem conhecimento de entidades dessas regiões que não são filiadas, mas que praticam futebol?

Sim, nós temos conhecimento de vários estados que ainda não estão filiadas, ou que ainda não estão disputando regularmente nessas competições, mas que principalmente, dentro de institutos, dos colégios, dentro das instituições se pratica o futebol. Nós sabemos que hoje não temos nenhuma equipe filiada, por exemplo, do estado de Alagoas, no futebol, mas sabemos que existe futebol lá. A própria equipe do Ceara que participa com pouca regularidade, mas sabemos que existe a participação, mas sabemos que existe o instituto de Fortaleza, ou mais de um até havendo essa participação. Quem sabe, dentro em breve, a gente vai poder ter todos os estados da Federação representados na ABDC, no futebol.

24. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Olha, eu creio que a entrada do futebol nos jogos paraolímpicos é um marco, é algo novo pro mundo, o que significa na minha opinião o desenvolvimento. O primeiro passo para o desenvolvimento do desporto no mundo. Hoje, nós sabemos que existe alguns países da África, por exemplo, que já estão atuando. Inclusive, com bolas fornecidas pelo país através do projeto “pintando a liberdade”. Já estão desenvolvendo esse desporto lá. Então, eu tenho certeza que vai ser um ponto de desenvolvimento muito grande para o desporto no mundo – a paraolimpiadas. E dentro do Brasil, logicamente, porque todo atleta e toda a visão não é diferente. Ele busca chegar no ápice, e o ápice pra todo atleta, sem duvida, é os jogos paraolímpicos. O atleta deficiente visual, se para o atleta sem nenhuma deficiência os jogos olímpicos é a maior festa do desporto mundial, para as pessoas deficientes os jogos paraolímpicos não deixa de ser também essa maior festa do desporto mundial.

25. Você acredita que as conquistas do Brasil, de títulos internacionais da seleção brasileira e dos títulos individuais aumenta o interesse pelo futebol?

Ah...Não tenha duvida disso! Todo jogador, todo ser humano ao praticar alguma coisa, ele busca o melhor, o reconhecimento seu e de outras pessoas. E no esporte, o melhor, o ápice de tudo é você atingir, você chegar nos maiores campeonatos. E o maior campeonato do mundo hoje em dia é a paraolimpiadas. Além dos campeonatos mundiais, a paraolimpiadas é sem duvida nenhuma, onde você quer chegar, é o podium. Você quer chegar lá. Só a participação na paraolimpiadas já é um ganho maravilhoso, e logicamente, hoje no país, nós já sabemos, não é de agora que o Brasil tem como cultura esportiva o futebol muito arregado. E para o deficiente visual não é diferente. Então hoje, essa... existindo a possibilidade de você envergar a camisa da seleção brasileira, de você chegar a campeonatos internacionais, como você disse, de chegar a possibilidade de ser o artilheiro de um campeonato mundial, de um jogo paraolímpico, de um jogo de uma competição sul-americana ou pan-americana. Enfim, você pode atuar com a seleção brasileira é algo, assim, de você sempre buscar. É algo de muito orgulho para qualquer cidadão, e para o deficiente visual não é diferente. Vem acontecendo a partir de 20 anos atrás, quando se ouvia falar em futebol para deficiente visual a pergunta imediata era: “mas como, como é que existe isso? Existe isso mesmo?”. Não que essas perguntas hoje não sejam feitas, mas quem sabe em numero menor. Hoje, a população nacional, população brasileira já sabe que existe, já tem maior conhecimento disso. Então, eu acredito que essa é uma evolução que nós vamos conquistando dia-a-dia, passo-a-passo, principalmente, com o apoio dos meios acadêmicos. Um exemplo muito importante para nós hoje é o trabalho que você, por exemplo, ta executando, assim como outros. Até porque,

até 198... e tanto, 82, 83, nas próprias universidades, nos próprios bancos escolares não se sabia ou não se falava da prática esportiva por pessoas deficientes. Então, o envolvimento científico das nossas universidades é de suma importância porque aí é que estaremos formando novos profissionais com conhecimento da prática esportiva para deficientes.

26. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

Olha Dani, eu diria pra você que essa evolução ela começa, do primeiro momento, quando nós, quando outras pessoas, antes de mim, até porque a gente tem conhecimento que dentro das nossas instituições, dentro de nossos institutos, Instituto São Rafael/MG, Padre Chico/SP, Benjamim Constant/RJ, Santa Luzia/RS, Instituto de Cegos/PR a prática do futebol já se dava desde a década de 50. A cultura nacional, a cultura brasileira que é o que o futebol faz parte, também não excluiu a pessoas com deficiência visual. Então, na verdade, essa evolução se deu desde... começou... essa prática começou a partir da vontade da pessoa cega, que lá trás jogava futebol muitas vezes com lata. Nós temos históricos que dentro dessas instituições muitas das vezes, que não existia bola, não tinha como haver uma bola adaptada, ou coisa assim. Se jogava futebol com latas, tampa de latas, tampa de lata de cera, latinha de leite condensado, coisa desse tipo. Então, a partir de toda essa evolução, a partir desse conhecimento, nós podemos dizer que hoje uma das maiores evoluções, um dos maiores ganhos já conseguidos é um trabalho como o seu. Hoje como eu disse, um trabalho acadêmico, um trabalho de alguém que está se formando em uma universidade de renome nacional e que hoje está se preocupando com essa prática esportiva. Então, eu creio que este seja um dos grandes ganhos de toda essa nova evolução para o desporto, mas o cidadão como ser humano.

27. As perspectivas...

Olha, eu acredito que as minhas perspectivas são as melhores possíveis. Até porque eu todo momento que eu encontro, que eu percebo, ou que eu deslumbro num garoto de 14, 15 anos jogando futebol, pra mim é uma grande vitória. Pra mim é um grande ganho. E logicamente, que as conquistas, as conquistas de medalhas, de títulos e resultados também nos trás muita satisfação. Até porque somos competitivos, não gostamos de perder, somos brasileiros e como qualquer brasileiro no futebol nós queremos estar ganhando sempre. Este ano nos jogos paraolímpicos eu acredito que a nossa equipe que está se preparando tem grande chance de buscar a medalha de ouro. O Brasil é, nós temos três campeonatos mundiais já realizados, o Brasil foi campeão em dois deles. Das quatro competições de Copa América, o Brasil conquistou três. E agora nessa primeira paraolimpíadas eu torço, sonho e trabalho para que nós possamos ser também os primeiros campeões paraolímpicos.

28. Alguma consideração a mais?

Não. Quem sabe parabeniza-la por esse trabalho e até mesmo agradecer a estudante Daniela que se preocupa com esse desenvolvimento do desporto. Eu creio que seja um seguimento novo no país com pouco desenvolvimento ainda. E o seu trabalho, vai sem dúvida nenhuma, enriquecer os futuros profissionais, futuros acadêmicos que queiram buscar informações. Então eu acho que você, como outras pessoas que estão atuando nessa área, outras pessoas que estão ainda se formando, ainda buscando esse conhecimento, são merecedores de elogios porque estão sim contribuindo para a história, estão contribuindo para a evolução do cidadão para o conhecimento do cidadão. Então, parabenizar sim a você e a todos outros estudantes que estão se preocupando com essa área.

Obrigada!

E08

1. Quando e onde você nasceu?

19 de julho de 1970 em João Pessoa/PB.

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

APACE, Associação Paraibana de Cegos, sou goleiro da equipe de futebol de salão.

3. Quando você teve o primeiro contato com o futebol para cegos

Em 1998 a convite do treinador Antonio de Pádua.

4. Antes disso já tinha ouvido falar sobre?

Só tinha visto uma vez na universidade da UNIPE em João Pessoa quando eu fazia o curso de educação física.

5. A partir de quando você começou a atuar como goleiro?

Em 1998, como eu disse, a convite do senhor Antonio de Pádua, eu participei do meu primeiro campeonato brasileiro que foi em Paulínia.

6. E foi convocado para a seleção brasileira em 98?

No qual fui convocado para a seleção brasileira em 98, foi.

7. Além de 98, teve outras convocações?

Tive no ano passado, na Copa América 2003, onde fomos campeões e esse ano, em 2004, para ir para paraolimpiadas.

8. Você como goleiro, tendo a visão normal, como é a sua atuação dentro do futebol para cegos?

É pra mim é um pouco diferente porque eu jogava futebol de salão convencional. E depois do convite do treinador Antonio de Pádua, comecei a treinar com os meninos e vi que tinha um pouco, assim, de diferença pra mim que sou goleiro. E no futebol de salão você trabalha mais para defender a bola, e as vezes também para atacar, porque no futebol de salão convencional você pode sair da área, essas coisas todas. No futebol de salão de cegos, nos temos o limite que é de 2m que é a área nossa, não podemos sair dela. E além de pegar a bola, nós servimos também mais como base de orientação pra a defesa.

9. Desde quando você começou a atuar (seja como jogador, ou como dirigente) no futebol para cegos, você notou diferenças técnica e tática? O que mudou na prática desta modalidade?

Sim, eu notei. Desde 98 pra cá eu notei que o futebol de salão pra cegos tem melhorado a cada ano, tanto na parte física tanto na parte técnica. O pessoal assimilou mais na parte da saída de bola, até o ataque mesmo, o passe, a troca de bola, a parte de orientação deles hoje esta bem melhor que antes.

10. Você é integrante de uma equipe da região do nordeste, como você avalia o desenvolvimento nessa região?

É o futebol no nordeste tá melhorando, antes tínhamos poucas equipes, esse ano mesmo no regional, que foi lá em João Pessoa, agora no mês passado, foi onde nós fomos campeão, teve o maior numero de equipes. Parece que foram 9 equipes, se eu não me engano. E a parte técnica melhorou muito, o futebol de salão que se jogava antes no campeonato nordeste já; a ia certo, a equipe de João pessoa, Campina Grande e a de Pernambuco já se classificando. Mas dessa vez foi mais difícil né, eles tiveram mais dificuldades, teve equipe que se classificou no último jogo.

11. Uma das diferenças do futebol para cegos é a banda lateral...

É, a banda lateral é mais pra ter um limite dos meninos não saírem muito, porque nem todos eles tem a percepção do espaço da quadra. Se fosse assim, se o futebol de salão fosse jogado assim, em mais estados tivesse mais equipes, seria até mais fácil jogar sem a banda. Mas eu acho por enquanto a banda ta sendo um pouco de limite para eles.

12. O que você acha que precisa melhorar na parte organizacional dos campeonatos?

Ah... a organização dos campeonatos, ao meu ver, a cada ano tá melhorando, tanto na parte de... como é que pode se dizer... na parte da estrutura mesmo. Onde nós ficamos, alimentação, todo aparato de, como se diz... fisioterapia, enfermeiro, tudo. Isso eu acho que ta melhorando cada vez mais. Também devido, também, aos patrocínios que a própria ABDC, comitê tem recebido.

13. O que precisa melhorar com relação a estrutura dos campeonatos – os regionais e nacionais?

É, o que poderia ser feito era, não só um campeonato em uma semana, porque a gente vai para o regional e depois do regional daí tem a fase final. Agora ta dividido em 2 categorias, B1 e B...é... série A e serie B, aliás. O campeonato é muito curto, é uma semana só, então quer dizer, você faz um trabalho, você faz um trabalho, vamos dizer assim, em seis meses pra desfazer tudo em uma semana. Enquanto, poderia ser um campeonato mais longo, vamos dizer que poderia ser o primeiro campeonato entre as regiões, entre regiões até poderia ser também.

14. Em 2000 teve a Liga, você participou?

Não. Nós não participamos, o time da Paraíba não participou por falta de patrocínio. Por questões financeiras.

15. Para você, quais são as pessoas ou o que, tiveram papel fundamental para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê? O que essas pessoas fizeram?

É o próprio deficiente visual, ele teve um grande papel, como nós temos hoje. Eu entrei em 98, desde 98 que eu to jogando futebol de salão de cegos, eu escuto falar que começou muito tempo atrás. Através do Vital, que hoje é o presidente do Comitê Paraolimpico, o Mário Sergio também, o próprio David, que hoje é presidente da ABDC, que jogava também. Que ainda joga também, o Miza até fala que ele até bate bola com o pessoal tudo, mas por questão que hoje ele é presidente e a partir... ele fica por fora das quadras né. Mas eu acho que com esse pessoal e outros que estão entrando agora, o pessoal, turma mais novas, ta vendo que o futebol de salão mesmo de cego ta aparecendo mais hoje no Brasil. Ta sendo bem disputado mesmo. Todas as equipes tanto do nordeste, como do sul e sudeste estão se empenhando o máximo. Só o que falta mesmo é um pouquinho da parte financeira mesmo. O governo federal, as empresas olharem um pouco para esse lado, se eles enxergarem, podem até enxergarem mais um pouco, eles vão ver que o futebol de salão, hoje, o futebol de salão de cegos, ele é melhor do Bra... o melhor do mundo. E com o apoio desse pessoal, das empresas, do governo e tudo pode vir

ter até um campeonato brasileiro como se tem o de futebol de campo, que é o profissional. Podemos até chegar um dia sermos atletas profissionais mesmo.

16. Em 1998 teve o primeiro Mundial e você participou...

Sim, eu fui goleiro da seleção, fui campeão. Foi em 98 o primeiro campeonato meu no brasileiro e fui campeão pelo time da APACE. Fui convocado para seleção, nós fomos campeões. Eu fui eleito o melhor goleiro do mundo naquele ano.

17. Como é representar o Brasil no desporto adaptado e ter esse reconhecimento?

É... pra mim foi maravilhoso. Primeira vez que eu tinha participado no campeonato brasileiro, depois a seleção brasileira, o mundial. É só você vestindo a camisa amarelinha mesmo que você vai ver que é muito gratificante. Não existe coisa melhor do que você estar representando seu país, em qualquer esporte.

18. O que é fundamental para estimular novas pessoas, além dos títulos individuais?

O que pode ter mais é as associações trabalharem mais um pouco em prol do próprio esporte, do próprio futebol de salão de cegos, do goalball. Trazer aquela garotada nova pra mostrar. Até tem garotos que ficam cegos depois, enxergaram e depois ficam cegos, mostrar a eles que mesmo eles sendo cegos eles podem desenvolver o que eles tem de melhor. Entendeu? Eles são pessoas que, como nós, nós que enxergamos, trabalhamos mais com a nossa vista, ele não, é mais com a parte da audição. Então eles tem mais percepção do que nós.

19. Como é participar desde 98 nesse movimento, e ver que em 98 teve somente um representante do nordeste e em 2003 teve 5 representantes da região nordeste no campeonato brasileiro?

Eu vejo com bons olhos, né. To vendo que as equipes do nordeste tão se empenhando mais, as associações, os institutos estão se empenhando e dando valor ao esporte. Vamos dizer, ao esporte adaptado, se pode se falar.

20. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

Eu acho que se nós voltarmos de Athenas com a medalha de ouro, eu acho que vai abrir mais espaço para o nosso futebol de salão adaptado. Vai ser a primeira paraolimpíadas como foi o primeiro mundial. Já no primeiro mundial nós fomos campeões, abriu um pouco, mais garotos quiseram participar. Hoje em dia mesmo, como eu sou lá da Paraíba, em João Pessoa, em 98 quando o Pádua me chamou, os meninos já tinham chamado outros goleiros para participarem. Eles as vezes iam para a quadra. Primeira vez que eu fui vê lá o treino, logo cheguei lá tinham 2 goleiros conhecidos meus, tavam na quadra observando só que não desceram. Eles tinham sido chamados e ficaram lá as escondidos,. Como eu posso falar... e não desceram pra ir treinar. Eu cheguei, passei por eles, fui lá falei pro Pádua, ele até me disse que os meninos tinham chamados dois goleiros para irem pra fazer parte também e quando eu cheguei eu disse: “não, os rapazes estão ali em cima, só que não desceram.” Pra você vê como é, eu acho que é um pouco até de rejeição. Mas hoje em dia não, antes ninguém queria, hoje em dia, lá mesmo na Paraíba, o pessoal fica ligando mesmo para o nosso diretor para o Zé Antonio, que é o nosso presidente, perguntando se quem é que ... se eles podem agarrar. Quem ta agarrando. Perguntando se eu ainda to agarrando. Você pode ver que o outro goleiro do time de João Pessoa, da gente, é o Junior, que é de Campina Grande. Também foi goleiro em 2000. Que é do time da APACE, em 2002, veio pro mundial aqui no Rio de Janeiro, que ficou em terceiro lugar. E no ano passado, tava com a gente na seleção e depois foi cortado. Ele podia ta só brasi... Ele é de Campina Grande, ninguém queria agarrar lá em João Pessoa, eu chamei ele de Campinas. Ele veio, ta conosco até hoje. Agora não...lá em João Pessoa tem vários goleiros querendo participar. Então quer dizer, o pessoal viu realmente que o negocio não é brincadeira, que o negocio é sério. Lá mesmo no nosso estado, nós treinamos segunda, terça, quarta, quinta e sábado. Então, quer dizer, estamos de folga na sexta e no domingo. E mesmo com esses treinos, tudo isso, a nossa maior dificuldade é conseguir essa parte de patrocínio, e até ginásio. Porque tem dia que nós vamos treinar e não temos ginásio, nós vamos correr na praia, vamos correr no instituto e no ...

21. OBS: falta informações devido ao extravio de uma parte da gravação em fita mini K7.

E09

1. Quando você nasceu?Onde?

10/10/67 Caitité/BA

2. Participa de alguma instituição para deficientes visuais? Qual?

Sim, hoje eu presido a Associação Brasileira de Desportos para Cegos – ABDC. Que é a entidade que administra o desporto par cegos no território nacional, organizando competições regionais, nacionais, e é a entidade que tem a responsabilidade de representar o Brasil junto a Internacional Blind Sport Federation - IBSA.

3. E antes, quais as instituições que você já participou?

Na verdade, eu comecei a participar do movimento inicialmente em escola, já que estudei no Instituto de Cegos Padre Chico, que é uma escola especializada que ta em São Paulo. E quando eu já estava para concluir o primeiro grau, a gente começou, a gente formou um grupo inicialmente pra jogar futebol e posteriormente se constituiu na entidade CESEC, que é o Centro de Emancipação Social Esportiva de Cegos, onde eu trabalhei durante 12 anos, tendo sido o primeiro presidente.

4. Logo em seguida entrou na ABDC?

Já. É a gente, como CESEC, desde a sua fundação se filiou a ABDC, então mesmo como presidente do CESEC a gente procurava dar apoio, procurava respaldar as principais ações da ABDC. Então, efetivamente, na diretoria da ABDC, eu estou desde 1994, entre cargo de acessória e cargo eletivo.

5. Qual é a causa da sua deficiência?

A minha deficiência visual é glaucoma congênita. Então meus pais perceberam isso quando eu tinha aproximadamente 1 ano de idade. Eles viravam meu rosto para a claridade e eu rejeitava. Então, a minha deficiência é congênita, e vale dizer também, que eu sou o único deficiente visual, hoje, de 12 irmãos. Chegamos a 15. Eu sou o único deficiente visual extremamente realizado e em busca de grandes objetivos.

6. Quais modalidades esportivas que você já praticou?

Na verdade, a minha modalidade, a modalidade que eu mais me identifiquei sempre foi o futebol B1. Então a gente jogava dentro do... começamos a jogar dentro da própria escol, dentro do próprio instituto. E a gente teve a oportunidade também de fazer um pouco de atletismo também. Então basicamente essas duas esportes, mas desparadamente sem comparação, o futebol é a modalidade que eu sempre me identifiquei.

7. Como era a pratica do futebol no Padre Chico?

Era inicialmente, primeiro contato era como lazer, já que a gente tinha o contato com outros garotos, outros amigos nossos que jogavam. E dentro da educação física era uma pratica adotada, era uma atividade. E a bola, vale dizer sofria, tinha n adaptações. Então lá a gente jogava desde garrafa plástica com pedrinhas, latinha, até evoluindo posteriormente bola encapada com barbante com guizo com tampinha de refrigerante, até depois a bola de futebol de salão colada com courinho também com tampa de refrigerante.

8. Quando você começou a participar de campeonatos?

É...na verdade, a partir de 1986, ta. Quando a competição oficial da ABDC foi esse. A gente teve a oportunidade de acompanhar algumas competições informais pela escola em 1978. Houve uma olimpíadas intercolegial envolvendo os principais institutos de cegos do país. Então a gente foi assistir, já que a gente era muito criança ainda. Então em 1986 foi a primeira competição oficial que eu participei.

9. Antes disso não teve nenhuma participação em campeonatos?

Não. Na verdade o que a gente sabe, disso que a gente tem informação era dos institutos que desenvolvia o desporto para cegos e o carro chefe sempre foi o futebol, por sermos inclusive o país do futebol, essa coisa toda. E aí, tinha algumas competições intercolegiais e durante um período a ANDE, que é a Associação Nacional de Desporto de Deficiente, organizava basicamente competições para todas as áreas de deficientes. Então lá cerca de 81, de 81 a 83, então a gente sabe superficialmente dessas competições.

10. Desde que começou a participar, até quando você atuou como atleta?

Atleta! Minha ultima participação foi em 1996. Foi quando a gente assumiu um cargo eletivo na ABDC, e na ABDC não é permitido que dirigente ou que o atleta seja dirigente. Então pra gente poder separar e organizar, e dar a dedicação total mesmo ao cargo e a nossa função, que são de muita responsabilidade.

11. Em 1996 houve muitas mudanças nas regras, você acha que foram mudanças positivas?

Eu acho que sim, de toda forma, independente de todos os aspectos do ponto de vista, da divergência, porque em âmbito internacional cada país desenvolvia o futebol de uma forma. Então para que esse esporte se tornasse paraolimpico houve a necessidade da unificação. Então, para isso obviamente cada um tem que ceder um pouco. Então, se nós ficássemos, nós o Brasil, praticando o esporte, a modalidade como nós o fazíamos, nós teríamos dificuldades, nós não estaríamos contribuindo pro processo, pro futebol ter se qualificado, dessa nossa modalidade, se qualificar para o programa paraolimpico. Além do mais eu, particularmente, eu penso que trouxe mais segurança da questão do “voy”, e a questão da regra eu acho que não prejudicou. A questão da banda, então, eu acho que é um esporte, uma modalidade bastante estruturada.

12. Quais as principais diferenças?

É basicamente... era a questão da banda lateral, ta, que não existia, então se jogava com lateral. O goleiro. O goleiro antes era atleta deficiente da categoria B2/B3 e hoje nós temos o goleiro vidente. Então eu diria que tenham sido as mudanças mais significativas e as mais polemicas.

13. Houve muitas mudanças com relação a organização dos campeonatos, quais foram as significativas para o desenvolvimento do futebol?

É, na verdade o que que houve, todo processo do ponto de vista estrutural, ele tem que ir se adequando. Por quê? Por quê o que nós sempre buscamos? A massificação do esporte para cegos e principalmente como meio de integração. Então a gente vê que o objetivo é que cada vez mais o deficiente visual use esse espaço, tenha conhecimento. Que antes de mais nada é um direito o acesso ao esporte. Por conta disso, por conta do próprio futebol para cego ter sido o carro chefe, então houve a necessidade dessa readequação. Então qual era, qual foi sempre a grande preocupação: que as equipes competiam muito pouco. Nós tentamos fazer a experiência da liga, que foi umas experiência maravilhosa. Só que a nossa realidade, do ponto de vista da estrutura das entidades e até mesmo da ABDC, não permitiu que nós continuássemos. Mas isso está nos objetivos – nós poderemos cada vez mais o nosso pessoal em atividades. Então, as mudanças foi em decorrência disso. Hoje nós temos na ABDC, quase 80 entidades e 2000 atletas. Então, foi basicamente isso. Nós aumentamos o número de equipes, criamos a série A e a série B. Então, seja, porque se não o que acontece, você cria um esporte elitizado, um esporte inacessível, que vai ser um esporte para poucos. Então, foi pensando na questão motivacional, na questão de oportunizar mais a participação.

14. Para você, quem ou o que teve fundamental importância para o desenvolvimento do futebol para deficientes visuais no Brasil? Por quê?

É na verdade, o futebol sempre esteve muito amparado, muito respaldado nos nossos institutos, essa é uma verdade. E a ABDC mesmo antes de mim, a gente pode considerar, que eu to na ABDC com cargo eletivo, na presidência desde 2000. Então, nós tivemos todo um trabalho antes iniciado lá pelo professor Mário Sérgio, Dr. Vital, professor Aldomiro, enfim, forma essas pessoas que idealizaram e começaram a execução deste trabalho. Então foi feito um trabalho muito bacana, muito competente nisso. E o futebol sempre teve, nós sempre tivemos grandes competições.

15. Houve um crescimento considerável de pessoas com deficiência visual praticando o futebol hoje? Teve, juntamente com esse crescimento, melhoras na qualidade de jogo? Por quê?

Houve. Em um aspecto fundamental, até bem pouco tempo atrás, nós tínhamos presença como técnicos de pessoas que não eram da educação física, que não eram especialistas no esporte. Do momento, eu acho que a gente pode dizer que de 1997 pra cá, houve uma proximidade maior com a universidade e aí a UNICAMP foi a pioneira. Então a gente teve a oportunidade de firmar um convenio, ou seja, de formalizar uma relação com a UNICAMP, e juntamente com a UNICAMP, em seguida veio aí, a nossa relação, o nosso vínculo à Universidade Federal de Uberlândia. Então, nós passamos a ter aí, gradativamente nas equipes, o profissional de educação física, que tão importante quanto ensinar jogar bola, ensinar fundamentos é os aspectos atinentes a segurança do atleta. Então eu acho que isso é importante, é a gente buscar, criar esse espaço. E as entidades, entidades pratica, as associações e clubes, enfim, que desenvolvem o futebol estão buscando cada vez mais essa proximidade com a universidade. Então isso, eu acho, que significou um divisor de águas. E no futebol a gente percebia muito isso, ou seja, a ausência da mão-de-obra qualificada. Sem qualquer demérito aos profissionais, aqueles que contribuíram, que foram importantes para essa consolidação desta pratica esportiva dentro do país. E o outro aspecto, sem duvida nenhuma, foi o fato de se tornar um esporte paraolímpico. Então isso teve um significado extraordinário. E agora, acho que a grande meta aí é o processo de renovação. Por isso que a gente vai incluir o futebol, já tá incluso, no programa dos primeiros jogos escolares que vai acontecer esse ano ainda.

16. Retomando o histórico, a ABDC passou por um período de crise e nesse período houve perda de documentos referente ao campeonato. O que você se lembra do período de 92 a 94?

Na verdade houve muita dificuldade estruturais na ABDC, obviamente a ABDC sempre encontrou. E como a ABDC sempre dependeu de recursos governamentais, então tivemos dificuldades nesse ano. Nós temos o objetivo de resgatar toda a essa historia. A gente acha isso fundamental, e o objetivo é que até marco do ano que vêm, com apoio das nossas entidades, dos nossos técnicos, a gente consiga disponibilizar. E vale dizer que o seu trabalho tem sido fundamental para isso. Então as competições...93 eu tenho a impressão que a gente tenha tido um hiato. Agora 92 eu...94 nós tivemos a competição da Copa Brasil, por exemplo 94 foi a Copa Brasil em São Paulo, no Pacaembu, e foi até em julho. Entendeu? Essa foi a Copa Brasil de 94. Em 92, se eu não estou enganado, foi em Vitória, lá em Vila Velha. Então foram essas duas competições e a gente esta empenhado em resgatar todo esse histórico.

17. Referente aos campeonatos brasileiros, na primeira competição, em 1986 tivemos a supremacia de equipes da região sudeste. Já em 2003, tivemos da região nordeste. Por que? O que foi fundamental para o nordeste começar a se destacar?

Na verdade, essas é uma das coisas maravilhosas que tem acontecido. Você vê hoje competições em todas as regiões. Você vê o pessoal do nordeste, muito qualificado, isso se deve aos trabalhos das nossas entidades na região. Em especial, especialmente a APACE e a nossa equipe de técnicos e professores. Então, isso foi

decisivo. E a ABDC definiu, estabeleceu que o nosso país teria que ter um tratamento igualitário. Que o deficiente visual do nordeste, do norte ou de qualquer que seja o local, mais longínquo do país, tem o mesmo direito do que aqueles que estão situados no centro. Nos centros, teoricamente, tem condições melhores, isso no ponto de vista econômico. Então esse foi uma decisão da ABDC e a gente fica feliz porque hoje isso é uma realidade. Hoje você vê e ao mesmo tempo isso desafia as regiões a renovarem, a integrarem. Então isso é algo que nos deixa muito feliz.

18. Qual o fator primordial, fundamental para que houvesse esse crescimento no nordeste?

É foi fundamental: a vontade política, tá certo, da ABDC, o trabalho e, que a partir foram desenvolvidos algumas ações de fomento na região. Então a ABDC trouxe no seu quadro profissionais, técnicos e professores e deu o apoio que eles precisavam. Então isso foi fundamental.

19. Como você acha que podemos sanar a dificuldade de equipes da região norte participarem?

É na verdade, o que falta pra isso...o nosso país é muito grande, então, tá em aí uma alternativa. Acho que já evoluiu bastante, é, a gente nota essa evolução pelo apoio. Que é um apoio exemplar do estado do Acre, a entidade que está lá. Então eu acho que, a nossa entidade filiada da região, acho que isso é fundamental. E o que falta sem dúvida nenhuma é o apoio orçamentário, são recursos para nós podermos, e a partir daí organizarmos algumas ações a nível da região norte. Então seria basicamente isso, falta investimento.

20. O que você acha que pode acontecer com essa modalidade, no Brasil, depois da participação nos Jogos Paraolímpicos? Por quê?

É na verdade, a gente acredita que alguns aspectos são de fundamentais. Eu acho assim, que não só em torno do futebol, mas em torno do nosso desporto. Que todas essas conquistas paraolímpicas possam impactar na vida do deficiente. Então, é inclusive, desses atletas para que eles tenham garantia de uma melhor condição de cidadania com relação aos trabalhos, com relação a escola, enfim, com relação aos aspectos aí do cotidiano, deles enquanto cidadãos. E do ponto de vista do setor esporte, o que a gente espera é o envolvimento e o apoio da iniciativa privada. Já que a gente entende que o poder público já tem feito bastante. Então essa é a nossa expectativa.

21. Faça as suas considerações com relação ao desenvolvimento do futebol para cegos e deficientes visuais no Brasil. De quando você começou a praticar até hoje, e as perspectivas para esta modalidade no Brasil.

É... na verdade eu fico super feliz, eu tive a oportunidade, enquanto atleta de ter sido bem sucedido. A gente participou de várias competições, tive a oportunidade de ser campeão brasileiro em 1995. A gente teve a oportunidade de mesmo em 95 de tá integrando a seleção brasileira que foi campeã Pan-Americana lá em Buenos Aires. E isso pra mim foi super importante. A gente ter tido essa condição de atleta e me sentido super bem. E fico feliz hoje de poder tá lutando, poder tá tendo aí a nossa modesta contribuição para evolução do futebol e do desporto para cegos. Então, eu fico muito assim, grato a Deus por poder fazer parte deste processo. Então, é, sempre buscando assim, modestamente, e pedindo a Deus para ele realmente nos da simplicidade e humildade pra encarar essa responsabilidade com a maior seriedade possível. E sabendo que a gente, nós simplesmente coordenamos um processo.

22. Tem mais algum comentário...

Eu acho assim que ... eu gostaria mais uma vez de ratificar a importância de a ABDC ter com muito bons olhos, né, e nós sabemos o nosso dever de apoiar qualquer trabalho acadêmico. Porque são pessoas que se interessam, é o jovens que se interessa pela área, é o jovem que sente que tem que ter respaldo não só da sua universidade, mas das entidades que gerem, que fazem parte aí da coordenação do processo do desporto para cegos e do desporto paraolímpico de maneira em geral. Então, ou seja, nós somos responsáveis pra que jovens estejam buscando realizar seus sonhos profissionais dentro do movimento. Então isso assim que eu gostaria de estar considerando.